



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

***A CORRESPONDÊNCIA ENTRE PROVÉRBIOS E  
EXPRESSÕES FIXAS NO PORTUGUÊS EUROPEU***

**Sónia Margarida Moreira Reis**

**Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da  
Linguagem**

**Trabalho efetuado sob a orientação de:**

**Profª Doutora Lucília Chacoto**

**2014**

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

***A CORRESPONDÊNCIA ENTRE PROVÉRBIOS E  
EXPRESSÕES FIXAS NO PORTUGUÊS EUROPEU***

**Sónia Margarida Moreira Reis**

**Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da  
Linguagem**

**Trabalho efetuado sob a orientação de:**

**Profª Doutora Lucília Chacoto**

**2014**

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE TRABALHO ACADÉMICO**

**TÍTULO DA OBRA:** A CORRESPONDÊNCIA ENTRE PROVÉRBIOS E EXPRESSÕES FIXAS NO PORTUGUÊS EUROPEU

**NOME DO AUTOR:** SÓNIA MARGARIDA MOREIRA REIS

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria exclusiva, estando os elementos produzidos por terceiros devidamente referenciados.

Declaro, também, que o conteúdo não constitui tradução, reorganização de qualquer forma de manipulação de documentos produzidos por terceiros.

Declaro, ainda, que a Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Faro, 20 de janeiro de 2014

## **Resumo**

O objetivo deste trabalho é verificar em que medida existe uma correspondência entre provérbios e expressões fixas do português. Dito de outra forma, pretendemos listar provérbios portugueses que integram na sua estrutura expressões fixas e, seguidamente, analisar e descrever a categoria gramatical e a função sintática das expressões fixas identificadas. Com esse propósito e a partir da consulta de 12 recolhas, listaram-se 201 provérbios e 215 expressões fixas associadas. O quadro teórico de referência é o Léxico-Gramática, desenvolvido por Maurice Gross (1975, 1977, 1981 e 1988), a partir da gramática transformacional de Zellig Sabbatai Harris (1964, 1968, 1976 e 1991). Procedeu-se à descrição e formalização das principais propriedades léxico-sintáticas destas estruturas, com vista à integração em matrizes léxico-sintáticas. A representação matricial permite não só evidenciar as propriedades léxico-sintáticas da língua (regularidades e exceções), como também poderá ser uma ferramenta muito útil (depois de adaptada) para a análise computacional da linguagem natural.

## **Palavras-chave:**

Provérbios, expressões fixas, Português Europeu, léxico, sintaxe, semântica, *corpus*, processamento computacional da linguagem natural.

**Abstract**

The main goal of this study is to verify if there is a correspondence between Portuguese proverbs and frozen sentences. In other words, we intend to list Portuguese proverbs that combine frozen sentences and subsequently analyse and describe the grammatical category and syntactic function of the identified frozen sentences. Based on 12 collections, we have collected 201 proverbs and 215 associated frozen sentences. This research adopts the theoretical framework of the Lexicon-Grammar developed by Maurice Gross (1975, 1977, 1981 and 1988), based on the transformational grammar of Zellig Sabbatai Harris (1964, 1968, 1976 and 1991). We proceeded by describing and formalizing the main lexical-syntactic properties of these structures, aiming towards its integration in lexical-syntactic matrices. The matrix representation not only allows to highlight the lexical-syntactic properties of the language (regularities and exceptions), but also has the possibility of becoming a very useful tool (after being adapted) for the computational analysis of natural language.

**Keywords:**

Proverbs, frozen sentences, European Portuguese, lexicon, syntax, semantics, *corpus*, natural language processing.

## **Agradecimentos**

É com muita satisfação que expresso aqui o mais profundo agradecimento àqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação.

Gostaria, antes de mais, de agradecer à Professora Doutora Lucília Chacoto, não só por ter aceite orientar esta tese como também pela disponibilidade, pelo apoio incondicional, pelo incentivo e pela cordialidade com que sempre me recebeu, mesmo nas alturas mais difíceis. Acima de tudo, obrigada pela confiança que depositou em mim ao longo do meu percurso académico e por me continuar a acompanhar nesta jornada.

Gostaria ainda de agradecer a todos os professores da Universidade do Algarve com quem contactei, especialmente aos da área da Linguística, por me terem transmitido interesse por estas matérias e por tudo quanto me ensinaram.

Às pessoas do Centro de Estudos Ataíde Oliveira da Universidade do Algarve, pela partilha, pela atenção, e em especial ao Mestre Paulo Jorge Correia pelas informações facultadas.

Ao Rogério, um agradecimento especial, pelo apoio, pela companhia e pela ajuda prestada.

Aos meus familiares e amigos, por existirem.

Muito obrigada.

## ÍNDICE

Símbolos e convenções	11
PARTE I – Introdução	13
0. Breve introdução	14
1. Definição do objeto de estudo	14
2. Pressupostos teóricos	17
3. Recenseamento dos provérbios e expressões fixas	18
4. Constituição das listagens	19
5. Estado da questão	20
6. Os provérbios e as expressões fixas nas gramáticas e dicionários de língua	27
PARTE II – Correspondência entre provérbios e expressões fixas	30
0. Breve introdução	31
1. Elaboração das tabelas	31
2. Tratamento dos provérbios e das expressões fixas em obras da especialidade	37
3. Conclusão	42
PARTE III – Análise léxico-sintática das expressões fixas	43
0. Breve introdução	44
1. Propriedades distribucionais e transformacionais	44
1.1. Construções intrinsecamente pronominais	47
1.2. Construções com negação obrigatória	47
2. As propriedades transformacionais	48
2.1. Pronominalização	48
3. As matrizes léxico-sintáticas	49
4. Descrição das tábuas	55
4.1. Classe P VC1	55
4.2. Classe P VC3	60
4.3. Classe P VC4	62
4.4. Classe P VC5	63
4.5. Classe P VC6	66

4.6.	Classe P VC7	67
4.7.	Classe P VC9	68
4.8.	Classe P VC10	72
4.9.	Advérbios compostos	74
4.10.	Adjetivos compostos	75
4.11.	Conformativas	77
4.12.	Comparativas de superioridade	77
5.	Conclusão	78
PARTE IV – O lugar das expressões fixas nos provérbios		79
0.	Breve introdução	80
1.	O lugar das expressões nos provérbios	80
1.1.	Estruturas dos provérbios	80
1.2.	Expressões fixas que surgem no primeiro membro do provérbio	81
1.3.	Expressões fixas que surgem no segundo membro do provérbio	82
1.4.	Expressões fixas que ocupam todo o provérbio	83
2.	Conclusão	84
CONCLUSÕES GERAIS		85
BIBLIOGRAFIA		89
ANEXOS		
	Anexo 1 – Matrizes léxico-sintáticas	99
	Anexo 2 – Listagens dos provérbios e expressões fixas	120
	Anexo 3 – Expressões fixas incluídas n’ <i>O Grande Livro dos Provérbios</i> de José Pedro Machado (Letra A)	138



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1 – Fragmento da tabela das correspondências entre provérbios e expressões fixas	32
Figura 3.1 – Fragmento da tabela PVC1	50
Figura 3.2 – Classificação das estruturas fixas identificadas nos provérbios	53
Figura 3.3 – Classificação das frases fixas do Português Europeu segundo Baptista, Correia e Fernandes (2005)	54

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1 – <i>Provérbios e EFs n’O Grande Livro dos Provérbios</i>	38
Gráfico 2.2 – <i>Provérbios e EFs em Dicionários de Expressões Idiomáticas</i>	39
Gráfico 4.1 – Posições ocupadas pelas expressões fixas nos provérbios	84

## SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

Os símbolos e convenções utilizados são os seguintes:

*Adj* : adjetivo

*Adv* : advérbio

*C* : constante lexical

*C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub>* : primeiro e segundo complementos (distribucionalmente fixos)

*Conj* : conjunção

*Det* : determinante

*E* : elementos lexicalmente não realizados

*EF* : expressão fixa

*F* : frase

*GN* : grupo nominal

*Loc* : preposição que introduz um complemento locativo

*N* : nome ou grupo nominal livre

*N<sub>0</sub>* : sujeito (distribucionalmente livre)

*N<sub>1</sub>, N<sub>2</sub>, N<sub>3</sub>* : primeiro, segundo e terceiro complementos (distribucionalmente livres)

*Nhum* : marca a posição ocupada por um nome humano ou por uma extensão deste

*N-hum* : marca a posição ocupada por um nome não-humano

*Nnr* : nome não-restrito

*Npc* : nome parte-do-corpo

*Nplural* : marca a posição ocupada por um nome plural obrigatório

*Poss* : possessivo

*Prep* : preposição

*Que-F* : completiva (finita ou infinitiva)

*V* : verbo

*W* : variável que representa uma qualquer sequência de complementos

= símbolo de equivalência entre frases ou estruturas

≠ símbolo de não-equivalência entre frases ou estruturas

≡ símbolo de equivalência semântica

vs marca oposição semântica entre estruturas (antónimas)

\* marca de não-aceitabilidade ou agramaticalidade

(+) separa os elementos que podem comutar entre parêntesis

Operações sintáticas

[Passiva]: Passiva

[Pron]: Pronominalização

## PARTE I – INTRODUÇÃO

## 0. Breve introdução

Os provérbios e as expressões fixas constituem uma parte substancial do léxico de qualquer língua e fazem parte da herança cultural de um povo.

Todos nós usamos provérbios e expressões no nosso dia-a-dia e, por vezes, nem sequer temos consciência disso.

Estas estruturas são muito ricas quer do ponto de vista cultural quer linguístico. Assim, podem ser analisadas tendo em conta a sintaxe, o léxico, a semântica, a pragmática, entre outros aspetos.

## 1. Definição do objeto de estudo

O presente trabalho pretende identificar provérbios do Português Europeu que contêm expressões fixas, analisar e descrever o tipo de estruturas léxico-sintáticas e a função que desempenham. Dito de outro modo, propomo-nos analisar provérbios que apresentam na sua estrutura outros fraseologismos e, por sua vez, observar e descrever também essas expressões fixas. Assim, por exemplo, consideramos provérbios como: *Cada um puxa a brasa (para a + à) sua sardinha* que inclui a expressão fixa: *Puxar a brasa (para a + à) sua sardinha*. Esta expressão fixa, ao ocorrer fora do provérbio, tem uma posição livre – a de sujeito – posição essa que pode ser preenchida por um *Nome humano (Nhum)*. Por exemplo, *A Maria puxa a brasa (para a + à) sua sardinha* e o verbo pode flexionar e ser conjugado noutra tempo verbal: *O Pedro e o Paulo puxaram a brasa (para a + à) sua sardinha*.

Ao analisar as correspondências totais ou parciais destes enunciados, este estudo visa contribuir para o seu melhor conhecimento linguístico.

Será, por conseguinte, tido em consideração o tratamento dos provérbios e das expressões fixas nos dicionários especializados e demais recolhas.

Provérbio é frequentemente definido como um texto breve, produto da tradição oral e representando um saber de experiência feito, através do qual são transmitidos juízos de valor e normas comportamentais.

De referir que, para a caracterização de provérbio, seguimos a proposta de classificação de L. Chacoto (1994) e (2012).

A autora (1994: 27) defende que, para além da fixidez e da idiomaticidade (que pode ser maior ou menor) que caracterizam este tipo de estruturas, os provérbios apresentam uma «morfologia tendencialmente rítmica (carácter oral); uma estrutura analógica (ilustra o discurso); um estatuto normativo e valor genérico».

L. Chacoto (*idem*: 28) refere, ainda, que «a ocorrência de um provérbio no discurso implica uma ruptura contextual e é muitas vezes acompanhada de um identificador formal por exemplo: “dizem os velhos”, “o povo tem em dizer”, “como diz o outro”, “lá dizia o outro”, “lá diz o ditado”, “como diz o provérbio”, “como quem diz”, “costuma-se dizer”, “sempre ouvi dizer”, e demais expressões afins».

No que diz respeito à origem dos provérbios, W. Mieder (1994: 24) e (2008: 17) menciona quatro fontes: a Bíblia, a Antiguidade Clássica, a Idade Média e, mais recentemente, os meios de comunicação social, que muito contribuíram para a divulgação deste tipo de texto. A publicidade, a literatura e a imprensa, por exemplo, incluem frequentemente provérbios quer nas suas formas originais, quer alterando-os, subvertendo-os, amiudadas vezes, com objetivos lúdicos. Não nos vamos alargar em relação a este assunto, uma vez que não é esse o objetivo do presente trabalho.

À semelhança dos provérbios, também as expressões fixas se caracterizam pela fixidez e, em muitos casos, pela idiomaticidade. A fixidez traduz-se pelo facto de estas estruturas não permitirem transformações (operações sintáticas) próprias das construções livres. Assim, em frases como *O Zé bateu a bota* não é possível, nomeadamente, a apassivação: [Pass] =: *\*A bota foi batida pelo Zé*<sup>1</sup>, nem a comutação<sup>2</sup> lexical do grupo nominal com função de complemento direto (*\*O Zé*

---

<sup>1</sup> No sentido metafórico equivalente a *morrer*, não é aceitável a apassivação desta frase.

<sup>2</sup> Entenda-se substituição de um elemento lexical por outro, estabelecendo a correspondência entre estes quando inseridos no mesmo contexto.

*bateu o sapato*), uma vez que se perderia o sentido figurado próprio desta expressão idiomática.

De salientar que muitas expressões fixas são idiomáticas. Quanto à noção de idiomaticidade, M. Gross (1982: 152) considera um teste relativamente operatório verificar se a soma do sentido individual de cada uma das palavras que constituem a expressão não corresponde ao seu sentido global.

Ainda segundo este autor (*idem*: 153), todas as classes de palavras podem apresentar elementos fixos (isto é, compostos) e desempenhar as mesmas funções gramaticais dos elementos simples. Com efeito, em línguas como o francês ou o português, há nomes simples e nomes compostos, adjetivos simples e adjetivos compostos, advérbios simples e advérbios compostos, e assim sucessivamente.

M. Gross (*idem*: 154-155) classifica como verbos compostos os que não podem ser analisados segundo regras que são aplicadas em frases aparentemente idênticas de verbos simples, ilustrando com o seguinte exemplo: «Max a cassé sa pipe (Max est mort)». Neste caso, apenas o sujeito é livre, isto é, só o preenchimento lexical da posição argumental de sujeito pode variar e o seu significado global não corresponde à soma do significado individual dos seus constituintes.

O referido autor (*idem*: 161) faz ainda menção a frases inteiramente fixas, ou seja, as que não apresentam nenhuma posição livre. Nomeadamente, frases como «Les carottes sont cuites» e provérbios como «Tous les chemins mènent à Rome».

Em Português Europeu, também podemos constatar a ocorrência de frases completamente fixas, como é o caso de *Os dados estão lançados*, a par de frases que, apesar da sua fixidez, apresentam posições livres: *O Zé é um amigo da onça*.

M. Gross (*idem*: 161-162) considera que o estatuto das expressões fixas e dos provérbios é claramente distinto e salienta que a intuição linguística do que é um provérbio, reconhecido pelo falante como tal, parece estar ligada ao carácter geral da frase, conferido pelo uso de determinantes genéricos. É esta também a nossa convicção.



## 2. Pressupostos teóricos

O quadro teórico de referência deste trabalho é o Léxico-Gramática.

Tendo em consideração que estão a ser estudados provérbios e expressões essencialmente de um ponto de vista léxico-sintático, este quadro teórico-metodológico, desenvolvido por Maurice Gross (1975, 1977, 1982 e 1988), a partir da gramática transformacional de Zellig Sabbatai Harris (1964, 1968, 1976 e 1991), afigura-se-nos o mais adequado ao trabalho que nos propomos realizar.

Na perspetiva do Léxico-Gramática, a unidade mínima de significado é a frase elementar e não a palavra (cf. M. Gross 1988: 182). Por frase elementar, entendemos as estruturas formadas por sujeito-verbo-complementos essenciais, sendo a estrutura sintática de uma frase determinada especialmente pelas propriedades combinatórias do léxico que a constitui, ou seja, torna-se evidente a existência de uma relação estreita entre léxico, sintaxe e semântica.

A noção de transformação que utilizamos é defendida por Z. S. Harris (1964) e assenta no estabelecimento de classes de equivalência. Estas transformações são operações formais que não afetam o sentido das frases de base. Assim, são consideradas equivalentes, quer sintática quer semanticamente, frases como:

(1) *O Zé comeu a banana.*

[Passiva] = (1a) *A banana foi comida pelo Zé.*

Este tipo de transformação para além de não alterar o significado global das frases às quais se aplica também não altera as restrições distribucionais ou mesmo os argumentos do verbo *comer*.

A relação entre o par de frases (1) e (1a) é designada por Z. S. Harris (1964, 1968) por transformação unária, a par da reestruturação dativa, da permuta de comprimento, da pronominalização, da extração, e do apagamento. Estas transformações originam sempre uma outra frase elementar, distinguindo-se das operações binárias (coordenações, subordinações e relativizações) que combinam duas estruturas elementares para dar origem a uma estrutura complexa.

### 3. Recenseamento dos provérbios e expressões fixas

A fim de proceder ao recenseamento dos provérbios e expressões fixas compulsaram-se 12 dicionários, rifoneiros e recolhas publicadas entre 1974 e 2011.

Assim, para o recenseamento dos provérbios, recorremos às recolhas paremiológicas seguintes:

*Vozes da Sabedoria*, obra coordenada por Maria de Sousa Carrusca (MSC); *Mil Provérbios Portugueses*, de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (CMV); *A Sabedoria dos Provérbios – As Pessoas e as Instituições nos Provérbios Portugueses*, de António Estanqueiro (AE); *O Livro dos Provérbios Portugueses*, de José Ricardo Marques da Costa (JRMC); *O Livro dos Provérbios*, de Salvador Parente (SP); o *Dicionário Prático de Provérbios Portugueses*, de Gabriela Funk & Matthias Funk (GF & MF); *Deus e o Diabo nos provérbios portugueses*, de Guerreiro Vaz (GV); *O Grande Livro dos Provérbios*, de José Pedro Machado (JPM).

De suporte eletrónico, utilizámos a *Diciopédia 2008*, da Porto Editora, que se mostrou uma ferramenta de trabalho muito eficaz pelo facto de nos permitir, de uma forma rápida, fazer pesquisas através de palavras-chave.

Para o recenseamento das expressões fixas, consultámos as seguintes obras da especialidade:

O *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*, de Guilherme Augusto Simões (GAS); o *Dicionário de Expressões Correntes*, de Orlando Neves (ON); e os *Dicionários de Expressões Idiomáticas*, de António Nogueira Santos (ANS).

A fim de atestar a aceitabilidade de algumas das frases fixas das nossas listagens e verificar as suas respetivas construções, foi utilizada a ferramenta de acesso a corpora *Corpus do Português*, de Davies, Mark and Michael Ferreira (2006). Recorremos, ainda, ao motor de busca na Internet *Google*, sempre que se achou pertinente.

Quer em relação aos provérbios quer às expressões fixas, foi tido também em consideração o nosso conhecimento enquanto falante nativa. Desta forma, todas as

entradas que não estão associadas a algum dos autores supracitados são do nosso conhecimento enquanto falante nativa, ainda que não tivessem sido atestadas nas recolhas consultadas.

#### **4. Constituição das listagens**

Para a constituição das listagens, adotaram-se os seguintes critérios:

- a) Foram recolhidos exclusivamente provérbios do Português Europeu;
- b) Selecionaram-se os provérbios que integram na sua constituição interna, pelo menos, uma expressão fixa, quer esta esteja atestada, quer faça parte do nosso conhecimento enquanto falante nativa.

Nas listagens, os provérbios estão ordenados alfabeticamente a partir da primeira palavra gráfica. Aqueles que contêm mais do que uma expressão fixa foram desdobrados.

Foram respeitadas a grafia e a pontuação utilizadas nas recolhas consultadas.

As expressões fixas foram grafadas com o verbo no modo infinitivo, exceção feita para as que são utilizadas apenas num tempo verbal específico.

As variantes de um provérbio (ou de uma expressão) foram igualmente incluídas nas listagens.

O agrupamento das variantes quer dos provérbios quer das expressões obedece aos seguintes critérios:

- a) Sempre que foram encontradas variantes de um mesmo provérbio, foi dada preferência à variante que formalmente mais se assemelha à expressão fixa;
- b) As variantes apresentadas estão ordenadas alfabeticamente.

Todos os provérbios foram numerados, incluindo as suas variantes. Analisámos um total de 416 enunciados dos quais 201 são provérbios e 215 são expressões fixas. Ao listarmos os provérbios recolhidos, indicamos em coluna lateral a expressão (ou expressões) que cada um deles inclui.

Nas listagens, as variantes dos provérbios e das expressões são identificadas com o símbolo =, as frases antónimas com o símbolo *vs* (*versus*).

## 5. Estado da questão

Numerosíssimos são os especialistas de provérbios, dentre eles destacamos W. Mieder (diretor da revista *Proverbium* e autor de variadíssimos estudos sobre este tipo de parémias) e J. Sevilla Muñoz (diretora da revista *Paremia* e coordenadora do primeiro doutoramento sobre fraseologia e paremiologia).

Também os provérbios portugueses têm vindo a ser objeto de estudo por parte de investigadores de diferentes áreas da Linguística e não só<sup>3</sup>.

A. Macário Lopes (1992) apresenta-nos uma dissertação de doutoramento consagrada à análise semântica do provérbio enquanto texto mínimo autónomo<sup>4</sup>. Esta autora (*idem*: 23), ao classificar *provérbio*, não considera a idiomaticidade uma das suas propriedades definitórias, pois, segundo afirma, «há também provérbios cuja interpretação-padrão coincide com o seu significado literal, composicionalmente apreendido».

A. Macário Lopes (*ibidem*) sustenta que os provérbios «têm sempre um valor semântico autónomo em termos comunicativos, ao contrário das expressões idiomáticas que são apenas constituintes de frase e nunca podem ocorrer como

---

<sup>3</sup> Também especialistas da Literatura Oral, da etnografia, da Tradutologia, da História do Direito e da História da Medicina deles se têm ocupado.

<sup>4</sup> De salientar que dedica um capítulo da sua obra à análise pragmática do provérbio contextualizado.

enunciados completos». Considera este aspeto um dos traços essenciais da especificidade do provérbio.

A autora (*idem*: 37-38) distingue ainda variação e sinonímia proverbial, considerando que «as variantes de um provérbio são as suas diferentes ocorrências atestadas, frequentemente registadas nas antologias, que manifestam entre si, como vimos, pequenas divergências a nível lexical e sintáctico ou ainda, a nível da estrutura temático-informacional do texto. Regra geral, uma das variantes impõe-se pela sua frequência de uso e é em relação a ela que se medem eventuais adições, reduções ou transformações. Fala-se de sinonímia quando dois (ou mais) provérbios, radicalmente distintos ao nível superficial, são, no entanto, mutuamente substituíveis no mesmo contexto de interacção».

A maioria dos estudos disponíveis em Português Europeu é, com efeito, de carácter essencialmente semântico. Quanto a estudos sintáticos propriamente ditos sobre os provérbios portugueses, salientamos os trabalhos de Chacoto (1994, 1997, 2007<sup>b</sup>, 2008 e 2010), que analisa as suas estruturas léxico-sintáticas, e Gabriela Funk & Matthias Funk (2006), que dissociam a sintaxe da semântica, para explicar a durabilidade dos provérbios.

Chacoto (1994) analisa a fixidez e a variação léxico-sintática nos provérbios portugueses e constata que, apesar da fixidez e coesão formal que caracterizam os provérbios, estes podem apresentar variação léxico-sintática. As variações podem resultar de uma comutação dos elementos da frase, de uma realização zero ou de uma alteração da ordem dos constituintes. L. Chacoto (1994:174) refere ainda, que há classes gramaticais que tendem a apresentar mais variação que outras. Os nomes e os advérbios, a par dos verbos, são as classes mais afetadas por este fenómeno enquanto que os determinantes, as preposições e as conjunções são as menos atingidas.

L. Chacoto (1994: 117) afirma também que, apesar dos provérbios apresentarem propriedades comuns às construções livres, estes têm algumas características específicas, tais como a possibilidade de omissão de um dos membros do enunciado sem que haja perda de informação, isto é, sem afetar a semântica global do enunciado.

A autora (1994: 136 - 138) declara que a variação da ordem dos enunciados proverbiais é muito restrita, uma vez que a alteração da ordem pode levar à subversão do provérbio, ou seja, pode ser a responsável pela perda do seu carácter proverbial.

Chacoto (1994: 176) conclui que «a variação léxico-sintáctica não é aleatória, mas condicionada pelas estruturas silábica, rítmica e rimática, respeitando as normas impostas pela gramática da língua e não alterando o significado global dos provérbios.»

Em suma, apesar da sua fixidez, as frases fixas podem apresentar variação, sendo a variação muito frequente não só nos provérbios mas também nas expressões fixas associadas.

Entende-se por variação toda e qualquer transformação que, ao ocorrer na estrutura frásica, não provoca alteração do seu significado global.<sup>5</sup>

Gabriela Funk & Matthias Funk (2006: 117), por seu turno, dissociam a sintaxe da semântica para explicar a durabilidade dos provérbios, referindo que estes enunciados fraseológicos sofrem alterações sintáticas e semânticas ao longo dos tempos, de forma a preservarem a relevância específica para a comunidade. Afirmam ainda que, quando os provérbios não respondem às necessidades dos falantes, tendem a finalizar o seu ciclo de vida, caso não encontrem uma outra finalidade.

Nessa linha de raciocínio, G. Funk & M. Funk (2006: 123) examinam algumas ocorrências dos provérbios em obras literárias e na Internet, de forma a verificar se sofreram transformações, se continuam operacionais, ou seja, se mantêm a sua função (enquanto textos proverbiais). Estas transformações assentam na substituição de alguns dos membros dos provérbios. Por exemplo, no provérbio *Todos os caminos vão dar a Roma* há comutação lexical dos grupos nominal e verbal. É substituído o topónimo por outro, como «Montemor» ou «Furnas», o verbo por outro, como

---

<sup>5</sup> Para a análise das variantes das expressões fixas, foi tida em consideração a classificação sugerida por Zuluaga (1975). Na opinião deste autor (1975: 241-242), «las variantes no pueden presentar diferencias de sentido»; «deben ser consideradas dentro de la misma lengua funcional»; «son libres, independientes de los contextos» e «son, por lo general, meramente parciales: no se sustituye toda la expresión sino una parte de ella, alguno o algunos de sus componentes.»

«levar» ou «conduzir», o determinante «todos» por «alguns» ou «muitos», sendo também inseridos membros estranhos ao provérbio, ou seja, é-lhe colocada informação adicional, como podemos observar em: «haverem muitos caminhos que conduzem à mesma luminosa Roma» (*idem: ibidem*).

Concordamos com Chacoto (1994) e Funk & Funk (2006) na medida em que defendem que os provérbios, apesar da sua fixidez, podem apresentar variação. Partilhamos também da opinião de que um provérbio sobrevive em virtude da relevância específica que tem para a comunidade. Ao adaptarmos um provérbio, estamos a permitir que este continue vivo. Dito por outras palavras, o provérbio só continua vivo (ao sofrer transformações) se passar a fazer parte do repositório cultural de um povo.

No que concerne às expressões fixas, são de salientar os trabalhos realizados por Maurice Gross sobre as expressões fixas do francês<sup>6</sup>.

Gaston Gross (1996) trata também as expressões fixas em francês, distinguindo nomes compostos, determinantes compostos, verbos e locuções verbais, locuções adjetivais, locuções adverbiais e locuções prepositivas e conjuntivas.

O autor considera que o termo locução verbal engloba três tipos de construções: as frases fixas, as construções verbais com advérbio fixo e, por último, as construções nominais com verbos-suporte. G. Gross (1996: 71) considera frases fixas as frases em que a totalidade dos elementos é fixa, incluindo o sujeito. Daí que inclua os provérbios no grupo das frases fixas, a par das sentenças<sup>7</sup>.

Mais recentemente, Baránov & Dobrovol'skij (2009: 70-72) defendem que parâmetros como a fixidez e a idiomaticidade permitem distinguir as expressões idiomáticas de outro tipo de fraseologismos<sup>8</sup>, mas que, por si só, estas duas propriedades não separam as expressões idiomáticas dos provérbios, pelo facto de

---

<sup>6</sup> Cf. ponto 1 da Introdução.

<sup>7</sup> Este autor (1996: 71) afirma ainda: «comme pour toutes les suites figées, il est toujours possible d'opérer un défigement pour des raisons métaphoriques ou ludiques.»

<sup>8</sup> Os autores consideram fraseologismos as seguintes combinações fixas: “expresións idiomáticas (UUFF)”, “colocacións”, “proverbios”, “fraseoloxismos gramaticais”, e “fraseoloxismos sintácticos”.

estes serem sempre fixos e, em muitos casos, também idiomáticos. Para diferenciá-los, apontam algumas características exclusivas dos provérbios: a presença de um ensinamento moral, que não é observável nas expressões idiomáticas, a ideia de universalidade que os provérbios apresentam no seu significado e também uma certa autonomia discursiva. Em suma, para estes autores, as expressões idiomáticas apresentam uma maior dependência discursiva do que os provérbios.

Indicaremos, em seguida, alguns estudos especificamente sobre as expressões fixas do português.

Elisabete Ranchhod tem vindo a desenvolver diversos trabalhos no âmbito das expressões fixas.

Para a análise e classificação das estruturas léxico-sintáticas, a autora (2003) segue a metodologia usada por M. Gross para o francês. Desta forma, considera unidades lexicais compostas as que são constituídas por mais de uma palavra, mas que funcionam como uma única unidade lexical. Nesse estudo, Elisabete Ranchhod (*idem*) trata os nomes compostos, os advérbios compostos, os adjetivos compostos e as frases fixas<sup>9</sup>.

Já Jorge Baptista (1994) nos apresenta uma descrição linguística de nomes compostos do português no âmbito da sua dissertação de mestrado. O autor descreve as propriedades léxico-sintáticas de cerca de 10 000 nomes compostos, de forma a que estes possam ser integrados num dicionário eletrónico, permitindo assim o processamento automático de textos em linguagem natural.

Para além dos nomes compostos referidos anteriormente, o supracitado autor tem vindo a desenvolver estudos no âmbito da descrição, análise e tipologia das expressões fixas de vária ordem<sup>10</sup>.

No que concerne ao Português do Brasil, Oto Vale (2001), no âmbito da sua dissertação de doutoramento, descreve e formaliza cerca de 3500 expressões fixas com estrutura verbal, criando uma tipologia com base na distribuição de elementos

---

<sup>9</sup> Veja-se, mais adiante, (Parte III – Análise léxico-sintática das frases fixas, ponto 3).

<sup>10</sup> Cf. Baptista et al. (2004 e 2005).



livres e fixos de cada expressão, e estabelecendo 10 classes diferentes que permitem verificar as propriedades sintáticas e semânticas de cada uma das expressões. Este género de tipologia é semelhante à utilizada para o Português Europeu.<sup>11</sup>

Em suma, embora existam vários estudos sobre expressões fixas no Português Europeu<sup>12</sup>, ainda não está disponível um estudo sistemático das propriedades sintáticas de todas as expressões fixas do português. De igual modo, não se efetuou até ao presente – que nós saibamos – um estudo específico que demonstre e descreva de forma sistemática a existência de uma relação entre as expressões fixas e os provérbios portugueses, se bem que vários autores a ela tenham aludido. O nosso objetivo será, então, analisar e descrever de forma sistemática a relação entre as expressões fixas e os provérbios do Português Europeu.

Tendo em consideração que os provérbios apresentam uma estrutura que é comum às expressões fixas (e vice-versa), consideramos pertinente abordar esta questão. Em muitos dos exemplos estudados, observámos que a própria expressão fixa, quer na sua totalidade quer em parte, aparece no provérbio ou, se se preferir, o provérbio, sendo uma frase fixa, apresenta correspondência e semelhança léxico-sintática e semântica com um tipo de frases que geralmente têm sujeito livre.

Para o Espanhol, surgiu em 2009 um pequeno artigo da autoria de Pedro Mogorrón Huerta que trata das unidades fraseológicas do espanhol que têm origem em parémias.

O autor (2009: 65) analisa o tratamento dado pelos dicionários (quer de língua quer da especialidade) às locuções com origem paremiológica, de forma a classificá-las e a incluí-las em classes fraseológicas, visto que, segundo ele, tem havido uma certa confusão na classificação de algumas unidades fraseológicas que têm vindo a ser tratadas ora como frases proverbiais ora como expressões verbais.

Pedro Mogorrón Huerta (2009: 70-71) defende que algumas expressões fixas resultam de parémias com diferentes estruturas e com diferentes resultados sintáticos. Desta forma, este tipo de expressões pode formar-se a partir de:

---

<sup>11</sup> Tipologia usada, por exemplo, por Elisabete Ranchhod, J. Baptista, entre outros.

<sup>12</sup> Nomeadamente, G. Jorge (1991, 1993, 2005), J. Baptista (1994, 2004, 2005), E. Ranchhod (2003), G. Fernandes (2007), entre outros (ver bibliografia).

- Parémias com origem nos clássicos: «*Parturient montes nascetur ridiculus mus*» dará origem à expressão fixa «*el parto de los montes*»;
- Uma manipulação da estrutura externa da parémia: «*En consejas, las paredes han orejas*» que resultará em «*las paredes oyen*»;
- A partir da redução de uma parémia (isto é, do primeiro membro da parémia ou do segundo): «*El carnero encantado, que fue por lana y volvió trasquilado*» originará «*Ir/Venir por lana y salir trasquilado*»; sendo um exemplo de redução do 2º membro «*Una golondrina no hace verano (ni una sola virtud bienaventurado)*»).
- Algumas expressões apresentam a forma de uma locução adverbial (ex: «*de manos a boca*») ou de uma locução verbal (ex: «*Ir/Venir por lana y salir trasquilado*»);

Outras expressões apresentam a forma de uma frase sentenciosa: «*Una golondrina no hace verano (ni una sola virtud bienaventurado)*».

Pedro Mogorrón Huerta (2009: 74), após ter verificado a existência das parémias nos dicionários consultados, conclui que não é fácil relacionar a expressão fixa com a parémia, referindo também que quer os dicionários de língua quer as obras da especialidade não estabelecem, geralmente, essa relação.

O mesmo autor (2009: 74-75) afirma ainda que algumas parémias surgem, em alguns dicionários, sob a classificação de provérbio e sob a classificação de expressão fixa em outros. Além disso, algumas parémias são exclusivamente classificadas como expressões fixas. Pedro Mogorrón Huerta (*ibidem*) acrescenta, ainda, que dado o tratamento fraseológico deficitário de alguns dicionários relativamente a este tipo de unidades fraseológicas, existem expressões fixas que, apesar de serem usadas no quotidiano, não figuram nos dicionários.

## 6. Os provérbios e as expressões fixas nas gramáticas e dicionários de língua

A própria designação de *provérbio* suscita alguns problemas. Vejamos, então, a definição deste termo nos dicionários.

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, *provérbio* designa uma «1 frase curta, geralmente de origem popular, frequentemente com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral; 2 na Bíblia, pequena frase que visa aconselhar, educar, edificar; exortação, pensamento, máxima».

O *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, considera *provérbio* uma: «máxima expressa em poucas palavras e que se tornou popular. || Sentença moral; adágio; ditado; anexim; rifão».

O *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, define *provérbio* como – «1. Máxima ou sentença de carácter prático e popular, expressa em poucas palavras e geralmente rica em imagens e sentidos figurados ≈ADÁGIO, DITADO, DITO. 2. Sentença moral. ≈MÁXIMA. RIFÃO».

Como podemos observar nas três obras acima referidas, os dicionários de língua consideram *provérbio* sinónimo de ‘adágio’, ‘rifão’, ‘anexim’, ‘ditado’, ‘dito’ e ‘máxima’.

Não pretendemos, no âmbito desta dissertação, estabelecer critérios de diferenciação entre estes termos. Para evitar definições circulares e, por vezes, contraditórias, adotamos o termo ‘*provérbio*’ para designar as parémias populares aqui tratadas, ou seja, as frases fixas proverbiais que, ao serem citadas, não se atribui um autor.

Relativamente às expressões fixas, são também designadas, de forma por vezes imprópria, como *expressões idiomáticas*<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Todas as frases idiomáticas são fixas mas nem todas as frases fixas são idiomáticas, segundo defende Lucília Chacoto (1994: 27).

Vejam, pois, a definição de idiomático e de idiomaticidade. Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, *idiomático* designa o «que é relativo a um idioma, ou que lhe é característico». O que parece pouco esclarecedor no caso de expressões com estruturas tão divergentes e complexas. Esta entrada do dicionário remete para os verbetes *expressão idiomática* e *frase idiomática*. *Expressão idiomática* é considerada um termo da Linguística e designa uma «expressão que é peculiar a uma língua, geralmente devido ao facto de o seu significado não ser literal; *Frase idiomática* o m. que expressão idiomática».

Da família da palavra *idiomático*, o nome *idiotismo* (*idem: ibidem*) é definido como uma expressão ou locução própria a uma língua e que não pode ser traduzida literalmente. Saliente-se, no entanto, que o grau de idiomaticidade também pode variar<sup>14</sup>. Assim, adotou-se o termo *expressão fixa* para classificar as expressões aqui em estudo, uma vez que é uma denominação mais abrangente.

De referir que existem vários tipos de expressões fixas, no que concerne quer à sua constituição interna quer às suas propriedades léxico-sintáticas. Com efeito, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (1999, 15ª ed.), as expressões fixas não são consideradas um conjunto coeso, mas, pelo contrário, aparecem com diferentes denominações, consoante a sua categoria gramatical. Expressões como *já que*, *desde que* são consideradas locuções conjuntivas (1999: 586); os advérbios compostos como *de mão em mão* ou de *longe em longe* são designados locuções adverbiais (1999: 540-541); e expressões como *de acordo com*, *a respeito de* são denominadas locuções prepositivas (1999: 552).

Aos nomes compostos e adjetivos compostos é-lhes atribuído este estatuto, mas sem que se estabeleça qualquer relação com as locuções anteriormente referidas. São considerados substantivos compostos – e citamos Cunha & Cintra (1999: 187-189) – «palavras que se escrevem ligadamente, sem hífen», tais como *aguardente* e *pontapé*, e também palavras cujos «termos componentes se ligam por hífen», como *obra-prima* e *couve-flor*<sup>15</sup>. Ainda dentro desta classe, os supracitados autores (*ibidem*)

---

<sup>14</sup> Esta ideia também é defendida por Lucília Chacoto (comunicação pessoal).

<sup>15</sup> O Novo Acordo Ortográfico vem alterar o uso do hífen.

distinguem os nomes compostos consoante a sua estrutura interna, estabelecendo a diferença entre:

a) nomes em que «o primeiro termo do composto é verbo ou palavra invariável e o segundo substantivo ou adjectivo», como, por exemplo, *guarda-chuva*;

b) «termos componentes que se ligam por preposição», como *pé-de-cabra*;

c) «o[s] composto[s] constituído[s] [por] dois substantivos, ou por um substantivo e um adjectivo», tais como *carta-bilhete* e *amor-perfeito*.

Em relação aos adjectivos compostos, Celso Cunha e Lindley Cintra (1999: 251-256), sem definirem o termo, referem, nomeadamente, os adjectivos pátrios compostos (ex: *a civilização luso-brasileira*), as diferenças de género nos adjectivos compostos (ex: *uma intervenção médico-cirúrgica*) e a formação do plural dos adjectivos compostos (ex: *consultórios médico-cirúrgicos*).

Como pudemos constatar, não é uma tarefa fácil distinguir e classificar quer os provérbios quer as expressões fixas, uma vez que, muitas vezes, não há uma clara distinção entre ambos, para além dos múltiplos termos com que são designados.

PARTE II – CORRESPONDÊNCIA ENTRE PROVÉRBIOS E  
EXPRESSÕES FIXAS

## **0. Breve introdução**

Os provérbios apresentam compostos na sua estrutura interna. O composto pode ser de maior ou menor dimensão, ou seja, ser um nome composto ou uma expressão. Neste capítulo, iremos analisar e descrever as correspondências (totais ou parciais) dos provérbios e das expressões fixas em português Europeu. Por outras palavras, pretendemos verificar se existe uma expressão fixa no interior dos provérbios listados e, caso exista, qual o seu tipo, o seu preenchimento lexical e as propriedades transformacionais que apresenta.

## **1. Elaboração das tabelas**

Os provérbios, assim como as expressões, apresentam uma estrutura fixa e, em geral, têm um significado não composicional.

Como já foi referido anteriormente, apesar da fixidez e coesão formal que caracterizam as estruturas proverbiais, estas podem apresentar variação léxico-sintática.

Não será nosso objetivo analisar a variação destas estruturas, mas sim verificar se existem expressões fixas no interior dos provérbios e quais as estruturas mais recorrentes.

Numa primeira fase deste estudo, analisámos detalhadamente cada provérbio com o intuito de verificar se nele encontrávamos expressões fixas.

Recolhemos 201 provérbios que apresentam uma (ou mais) *EF* na sua constituição. Desta forma, elaborámos uma tabela (ver anexos) em que constam as seguintes informações: o provérbio, a expressão fixa correspondente, a construção sintática da *EF* e, por último, um exemplo que ilustra o uso da expressão fixa.

	<b>Provérbios</b>	<b>Expressões Fixas</b>	<b>Construção Sintática</b>	<b>Exemplo</b>
173	Quem brinca com o fogo, queima-se. (SP: 576)	Brincar com o fogo (GAS: 131)	<i>Nhum</i> brincar com o fogo	A Maria brincou com o fogo.
174	Quem compra fiado paga dobrado. (SP: 581)	Comprar fiado (ANS: 175)	<i>Nhum</i> comprar fiado	O Zé compra fiado <na mercearia lá do bairro>.
175	Quem corre por gosto não cansa. (GF & MF 2008: 509)	Correr por gosto	<i>Nhum</i> correr por gosto	O Miguel corre por gosto <porque quer>.
176	Quem cospe para o ar, cai-lhe na cara. (SP: 582)	Cuspir para o ar (GAS: 206)	<i>Nhum</i> cuspir para o ar	A Ana cuspiu para o ar.
177	Quem dá com a língua nos dentes pode a si mesmo morder. (SP: 582)	Dar com a língua nos dentes (ON: 124)	<i>Nhum</i> dar com a língua nos dentes	A Ana deu com a língua nos dentes.

Fig. 2.1 – Fragmento da tabela das correspondências entre provérbios e expressões fixas

Os provérbios das nossas listagens surgem por ordem alfabética da primeira palavra que os constitui. As entradas estão numeradas, de forma a facilitar a consulta por parte do leitor. Os provérbios apresentam, entre parênteses, a obra que os atesta e o número da página. Por exemplo, o provérbio *Quem tem telhado(s) de vidro, não atira pedra(s) ao do vizinho*. (SP: 639) foi retirado da obra de Salvador Parente, página 639. Nos casos em que não aparece indicada qualquer fonte, esses provérbios, embora não constem de nenhuma das obras consultadas, fazem parte do nosso conhecimento enquanto falante nativa da língua portuguesa. De salientar, porém, que isto não significa que não surjam variantes dos mesmos. Apenas não os encontramos na forma como os conhecemos.

No que concerne às expressões fixas, para maior facilidade de consulta, foram colocadas em frente ao provérbio a que estão associadas.

Na coluna das construções sintáticas, indicamos qual a construção de cada expressão fixa, nomeadamente o tipo de sujeito e eventuais complementos, caso



sejam obrigatórios. Desta forma, indicamos se o sujeito é humano, não humano ou um nome não restrito.

Por último, julgamos relevante apresentar nas tabelas um exemplo que ilustrasse o emprego da expressão fixa.

Ao analisar o nosso *corpus*, constatamos que 14 provérbios listados contêm mais do que uma expressão fixa, isto é, duas expressões cada um. Vejamos, em seguida, esses provérbios.

(1) *Abre (a) tua bolsa, abrirei a minha boca.* (SP: 67)

Este provérbio apresenta duas expressões: ‘abrir a bolsa’ (ON: 15) e ‘abrir a boca’.

Quanto ao provérbio:

(2) *As mulheres cantam de galo, mas os homens estão no poleiro* (SP: 108).

Inclui as *EFs* ‘cantar de galo’ (GAS: 154) e ‘estar no poleiro’ (ANS: 315).

Também o provérbio:

(3) *Confiar no futuro, mas pôr a casa no seguro* (SP: 171).

Contém as *EFs*: ‘confiar no futuro’ e ‘pôr alguma coisa no seguro’ (ANS: 348). Embora não tenhamos encontrado atestada a expressão ‘confiar no futuro’, consideramo-la uma variante de: ‘confiar no destino, na sorte’. Por sua vez, o provérbio:

(4) *Dá mais trabalho ir para o Inferno do que para o Céu* (GV: 28).

Contém as *EFs* ‘ir para o Céu’ (ON: 245) e ‘ir para o Inferno’ (ON: 245). Também em:

(5) *Jogo franco, cartas na mesa* (SP: 309).

Se observam duas *EFs*: ‘(fazer) jogo franco’ (GAS: 382) e ‘pôr as cartas na mesa’ (GAS: 534). No caso de:

(6) *Macaco velho não trepa (põe o pé) em galho seco* (SP: 321).

Ocorrem as *EFs* ‘(ser) macaco velho’ e ‘pôr o pé em galho seco’. Não encontramos contudo nenhuma destas expressões *ipsis verbis*. Orlando Neves (ON: 392), por exemplo, refere a expressão ‘ser macaco (macacão)’, com o significado de ser manhoso, astuto, malicioso. Quanto à expressão ‘pôr o pé em galho seco’, apenas encontramos a expressão ‘pôr o pé em falso’ com o sentido de agir erradamente ou em momento inoportuno (ON: 353). Neves (1999) refere também a expressão ‘pôr o pé em ramo verde’ (ON: 353), porém com significado diferente: *ultrapassar os limites ou as conveniências*. Quanto a:

(7) *Mata a sede à terra, que ela te matará a fome* (SP: 342).

Contém as *EFs* ‘matar a fome’ e ‘matar a sede’. De salientar que, Simões (1993) inclui apenas a expressão ‘matar a fome’ e Nogueira Santos (2000) atesta ‘matar a sede’ e ‘matar a fome’.

Quanto ao provérbio:

(8) *Melhor é mudar de conselho que perseverar no erro* (SP: 345).

Inclui as *EFs* ‘mudar de conselho’ e ‘perseverar no erro’. Nenhuma destas expressões constam das obras de especialidade consultadas. Entendemos ‘mudar de conselho’ como uma variante de ‘mudar de opinião’.

No caso de:

(9) *Nem com toda a sede ao pote, nem com toda a fome à arca* (SP: 411).

Figuram as expressões ‘ir com toda a fome à arca’ e ‘ir com muita sede ao pote’ (ANS: 320). Se bem que a primeira não se encontre atestada nas obras consultadas, reconhecemo-la como tal. São ambas semanticamente equivalentes, significando que devemos ser cautelosos e não nos precipitarmos.

Também o provérbio:

(10) *O preto no branco fala como gente.* (AE: 85)

inclui as *EFs* ‘(pôr o) preto no branco’ e ‘falar como gente’. Simões (1993) atesta apenas ‘(pôr o) preto no branco’.

Já o provérbio:

(11) *Para a mesa e para a cama, só uma vez se chama* (SP: 512).

Exibe as *EFs* ‘chamar/ir/mandar para a cama’ e ‘chamar/ir/mandar para a mesa’. ‘Ir para a cama’ equivale a deitar no leito e ‘ir para a mesa’ significa sentar-se alguém para ingerir uma refeição. Quanto ao provérbio:

(12) *Quem arma a esparrela muitas vezes (às vezes) cai nela* (SP: 573).

Exibe as *EFs* ‘armar a esparrela’ e ‘cair na esparrela’ (ON: 90). Embora somente a última conste de Neves (1999: 90), o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, dá conta de ambas as *EFs*. Também em:

(13) *Quem laço armou nele caiu* (SP: 597).

apresenta as expressões ‘armar um laço’ (ON: 61) e ‘cair no laço’. Esta última está subentendida. Orlando Neves (1999) apenas inclui ‘armar um laço’, contudo ambas são reconhecidas pelo dicionário de língua supracitado. Por último:

(14) *Ruivo de má pêlo mete o demo no capelo* (SP: 653).

contém as *EFs* ‘meter o demo no capelo’ e ‘ser ruivo de má pêlo’. Neves (1999) atesta apenas a expressão ‘ruço de má pêlo’.

O facto de encontrarmos mais do que uma expressão fixa em frases breves como um provérbio, corrobora, de certo modo, a existência de um elevado número de estruturas fixas na nossa língua.

Aquando do recenseamento das expressões incluídas em (ou associadas a) provérbios deparámo-nos, por vezes, com situações em que a expressão fixa surgia referenciada, mas o seu significado não era aquele que depreendíamos através da leitura do provérbio. É o caso em:

(15) *À morte, não há remédio senão (estender +esticar) a perna.* (CMV: 50)

No contexto do provérbio, *estender* ou *esticar a perna* parece uma variante de *esticar o pernil*, ou seja, *morrer*. Simões (p.292) referencia as expressões *esticar as canelas* e *esticar o canelo* também com o significado *morrer*. Por seu turno, António Nogueira Santos (p.308) atesta a expressão *estender/esticar as pernas*, com *Npc* =: *pernas* no plural com o sentido de *exercitar as pernas; dar um curto passeio*.

Quanto a:

(16) *Quem não pode morder não mostre os dentes.* (MSC, vol I: 199)

inclui a *EF* ‘mostrar os dentes’ atestada em Nogueira Santos (2000: 135), que apresenta a variante ‘arreganhar os dentes’. De notar que com o *Npc* =: *dente* no singular, ocorre em Simões (p.451) com o sentido de “ameaçar alguém ou rir-se de escárnio ou ameaça”.

Por seu turno, o provérbio:

(17) *Entre casados e irmãos, ninguém meta as mãos.* (Dic. 2008)

a *EF* ‘meter as mãos’ tem aqui o significado de interferir; intrometer-se, com o intuito de apartar. Nogueira Santos (2000: 244) atesta a expressão, mas com o *Npc* =: *mão* no singular. Uma hipótese a considerar é dever-se o uso do plural *Npc* =: *mãos* ao “desejo” de introduzir a rima interna no provérbio (cf.: irmãos/mãos).

Em suma:

Não só a análise dos provérbios nos permite atestar a ocorrência de *EFs* não atestadas nos dicionários da especialidade, como devemos considerar a possibilidade de as variações do seu uso se justificarem pela estrutura rimática dos provérbios.

## 2. Tratamento dos provérbios e das expressões fixas em obras da especialidade

Quando iniciámos o nosso estudo, deparámo-nos com uma grande confusão terminológica e obras de carácter híbrido. Decidimos, por conseguinte, averiguar se na origem da confusão entre expressões fixas e provérbios está o tratamento dado nos dicionários da especialidade e demais recolhas a este tipo de enunciados fraseológicos. Verificámos assim que parémiias cultas (tais como máximas, aforismos, sentenças e apotegmas) e expressões fixas se encontram indistintamente sob a mesma designação de provérbio. A questão que se colocava era se era voluntária essa indistinção, isto é, se o autor ao utilizar a designação de provérbio para diferentes tipos de estruturas fixas o fazia consciente e voluntariamente, e que consequências é que isso poderia acarretar para o leitor comum.

A fim de tentar responder a esta questão e dada a impossibilidade de analisar todas as obras existentes, optámos por observar *O Grande Livro dos Provérbios* de José Pedro Machado, uma obra de consulta que, quer pelo seu autor quer pelo número de edições, justifica plenamente a nossa escolha. O autor refere logo na introdução que está consciente de ter incluído na obra estruturas de diversa natureza e fundamenta esse facto dizendo: «Não pretendo desenvolver considerações sobre os conceitos de adágio, aforismo, anexim, apotegma, axioma, ditado, [...] dito, dizer, exemplo, máxima, parémia, preceito, prólogo, provérbio, refrão, rifão, sentença, etc. [...] Até pode não haver facilidades em os distinguir dos de algumas das chamadas locuções idiomáticas. Na verdade, também não os sei distinguir com exactidão, mas, como creio, não estou só nessa ignorância». Afirmando, também que: «o que importa é recolher e registar material. Mas também fica o desafio: se não acharem bem...façam melhor...».

Aceitando o repto de José Pedro Machado, resolvemos proceder à identificação e contagem das estruturas da obra, separando-as em dois grupos:

provérbios<sup>16</sup> e expressões fixas. Porém, dado o elevado número de entradas desta obra (mais de 27 000),<sup>17</sup> cingimo-nos apenas às estruturas presentes na letra *A*.

Tal como o autor, não pretendemos, neste estudo, estabelecer distinções entre as inúmeras designações de parémias populares. Concordamos com a distinção comumente aceite de que são parémias populares o anexim, o ditado, o dito, o refrão, o rifão, entre outros, incluindo nas parémias cultas aquelas em que se conhece o autor, que não apresentam rima interna e de que fazem parte os aforismos, apotegmas, máximas ou sentenças.

Das 4013 entradas na letra *A*, 186 são expressões fixas<sup>18</sup>, ou seja, 5% não são provérbios. Veja-se o gráfico seguinte:

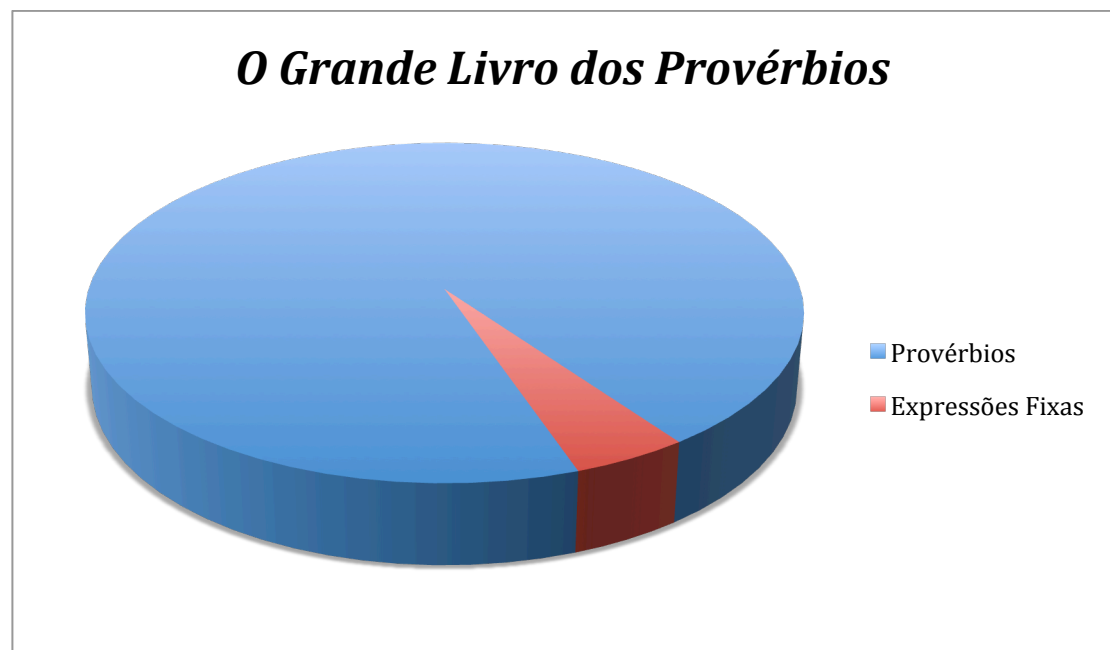


Gráfico 2.1 – *Provérbios e EFs n' O Grande Livro dos Provérbios*

No que concerne às expressões fixas, o nosso objetivo é verificar se apenas surge este tipo de expressão em obras especializadas, se as construções se encontram

<sup>16</sup> Foram encontradas parémias cultas nesta pesquisa, porém não foram consideradas um grupo à parte, uma vez que o objetivo deste ponto do presente trabalho era encontrar expressões fixas numa recolha de provérbios.

<sup>17</sup> De referir que a 1ª edição desta obra de José Pedro Machado tem cerca de 26 000 entradas. As 2ª e 3ª edições aumentaram sucessivamente. Por último, a 4ª edição, póstuma, e que utilizámos no nosso trabalho contém mais de 27 000 provérbios da língua portuguesa.

<sup>18</sup> Consideram-se também algumas frases fixas não proverbiais.

completas, ou seja, se apresentam todos os seus constituintes, incluindo o verbo com que se constroem.

Numa primeira etapa, resolvemos verificar quais as propostas de António Nogueira Santos na obra intitulada *Dicionários de Expressões Idiomáticas*. Este autor apresenta uma compilação de expressões portuguesas de diversos tipos, seguidas de uma paráfrase ou, em alguns casos, de expressões aparentemente sinónimas.

Optámos por fazer um estudo por amostragem<sup>19</sup> desta obra. Escolhemos este autor pelo facto de ser conceituado e de considerarmos a sua obra relativamente atual e uma mais valia para o conhecimento das expressões fixas da nossa língua.

Das 553 entradas analisadas 5 são provérbios<sup>20</sup>, ou seja, 1% do valor total. Veja-se o gráfico 2.2:

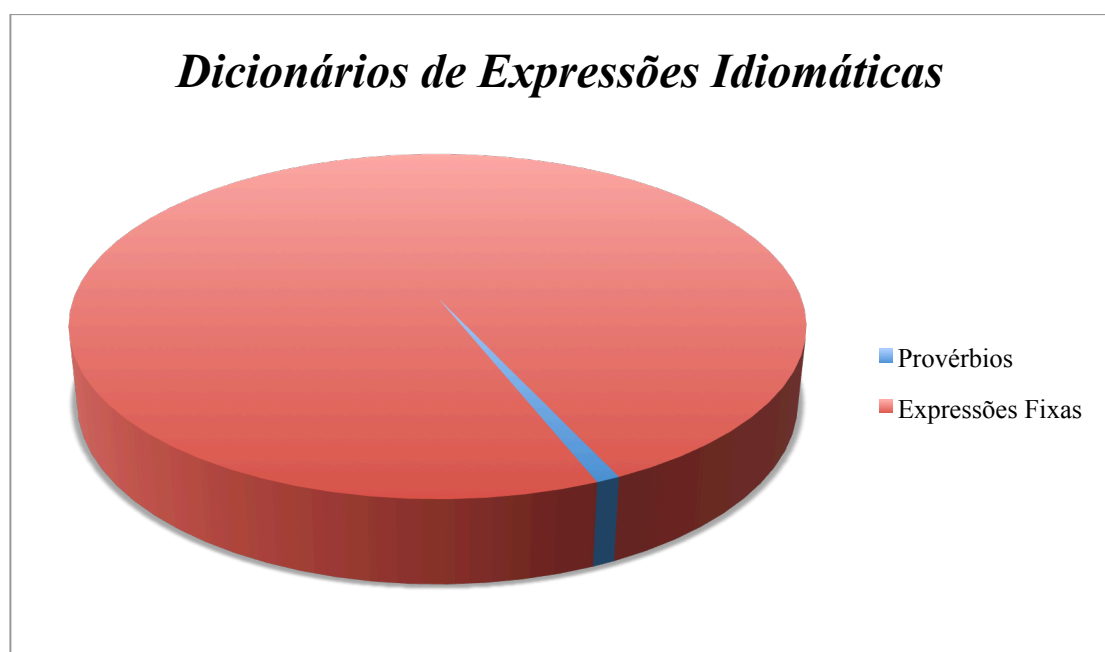


Gráfico 2.2 – Provérbios e EFs em *Dicionários de Expressões Idiomáticas*

Tal como *O Grande Livro dos Provérbios*, também aqui o título da obra suscita algumas questões terminológicas, visto abranger sob a designação de

<sup>19</sup> Este estudo consistiu na análise detalhada de 18 páginas, as quais foram escolhidas de forma aleatória, nomeadamente as páginas 32, 33, 68, 112, 126, 127, 196, 197, 226, 227, 246, 247, 286, 287, 298, 299, 346 e 347.

<sup>20</sup> São eles *Lé com cré, Maria com a avó; Quando um burro fala/zurra, o outro baixa as orelhas; Enquanto o pau vai e vem folgam as costas; Nem tanto ao mar nem tanto à terra* e *Cada qual com o seu saraquá*, este último do português do Brasil.

expressão idiomática algumas expressões que são meramente fixas e incluir inclusive alguns provérbios. Como já foi referido anteriormente noutra parte deste trabalho (ver nota 13, p.27), todas as expressões idiomáticas são fixas mas nem todas as expressões fixas são idiomáticas. O que as distingue é o facto de o significado global das expressões idiomáticas não corresponder à soma dos significados individuais das palavras que as integram.

Quisemos, ainda, verificar como organizou o autor as expressões da obra e se, quer a organização das entradas, quer as explicações facultadas ajudam o leitor comum a utilizar este tipo de expressões no seu dia-a-dia.

As entradas surgem por ordem alfabética da sua palavra-chave: um substantivo, ou, na sua ausência, um adjetivo, um pronome ou a sua contração, um advérbio ou um verbo. Encontram-se numeradas, permitindo, desta forma, ao leitor estabelecer a correspondência entre expressões do português (volume I) e do inglês (volume II), através de um índice remissivo.

Pudemos constatar que, por exemplo, a expressão [06635] ‘mão-aberta’ e a expressão [06651] ‘mãos-largas’, que significam ambas «*pessoa generosa, dadivosa*», remetem para uma única expressão em inglês (00241). No entanto, apesar de terem o mesmo significado, não remetem uma para a outra, o que seria o indicado do ponto de vista lexicográfico. No entanto, a expressão [06661] ‘mar de rosas’ é remetida para a expressão semanticamente equivalente [06691] ‘maré de rosas’, logo verifica-se um tratamento assistemático no que concerne a remissões para expressões com significados próximos ou idênticos (sinonímia).

Observámos, também, que o autor nem sempre indica quais os antónimos correspondentes. Por exemplo, a expressão [06103] ‘estar limpo com alguém’ que significa «*gozar da confiança, do respeito de uma pessoa*» é remetida para a expressão antónima ‘estar sujo com alguém’. Pelo contrário, a expressão [08196] ‘começar/entrar com o pé direito’ não apresenta qualquer remissão para a expressão [08197] ‘começar/entrar com o pé esquerdo’. Estas duas últimas expressões referidas também não apresentam qualquer remissão para as expressões [08173] ‘com o pé direito’ e [08174] ‘com o pé esquerdo’.



Constatámos ainda que o tipo de sujeito de cada expressão não é mencionado. Desta forma, o leitor não tem informação quanto ao tipo de preenchimento lexical da posição argumental de sujeito. Na nossa opinião, este problema poderia ser resolvido se, a par de cada expressão, fosse dado um exemplo da sua construção.

Verificámos também que uma grande parte das expressões fixas desta obra não apresenta o verbo com que se constrói. Tomando, por exemplo, a entrada [00749] ‘com o avental pelo avesso’, teremos de depreender que a expressão será ‘andar/estar com o avental pelo avesso’. Contudo, o autor apresenta seis expressões sinónimas, nomeadamente ‘andar/estar com os azeites’, todas elas contendo verbo. Um segundo exemplo, a expressão [08141] ‘ser um pau-mandado’. A expressão dada contém verbo enquanto que [00743] ‘ave rara’ não tem qualquer indicação do verbo=: *ser* com que se constrói. Por último, algumas *EFs* surgem como aceitando diversos verbos. É o caso de: [03302] ‘dar/virar/voltar as costas a alguém’.

Deparámo-nos, ainda, com expressões que apresentam apenas parte da sua construção como: [03335] ‘estar no couro/ na pele **de alguém**’ e [06122] ‘deitar/pôr pimenta na língua **a/de alguém**’ (embora não façam qualquer referência ao tipo de sujeito). Outras expressões surgem ainda mais incompletas como, por exemplo, [03313] ‘ver pelas costas’, cuja estrutura completa é: ‘**alguém** ver **alguém ou alguma coisa** pelas costas’; e [06092] ‘servir de lição’, cuja rede argumental completa é: ‘**alguém ou alguma coisa** servir de lição **a alguém**’.

Existem muitas de expressões fixas que podem ser usadas quer na afirmativa quer na negativa. António Nogueira Santos, por vezes, dá-nos essa informação colocando o advérbio de negação *não* entre parêntesis como em [09583] ‘(não) fazer segredo de’ e [09584] ‘(não) ter segredos com alguém’. Contudo, embora expressões como [03338] ‘para a cova de um dente’<sup>21</sup> e [06127] ‘falar a mesma língua’ possam ser utilizadas quer na afirmativa quer na negativa, o autor omite essa informação.

---

<sup>21</sup>No *Dicionário de expressões correntes*, de Orlando Neves, apenas surge a expressão *Não dar para a cova de um dente* e a expressão afirmativa *Caber na cova de um dente*.

### **3. Conclusão**

Constatamos que em recolhas quer de provérbios quer de expressões fixas existe uma grande “miscelânea” de fraseologismos. Alguns especialistas, embora disso conscientes, persistem em não os distinguir e separar. É, no entanto, mais comum encontrarmos expressões fixas em obras paremiológicas do que encontrarmos provérbios em dicionários de expressões fixas.

O tratamento dado nestas obras, por parte dos especialistas, a estruturas distintas explica (e simultaneamente autoriza) que o utilizador comum também não as discrimine. Seria, pois, desejável que os especialistas facultassem a informação do tipo de fraseologismo, isto é, se se trata de um provérbio, uma expressão fixa, ou uma expressão idiomática.

Além disso, embora conhecer o significado de cada expressão seja fundamental, só por si não é suficiente para permitir o seu uso, mesmo por falantes nativos da língua. Quem não está familiarizado com as expressões, dificilmente consegue utilizá-las corretamente. A construção deve ser explicitada e, a par desta, serem dados exemplos da sua utilização. Acrescentamos, ainda, que, apesar da unidade da língua portuguesa, deviam ser assinaladas quais as construções utilizadas em português europeu, em português brasileiro, ou em português falado nos PALOP.

PARTE III – ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICA DAS EXPRESSÕES  
FIXAS

## 0. Breve introdução

Neste capítulo iremos descrever as estruturas léxico-sintáticas das expressões fixas incluídas nos provérbios listados. Procederemos, ainda, à formalização destes enunciados, com vista à integração em matrizes léxico-sintáticas.

### 1. Propriedades distribucionais e transformacionais

No nosso estudo, tivemos em consideração as propriedades distribucionais e transformacionais das frases fixas.

As propriedades distribucionais dizem respeito à natureza dos elementos que podem preencher as posições livres das expressões fixas em estudo.

#### a) $N =: Nhum$

*Nhum* é todo o nome ou grupo nominal que corresponda ao género humano. São extensões de nome humano os nomes de profissão, os nomes de instituições, entre outros. Para testar a aceitabilidade de um *Nhum* numa determinada posição sintática, substitui-se esse *N* por um nome próprio, como:

(1) *A Rita tem a língua comprida <não sabe guardar segredos>.*

Também em:

(2) *O pescador acordou a má sorte.*

O nome (de profissão) *pescador* pode ser substituído por um nome próprio como: *O Francisco acordou a má sorte.*

Já em:

(3) *O BES moveu montanhas <para angariar novos clientes>.*

BES designa uma instituição bancária e pode ser substituído por um *N* próprio como *O Manuel moveu montanhas para angariar novos clientes*.

**b) *N* =: *N-hum***

*N-hum* refere-se a nomes ou grupos nominais obrigatoriamente não humanos<sup>22</sup>. Esses nomes podem ser concretos ou abstratos. Para verificarmos a aceitabilidade de um *N-hum* numa posição sintática específica basta substituímos esse *N* por *alguma coisa* ou *isso*:

(4a) *A conversa cheira a esturro.*

(4b) *Isso cheira a esturro.*

Assinale-se ainda que essa posição sintática não deverá poder ser ocupada por um *Nhum* como:

Cf. (4c) \**O Zé cheira a esturro.*

Note-se que, se a posição de sujeito for preenchida por *N*=: *comida*, a frase, apesar de gramatical, perde a sua idiomaticidade, passando assim a ter um sentido literal:

(4d) *A comida cheira a esturro.*

**c) *N*<sub>0</sub> =: *NPluralObrig***

*Nome plural* obrigatório, tal como a denominação indica, designa os nomes que surgem obrigatoriamente no plural ou que resultem de *GN* coordenados:

(5a) *(O Zé e o Tó + Os dois irmãos) são dois cães a um osso.*

A expressão fixa constrói-se com o verbo *ser* conjugado obrigatoriamente no plural, e como é sabido o verbo concorda em pessoa-número com o sujeito, veja-se a agramaticalidade de (5b).

---

<sup>22</sup> Optou-se por não se tratar os nomes de animais.

(5b) \***O Tó** é dois cães a um osso.

d)  $N_0 =: Nnr^{23}$

*Nnr* diz respeito aos nomes que não apresentam restrições de seleção, ou seja, a posição argumental pode, neste caso, ser preenchida por um nome humano:

(6a) **A Ana** é a alma do negócio.

um nome não humano:

(6b) **A publicidade** é a alma do negócio.

um grupo nominal complexo:

(6c) **O profissionalismo da Ana** é a alma do negócio.

ou uma completiva (factiva, finita ou infinitiva)<sup>24</sup>:

(6d) **O facto de a Ana ser boa profissional** é a alma do negócio.

e)  $C =: Nplural$

*C* designa o(s) complemento(s) distribucionalmente fixo(s). Assim, quando *C* aparece combinado com a propriedade *Nplural* refere-se a um complemento fixo que surge no plural.

(7a) **O João fez ouvidos de mercador** <aos avisos do pai>.

Confronte-se a agramaticalidade da frase:

(7b) \***O João fez ouvido de mercador** <aos avisos do pai>.

Por último,

f)  $C =: Npc$

---

<sup>23</sup> Ver Maurice Gross (1975:50).

<sup>24</sup> Considerámos que, para a posição argumental de sujeito admitir um *Nnr*, teria que aceitar pelo menos três dos parâmetros acima descritos (*Nhum*, *N-hum*, *GNcomplexo* ou completiva).

*Npc* corresponde a um nome parte-do-corpo. Por extensão metafórica, a anatomia de animais pode aplicar-se a sujeitos *Nhum*:

(8) *O Zé abriu o bico <e confessou tudo à polícia>*.

### 1.1. Construções intrinsecamente pronominais (*Vse*)

Algumas expressões contêm verbos pronominais intrínsecos. Dito de outro modo, o pronome *-se* não pode ser apagado nem pode ser substituído por um grupo nominal não correferente ao sujeito, mesmo que seja da mesma categoria gramatical:

(9a) *O João fiou-se na Virgem <e não estudou para o exame>!*

Confronte-se com:

(9b) *\*O João fiou (E +a Ana) na Virgem <e não estudou para o exame >!*

ou:

(9c) *\*O João fiou-te na Virgem.*

### 1.2. Construções com negação obrigatória (*NegObrig*)

Algumas expressões fixas constroem-se obrigatoriamente na negativa:

(10a) *A Ana não é boa rês.*

Por vezes, estas estruturas podem surgir na afirmativa, porém usadas com sentido negativo.<sup>25</sup>

(10b) *Tu saíste-me uma boa rês!*

---

<sup>25</sup> Segundo Cunha & Cintra (1999: 167) devemos ter em consideração «o valor da entoação na frase, isto é, o de saber se nela a entoação desempenha uma função linguística (significativa ou distintiva) determinada».

Além do advérbio *não*, as *EFs* podem apresentar outro tipo de advérbios de negação como *jamais* ou *nunca*, entre outros:

(10c) *O Zé **nunca** foi boa rês.*

Há situações em que a negação é marcada por pronomes indefinidos tais como *ninguém* e *nenhum*<sup>26</sup>:

(10d) ***Nenhum** deles foi boa rês.*

Vejamos, em seguida, as propriedades transformacionais.

## 2. As propriedades transformacionais

Por propriedades transformacionais, entende-se as operações formais permitidas pela construção.

### 2.1. Pronominalização (*Pron*)

A pronominalização é a operação sintática que consiste na substituição de um grupo nominal por um pronome correspondente.

Esta transformação só se mostrou pertinente na classe P VC6, uma vez que esta classe apresenta complementos *de Nhum* livres.

#### a) *de N = Obl*

Esta propriedade diz respeito à redução do complemento determinativo livre de *C* a pronome oblíquo.

(11a) *O Paulo caiu na esparrela do João.*

---

<sup>26</sup> Sobre este assunto ver Baptista *et al* (2008).



[Pron Obl] = (11b) *O Paulo caiu na esparrela dele.*

**b) de N = Poss**

Neste caso, o complemento determinativo é substituído por um pronome possessivo.

[Pron Pos] = (11c) *O Paulo caiu na tua esparrela.*

**3. As matrizes léxico-sintáticas**

Como já referimos anteriormente, foram utilizados os métodos de análise e classificação de estruturas léxico-sintáticas propostos por Maurice Gross (1982, 1990). Este método baseia-se na descrição exaustiva, sistemática e formalizada das línguas. Os dados serão formalizados, de modo a permitir a sua confrontação de forma clara e precisa, permitindo ainda uma aplicação ao tratamento automático das línguas.

Foram criadas tabelas para cada classe de estruturas léxico-sintáticas. Estas tabelas permitem representar as *EFs* com as propriedades léxico-sintáticas.

São marcadas com o sinal (+) as estruturas em que se verifica a propriedade em questão. O sinal (-), por sua vez, serve para demonstrar a não aceitação da propriedade em causa.

As contrações de uma preposição com um determinante foram desfeitas, constando cada elemento na coluna correspondente.

Figuram, ainda, nas tabelas as transformações aceites pelas estruturas em questão.

A Fig. 3.1 apresenta um fragmento de uma das tabelas do nosso estudo.

$N_0 = N_{hum}$	$N_0 = N_{-hum}$	$N_0 = N_{nr}$	NegObrig	V	Det	$C_1$	$C_1 = N_{plural}$	$C_1 = N_{pc}$	Exemplo
+	-	-	-	<abrir>	a	boca	-	+	A Carla abriu a boca <e contou o nosso segredo à mãe>.
+	-	-	-	<abrir>	a	bolsa	-	-	O Tó abriu a bolsa.
+	-	-	-	<abrir>	as	orelhas	+	+	O Jorge abriu as orelhas <para ouvir a história>.
+	-	-	-	<abrir>	o	bico	-	+	O Zé abriu o bico <e confessou tudo à polícia>.
+	-	-	-	<acordar>	a	má sorte	-	-	O pescador acordou a má sorte.
+	-	-	-	<adivinhar>	<E>	chuva	-	-	O amola-tesouras adivinha chuva.

Fig. 3.1 – Fragmento da tabela P VC1

Para a classificação (e representação) das expressões fixas deste estudo, foi seguida a proposta de Elisabete Ranchhod (2003). A autora (2003: 8) considera frases fixas as «estruturas frásicas em que existem fortes restrições lexicais e sintáticas entre um verbo e, pelo menos, um dos seus argumentos».

Elisabete Ranchhod (2003: 13), mediante uma série de critérios<sup>27</sup>, distribui as frases fixas em catorze classes sintáticas<sup>28</sup>.

As expressões fixas do nosso estudo apresentam, essencialmente, as seguintes estruturas:

- 1)  $N_0 V C_1$  e  $N_0 V (C \text{ de } C)_1$ , que correspondem à classe [P VC1].

Exs: *O Zé tem a língua suja.*

e

*O Manuel tem telhados de vidro <não devia falar assim do Tó>.*

<sup>27</sup> Segundo E. Ranchhod (2003: 12) devem ter-se em consideração: «(i) as fortes restrições distribucionais que se observam entre os verbos e os grupos nominais que se encontram formalmente na posição de complemento (mais raramente na posição de sujeito); (ii) o facto de essas restrições bloquearem a aplicação às frases de algumas operações sintáticas que envolvem verbos e grupos nominais; e (iii) a interpretação não composicional das construções».

<sup>28</sup> Das classes de frases fixas propostas pela autora, não incluímos no nosso estudo as seguintes: P VC0, P VC2, P VC8, P VC11, P VC12 e P VC13, uma vez que não encontramos provérbios que incluíssem este tipo de expressões.

Estas expressões apresentam uma posição livre, relativa a  $N_0$ , e um complemento que é distribucionalmente fixo com o verbo. São, aqui, agrupadas duas estruturas diferentes, uma com um complemento determinativo fixo, e outra sem complemento determinativo.

2)  $N_0 V C_1 a N_1$ , relativa à classe [P VC3].

Ex: *O Zé matou a sede ao Tó.*

Esta estrutura apresenta duas posições livres: a de sujeito e a de complemento indireto.

3)  $N_0 V C_1 Prep N_2$ , correspondente à classe [P VC4].

Ex: *O Pedro meteu o dedo na conversa.*

Aqui, estamos perante uma estrutura com uma constante lexical e um complemento preposicional livre.

4)  $N_0 V Prep C_1$ , respeitante à classe [P VC5].

Ex: *O Zé malhou em ferro frio.*

Neste caso, apenas a posição argumental de sujeito é livre. O complemento preposicional estabelece uma relação de fixidez com o verbo.

5)  $N_0 V Prep (C de N)_1$  é a estrutura que concerne à classe [P VC6].

Ex: *O Tó rezou pela alma do Zé.*

Esta estrutura apresenta um GN formado por um nome e um complemento determinativo.

6)  $N_0 V N_1 Prep C_2$ , que corresponde à classe [P VC7].

Ex: *A mãe chamou o Tó para a mesa.*

Há duas posições livres nesta construção: a de sujeito e a de complemento direto. Esta construção apresenta, ainda, um complemento preposicional fixo.

7)  $N_0 V C_1 Prep C_2$  é a construção relativa à classe [P VC9].

Ex: *O Pedro pôs o preto no branco.*

Esta estrutura apresenta dois complementos fixos. Somente o preenchimento lexical da posição argumental de sujeito é livre.

8)  $N_0 V Prep C_1 Prep C_2$  pertence à classe [P VC10].

Ex: *A Ana conta com o ovo no cu da galinha.*

Esta estrutura difere das anteriores por ser a única que integra dois complementos preposicionais ambos fixos.

Elisabete Ranchhod (2003: 7) refere que a composição afeta todas as categorias gramaticais. Ou seja, as expressões compostas podem pertencer a qualquer uma das categorias gramaticais. Tal também se verifica no nosso estudo.

9)  $(V) como C$  é a construção referente à classe [P-PVCO] que concerne aos **advérbios compostos**. Estas estruturas desempenham as funções sintáticas próprias dos advérbios (e complementos circunstanciais).

Ex: *A Ana <já> fala como gente.*

10)  $N_0 ser Adj$  diz respeito à classe [SA] **adjetivos compostos**. A estrutura mais recorrente constrói-se com o verbo *ser* e, tal como todas as classes anteriores, tem a posição argumental de sujeito livre.

Ex: *O João é levado dos diabos.*

11) **Estruturas conformativas**

As estruturas conformativas<sup>29</sup> são um subgénero das estruturas comparativas.

---

<sup>29</sup> A propósito das estruturas conformativas ver L. Chacoto (2008).

Podem apresentar os seguintes conectores: *conforme... (assim)*, *assim como... assim e como... assim*. Neste estudo, teremos exclusivamente em consideração as estruturas que apresentam o conector *conforme* na sua constituição.

Ex: *A Tina dança conforme a música.*

## 12) *Comparativas de superioridade*

O esquema sintático das construções comparativas de superioridade que consta das nossas listagens é o seguinte:

***Mais... (do) que...***

Ex: *O professor é mais papista (do) que o Papa.*

De salientar que não foram encontrados provérbios com expressão fixa correspondente que incluíssem outro género de comparativas na sua composição, para além dos indicados.

Na Fig. 3.2, apresentamos uma tabela com as classes formais das expressões fixas que constam das nossas listas, a estrutura sintática correspondente, um exemplo ilustrativo e, ainda, o número de efetivos.

Classes	Estruturas	Exemplos	Efetivos
<b>P VC1</b>	$N_0 V C_1$ e $N_0 V(C \text{ de } C)_1$	O Zé abriu o bico.	68
<b>P VC3</b>	$N_0 V C_1 a N_1$	O Tó rogou pragas ao João.	9
<b>P VC4</b>	$N_0 V C_1 \text{ Prep } N_2$	O Pedro meteu o dedo na conversa.	8
<b>P VC5</b>	$N_0 V \text{ Prep } C_1$	O Nuno canta de galo.	40
<b>P VC6</b>	$N_0 V \text{ Prep } (C \text{ de } N)_1$	O Paulo caiu na esparrela do João.	4
<b>P VC7</b>	$N_0 V N_1 \text{ Prep } C_2$	O João pôs a casa no seguro.	5
<b>P VC9</b>	$N_0 V C_1 \text{ Prep } C_2$	O Pedro puxa a brasa à sua sardinha.	44
<b>P VC10</b>	$N_0 V \text{ Prep } C_1 \text{ Prep } C_2$	A Ana deu com a língua nos dentes.	12
<b>Advérbios Compostos</b>	(V) como C	O Zé come como um cavalo.	7
<b>Adjetivos Compostos</b>	$N_0$ (ser + estar) Adj W	A Ana não é boa rês.	11
<b>Estruturas Conformativas</b>	conforme...	A Tina dança conforme a música.	5
<b>Estruturas Comparativas</b>	mais... (do) que...	A Ana tem mais olhos que barriga.	2
Total			215

Fig. 3.2 – *Classificação das estruturas fixas identificadas nos provérbios*

As classes de frases fixas têm vindo a ser estudadas de forma sistemática por vários autores. Em seguida, reproduzimos um quadro da classificação das frases fixas do Português Europeu de J. Baptista, A. Correia e G. Fernandes (2005), com o objetivo de verificar se as estruturas mais recorrentes coincidem com as mesmas analisadas nos provérbios em estudo.

Classe	Estrutura	Exemplo	Efectivos
<b>C1</b>	$N_0 V C_1$	<i>O Pedro matou a galinha dos ovos de ouro</i> ‘destruir uma fonte de riqueza por ser ganancioso’	800
<b>CAN</b>	$N_0 V (C \text{ de } N)_1 = C_1 a N_2$	<i>O Pedro arrefecer os ânimos da Ana = à Ana</i> ‘acalmar’	200
<b>CDN</b>	$N_0 V (C \text{ de } N)_1$	<i>O Pedro queria a cabeça da Ana</i> ‘querer castigar ou vingar-se de alguém’	100
<b>CP1</b>	$N_0 V \text{ Prep } C_1$	<i>O Pedro bateu com a porta</i> ‘abandonar’	900
<b>CPN</b>	$N_0 V \text{ Prep } (C \text{ de } N)_1$	<i>O Pedro foi aos cornos do João</i> ‘bater em alguém’	100
<b>C1PN</b>	$N_0 V C_1 \text{ Prep } N_2$	<i>O Pedro arrastou a asa à Ana</i> ‘tentar seduzir ou conquistar alguém’	400
<b>CNP2</b>	$N_0 V N_1 \text{ Prep } C_2$	<i>O Pedro tirou o relógio do prego</i> ‘tirar da penhora’	350
<b>C1P2</b>	$N_0 V C_1 \text{ Prep } C_2$	<i>O Pedro deitou mãos à obra</i> ‘começar um trabalho’	400
<b>CPP</b>	$N_0 V \text{ Prep } C_1 \text{ Prep } C_2$	<i>O Pedro foi de cavalo para burro</i> ‘ficar pior do que se estava de início’	200
<b>CPPN</b>	$N_0 V C_1 \text{ Prep } C_2 \text{ Prep } C_3$	<i>O Pedro deitou o bebé fora com a água do banho</i> ‘rejeitar tudo perdendo o que nele há de bom’	50
<b>Total</b>			<b>3,500</b>

Fig. 3.3 – Classificação das frases fixas do Português Europeu segundo Baptista, Correia e Fernandes (2005)

As classes mais representativas do estudo destes autores são as classes C1, CP1, C1PN e C1P2 correspondentes às nossas classes PVC1, PVC5, PVC4 e PVC9. É interessante verificar que três das classes mais produtivas são comuns em ambos os estudos, excetuando-se a classe com a estrutura  $N_0 V C_1 Prep N_2$  (C1PN = PVC4).

#### 4. Descrição das tábuas

Em seguida, analisaremos mais detalhadamente cada uma das classes do nosso estudo.

##### 4.1. Classe P VC1

A classe P VC1 integra as expressões que apresentam uma estrutura interna que pode ser formalizada da seguinte forma:

$N_0 V C_1$

=: (1a) *O Jorge abriu as orelhas <para ouvir a história>*.

e

$N_0 V (C de C)_1$

=: (2a) *O Zé arrotou postas de pescada <e anda a passar fome>*.

Nas frases com a estrutura  $N_0 V C_1$ , o complemento fixo pode ser constituído por um grupo nominal simples, formado por um único nome, ou pode ainda ser acompanhado de um modificador adjetival, como em:

(3a) *A Maria lavou a roupa suja <em público>*.

Há, no entanto, uma relação de fixidez entre o nome e o modificador adjetival, não permitindo quer variação lexical:

(3b) *A Maria lavou a roupa (suja + \*encardida)*.

quer a realização zero do adjetivo:

≠ (3c) *A Maria lavou a roupa.*

Embora (3c) não resulte agramatical, não existe equivalência semântica entre (3a) e (3c), sendo esta última uma frase de sentido literal.

No caso das expressões com a estrutura  $N_0 V (C \text{ de } C)_I$ , o grupo nominal  $(C \text{ de } C)_I$  é composto por um nome e um complemento determinativo, apresentando uma relação de fixidez entre si. Desta forma, não aceita comutação lexical:

(2b) *O Zé arrota postas (de pescada + \*de carapau + \*de cherne).*

Apenas 10 das 68 *EFs* desta classe apresentam a estrutura  $N_0 V (C \text{ de } C)_I$ , tendo a quase totalidade das expressões a estrutura  $N_0 V C_I$ .

No que concerne ao léxico nominal, observámos que em (4a) é possível uma comutação entre nomes<sup>30</sup>, formando um paradigma restrito:

(4a) *O Tó encheu (a barriga<sup>31</sup> + a pança + o fole + o papo).*

Como já foi dito anteriormente, as expressões fixas, por norma, não aceitam comutação lexical. Simões (1993) considera sinónimas as expressões ‘encher a barriga’, ‘encher a malvada’, ‘encher a mula’, ‘encher a pá’, ‘encher a padiola’ e ‘encher a pança’ com o significado «comer a fartar»; as expressões ‘encher o bandulho’, ‘encher o baú’, ‘encher o bucho’, ‘encher o fole’, ‘encher o paiol’, significando todas elas «comer muito», o mesmo significando a expressão ‘encher os mapas’ (*idem: ibidem*). Ainda segundo este autor (*ibidem*), a expressão ‘encher a tripa’ equivale a «comer», enquanto que ‘encher o papo’ significa «comer fartamente; gozar muito e demoradamente». É interessante verificar que estas expressões fixas, apesar da sua proximidade semântica, não são remetidas umas para as outras. De

---

<sup>30</sup> Cf., a propósito, a variação em provérbios em Chacoto (1994: 93).

<sup>31</sup> Se o complemento for explicitado poderemos saber se estamos perante o sentido literal ou o sentido figurado Ex: *O Tó encheu a barriga de guloseimas; O Tó encheu e barriga de férias*. No primeiro caso guloseimas é um  $N [+comestível]$  logo temos um sentido literal enquanto, no segundo caso, estamos perante uma frase com sentido figurado.



notar que a variação destes nomes não altera o significado global da expressão. Daí, aceitarmos a comutação entre eles.

O léxico nominal, em geral, não permite a variação em número:

(5) *O médico dourou (a pílula + \*as pílulas) <ao dar a notícia ao paciente>.*

Verificou-se, contudo, comutação com diminutivos em algumas das expressões deste estudo, podendo apresentar diferentes valores:

a) Expressando ironia:

(1b) *O Jorge abriu as **orelhinhas**.*

b) Expressando carinho ou ternura:

(4b) *O Tó encheu a **barriguinha**.*

Duas *EFs* da classe P VC1 são utilizadas preferencialmente na negativa, por exemplo:

(6a) *O Paulo **não** tem vintém <perdeu tudo ao jogo>.*

cf.: (6b) *\*O Paulo tem vintém.*

Constatou-se, ainda, que existem frases fixas em que o determinante integra um artigo definido e um possessivo:

(7a) *O Tó <também> tem **a sua** cruz.*

De salientar que, em todos os exemplos desta classe, o pronome possessivo é obrigatoriamente correferente ao sujeito e não pode ser reduzido a zero nem substituído por outro pronome não correferente:

(7b) *\*O Tó tem a cruz.*

Ou:

(7c) \**O Tó tem a cruz dela.*

Na classe P VC1, o preenchimento lexical da posição  $C_1$  apresenta um  $N_{pc}$  em 20 dos casos:

(8) *O Luís manteve a cabeça fria.*

Verificamos, ainda, em 14 casos, um  $N_{plural}$  na mesma posição:

(9) *A Maria tem ideias curtas.*

Em P VC1, todas as expressões fixas admitem um  $N_{hum}$  na posição sintática de sujeito.

(10) *O Hugo tem a memória curta <já não se lembra de quem o ajudou>.*

Sendo apenas 8  $EFs$  as que aceitam um  $N_{hum}$  na mesma posição:

(11) *O restaurante tem boa fama.*

Verifica-se ainda que 6  $EFs$  admitem um  $N_{nr}$ , ou seja, a posição argumental de sujeito pode ser preenchida por:

a) Um nome humano:

(12a) *A Ana <já> não tem remédio.*

b) Um nome não humano:

(12b) *O carro <já> não tem remédio.*

c) Um grupo nominal complexo:

(12c) *O comportamento da Ana <já> não tem remédio.*

d) Uma completiva:

(12d) *Que a Ana tenha dito isso <já> não tem remédio.*

À semelhança do léxico nominal, o léxico verbal também pode aceitar comutação:

(13) *A Ana (**enfiou** + **pôs**) a carapuça <ao ouvir a Maria falar sobre pessoas viciadas em compras>.*

Nestes casos, os verbos são semanticamente próximos e podemos considerar que se trata de paradigmas restritos, que estão na origem de variantes de uma mesma expressão. Há, no entanto, casos em que as expressões são antónimas, bastando para tal que os verbos que comutam tenham significados opostos:

(14) *O Pedro **fechou** o bico.*

vs

(15) *O Zé **abriu** o bico.*

Estamos, por conseguinte, em (14) e (15) perante duas expressões fixas distintas.

Nas expressões fixas, os verbos têm comportamentos morfossintáticos semelhantes aos que apresentam nas construções livres. Desta forma:

– Permitem a variação em:

a) Tempo e modo:

(16a) *O Zé (**compra** + **comprou** + **comprará**) fiado <na mercearia lá do bairro>.*

ou:

(16b) ***Comprando** fiado, fico com dinheiro para o cinema.*

b) Pessoa e número:

(16c) *(**Eu compro** + **eles compram**) fiado.*

– Podem ser precedidos de verbo auxiliar:

(17) *A Ana <é que> vai pagar as custas.*

(18) *O Zé deve ter o seu calcanhar de Aquiles.*

Apesar da fixidez entre o verbo e um ou mais dos seus argumentos, as expressões fixas aceitam, por vezes, a inserção de alguns elementos (nomeadamente, advérbios):

(19) *A Maria encheu (hoje + completamente) a pança.*

e:

(20) *O Zé tem (muito + indiscutivelmente) má fama.*

O verbo *ter* mostrou-se o mais produtivo desta classe, tendo 19 ocorrências.

#### 4.2. Classe P VC3

As expressões fixas da classe P VC3 apresentam a estrutura  $N_0 V C_1 a N_1$ :

(1) *O Zé armou a esparrela ao Pedro.*

A posição relativa a  $C_1$  é, em todas as expressões desta classe, preenchida por um grupo nominal simples:

(2a) *O Tó rogou pragas<sup>32</sup> ao João.*

À semelhança da classe anterior, o complemento fixo não permite variação lexical:

(2b) *\*O Tó rogou (maldições + males + desgraças) ao João.*

---

<sup>32</sup> Pode construir-se com  $C_1$ =: *praga* no singular: ‘rogar uma praga a alguém’. Aqui utilizamos a expressão ‘rogar pragas a alguém’ por ser esta a forma que encontramos no provérbio *Quem roga pragas, em cima do corpo lhe cai.* (in Dic. 2008) e na obra da especialidade ‘rogar pragas a alguém’ (ANS: 321).

Verificou-se, ainda, que a maioria das *EFs* apresenta em *C<sub>1</sub>* um *GN simples* preenchido por um nome e um determinante definido.<sup>33</sup>

(3) *O Tó matou a fome ao Zé.*

Exceção feita para duas expressões que aceitam determinante zero, veja-se em (2a) e em:

(4) *O Zé declarou guerra às formigas.*

e uma expressão que apresenta um determinante indefinido:

(5a) *O Telmo pregou um susto à Lara.*

Numa das expressões fixas desta classe, o elemento fixo deve aparecer obrigatoriamente no plural:

(6a) *O João mostrou (os dentes + \*o dente) à Maria.*

De salientar que o preenchimento lexical da posição de sujeito em (5a) e (6a) só pode ser ocupada por um *Nhum*. No entanto, numa construção livre, os verbos *pregar* e *mostrar* aceitam nomes não humanos na mesma posição:

(5b) *O cão pregou um susto à Lara.*

e

(6b) *O cão mostrou os dentes à Maria.*

Por exemplo, em (6b), temos que ter em consideração o significado da expressão *mostrar os dentes*. Como já foi referido na parte II desta dissertação, António Nogueira Santos (2000: 135) apresenta duas definições para esta *EF*:

- a) rir-se;
- b) protestar em termos ríspidos; ameaçar.

---

<sup>33</sup> Constatámos que o mesmo acontece em todas as classes do nosso estudo.

Assim, se tivermos em consideração o primeiro significado (em a), o preenchimento lexical da posição de sujeito só pode ser ocupado por um nome humano. O segundo significado (b), pelo contrário, admite um sujeito *N-hum*, desde que apresente o traço *N+anim* (e, neste caso, que designe um ser vivo com a característica *dentes*).

Constatou-se, ainda, que duas *EFs* apresentam um *Npc* em  $C_1$ , como se pode verificar em (6a) e em:

(7) *A nora adoça a boca à sogra <para agradar ao marido>*.

Quase a totalidade das expressões em estudo admite um nome humano na posição argumental de sujeito. É esse o caso da classe P VC3 em que todas as *EFs* aceitam um sujeito *Nhum*:

(8) **O Chico** armou o laço ao Tó.

O elemento livre à direita (*a N<sub>1</sub>*), aceita um nome humano em todas as ocorrências e pode ser pronominalizado por *lhe*.

#### 4.3. Classe P VC4

Esta classe integra, como já vimos, as construções que apresentam uma constante com função de complemento direto e um complemento preposicional livre.

$N_0 V C_1 Prep N_2$

=: (1) *O Dário faz jogo franco com o Tó*.

O preenchimento da posição argumental de sujeito é, em todas as expressões fixas desta classe, um nome humano, como no exemplo (1).

No que respeita à constante, verificou-se que a maioria das *EFs* apresentam um grupo nominal simples preenchido por um determinante definido e um nome. Em:

(2) *A Cátia meteu o bedelho*<sup>34</sup> *na casa da Ana.*

Três expressões fixas apresentam um nome parte-do-corpo em  $C_I$ . À semelhança das demais classes deste estudo, os  $GN$  que apresentam  $N_{pc}$  constroem-se com um determinante definido.

(3) *O Fernando meteu o nariz em casa do Tó.*

Relativamente à  $Prep$  que introduz o grupo preposicional, constatou-se que  $Prep =: em$  é a mais frequente.

(4) *O João meteu a colher na conversa <da Ana>.*

Verificou-se, ainda, que a posição  $N_2$  pode ser ocupada por um  $N-hum$  em 5 das 8  $EFs$  desta classe.

O verbo *meter* é o mais produtivo aparecendo em 5 das 8 ocorrências.

#### 4.4. Classe P VC5

A classe P VC5 apresenta um complemento preposicional que é fixo com o verbo e corresponde à estrutura sintática  $N_0 V Prep C_I$ :

(1) *A Ana cuspiu para o ar.*

O  $GN$  preposicional, na maioria das vezes, integra um determinante definido. Há, no entanto, casos com determinante zero:

(2) *O Miguel corre por gosto.*

---

<sup>34</sup> Segundo o *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa*, *bedelho* designa o «1. Ferro pequeno e chato, colocado horizontalmente na porta e que, levantando-se ou baixando-se, serve para abrir ou fechar. 2. Criança pequena. 3. Trunfo pequeno, no jogo de cartas. **meter o bedelho**, intrometer-se, interferir naquilo que não lhe diz respeito.»

Alguns *GN* preposicionais integram na sua determinação um determinante possessivo obrigatório. Notemos os seguintes exemplos:

(3a) *A Telma fugiu à **sua** sorte.*

(3b) \**A Telma fugiu à sorte.*

Note-se que o determinante possessivo tem que ser correferente ao sujeito.

Optámos por inserir também nesta classe as frases fixas que apresentam um (*C de C*)<sub>1</sub> na posição *C<sub>1</sub>*<sup>35</sup>:

(4) *O Paulo espera por **sapatos de defunto**.*

À semelhança das demais classes deste estudo, a posição ocupada por *C<sub>1</sub>* pode ser preenchida por:

a) um *N*:

(5) *O José acertou no **alvo**.*

b) um *N* acompanhado de um modificador adjetival:

(6) *A Carla chora sobre o **leite derramado**.*

Em algumas *EFs*, na posição de *C<sub>1</sub>* encontra-se obrigatoriamente um plural:

(7a) *O Filipe fiou-se **em cantigas**.*

cf.: (7b) \**O Filipe fiou-se em **cantiga**.*

No entanto, se explicitarmos o complemento determinativo, o nome *cantiga* pode surgir no singular:

(7c) *O Filipe fiou-se na **cantiga do Tó**.*

---

<sup>35</sup> Note-se que E. Ranchhod (2003) não incluiu esta estrutura na classe PVC 5. Na nossa opinião, a estrutura (*C de C*)<sub>1</sub> deve constar desta classe, uma vez que também foram inseridas na classe PVC 1 as frases fixas que apresentavam um (*C de C*)<sub>1</sub>.



Há, ainda, expressões desta classe cujo elemento fixo é ocupado por um nome parte-do-corpo (*Npc*):

(8) *A Ana morreu pela boca.*

À semelhança das outras classes, as *EFs* não permitem em  $C_1$  a variação em número.

(9a) *O João pregou no deserto.*

cf.: (9b) *\*O João pregou nos desertos.*

E o determinante é igualmente fixo:

(10a) *A Marta rema contra a corrente.*

cf.: (10b) *\*A Marta rema contra (E + uma) corrente.*

Relativamente ao léxico verbal, e tal como acontece nas frases livres, há expressões em que o pronome é correferente ao sujeito e não pode ser elidido. Isto é, a ação exercida pelo sujeito recai sobre ele próprio. Por exemplo:

(11a) *O João afogou-se em pouca água.*

cf.: (11b) *\*O João afogou (a Ana +E) em pouca água.*

Note-se, porém, que o verbo *afogar*, no seu sentido literal, é um verbo transitivo direto.

Quer nesta classe em particular quer nas demais classes deste estudo, a posição ocupada por  $N_0$  é preenchida por um nome humano (*Nhum*) na quase totalidade das expressões. A classe P VC5 apresenta duas expressões fixas que aceitam um nome não humano (*N-hum*) em posição de sujeito:

(12a) *A conversa cheira a esturro.*

Ou um *GN complexo*:

(12b) *A atitude da Ana cheira a esturro.*

Ou uma completiva:

(12c) *Que a Ana dissesse isso cheira a esturro.*

Mas não um  $N_0=Nhum$ :

(12d) \**A Ana cheira a esturro.*

À semelhança do exemplo acima, a expressão ‘vir à tona’<sup>36</sup> admite, em posição de sujeito um *N-hum* (abstato):

(13a) *A verdade veio à tona.*

De salientar que esta *EF* tem um sentido literal sempre que o  $N_0$  corresponde a um *Nhum*:

(13b) *O mergulhador veio à tona.*

Ou um *N-hum*:

(13c) *(Os peixes + os troncos) vieram à tona.*

#### 4.5. Classe P VC6

As expressões fixas da classe P VC6 têm a estrutura  $N_0 V Prep (C de N)_I$ :

(1) *O Pedro caiu no laço da Ana.*

Esta classe contém apenas 4 expressões fixas, admitindo todas elas um nome humano na posição de sujeito:

---

<sup>36</sup> Consideramos que ‘vir à tona’ é uma expressão fixa podendo comutar com: ‘vir à superfície’ e ‘vir ao de cima’. O verbo *vir* pode comutar com *trazer*, *voltar*, *subir* e *chegar*.

Note-se que, em (1), o preenchimento lexical desta posição argumental por um  $N=$ : *coelho* ( $N+anim$  não humano) resultaria na perda do sentido figurado:

(2) *O coelho caiu no laço do caçador.*

Com efeito, em (2) temos uma frase com sentido literal.

Somente uma  $EF$  aceita um  $Nnr$ :

(3a) *Os portugueses estão nas mãos (de Deus +do ditador).*

Neste exemplo, a posição argumental de sujeito é preenchida por uma extensão de um nome humano.

(3b) *Os sonhos da Ana estão nas mãos (de Deus +do ditador).*

Em (3b) por um  $GNcomplexo$ .

(3c) *Que o Zé consiga ultrapassar os maus momentos está nas mãos (de Deus +do ditador).*

Neste último exemplo, a posição sintática de sujeito é preenchida por uma completiva.

Como podemos observar nos exemplos anteriores, a preposição que introduz o complemento preposicional é, em geral, a preposição *em*.

#### 4.6. Classe P VC7

As  $EFs$  que integram esta classe têm a estrutura  $N_0 V N_1 Prep C_2$ :

(1) *O Rui enganou o João com a verdade.*

em que a posição de sujeito é livre, o  $GN$  com função de complemento direto também é livre e o complemento preposicional é fixo.

A posição  $N_0$  é ocupada por um nome humano em todas as expressões fixas desta classe:

(2) *A avó chamou a Maria para a cama.*

No que respeita à posição  $N_1$ , quase todas as *EFs* podem ser preenchidas por um nome humano. Exceção feita para a expressão: ‘pôr alguma coisa no seguro’. Neste caso,  $N_1$  pode ser preenchido por um *N* concreto (3a) ou por um *Npc* (3b):

(3a) *O João pôs a casa no seguro.*

e

(3b) *O João pôs as mãos no seguro.*

Se o João for um pianista, por exemplo.

Em P VC7, *para* é a preposição mais produtiva surgindo em 3 das 5 expressões fixas desta classe.

(4) *O Tito mandou o João para o inferno.*

#### 4.7. Classe P VC9

Esta é uma das classes com maior número de efetivos das nossas listagens e apresenta a estrutura  $N_0 V C_1 Prep C_2$ :

(1) *O João tem culpas no cartório.*

Estas expressões fixas apresentam dois complementos fixos, sendo o segundo um complemento preposicional.

À semelhança da classe PVC 5, resolvemos incluir nesta classe as expressões fixas que apresentam um (*C de C*) na posição  $C_2$ :

(2) *Essa informação é pólvora em mãos de menino.*

Constatou-se, ainda, que 31 dos *Ns* que ocupam a posição  $C_1$  surgem no singular:

(3) *O Tó julgou o livro pela capa.*

– 13 no plural:

(4) *O Zé <queria> fazer omeletes sem ovos.*

– 4 se referem a nomes parte-do-corpo ( $N_{pc}$ ):

(5) *A Ana pôs o pé em galho seco.*

No que diz respeito aos constituintes da coluna  $C_2$ :

– 38 aparecem no singular:

(6) *O Pedro comprou gato por lebre.*

– 6 no plural:

(7) *O Tó <queria> apanhar pássaros velhos com redes novas.*

– 6 são relativos a nomes parte-do-corpo:

(8) *O Luís tem a faca e o queijo na mão.*

Relativamente ao preenchimento da posição de sujeito:

– 43 *EFs* aceitam um nome humano:

(9) *A Ana dá tempo ao tempo.*

– 1 *EF* admite exclusivamente um nome não humano<sup>37</sup>.

– 1 *EF* aceita um *Nnr*, podendo ser preenchida por:

---

<sup>37</sup>Veja-se exemplo 2.

a) Um nome humano:

(10a) *A **Ana** traz água no bico.*

b) Um nome não humano:

(10b) *Essa **história** traz água no bico.*

c) Uma completiva:

(10c) ***Que o Pedro tenha dito isso** traz água no bico.*

Verificou-se, ainda, que uma das *EFs* pede um *Nhum* plural obrigatório na posição de sujeito<sup>38</sup>.

No que concerne aos determinantes de  $C_1$ :

a) 21 *EFs* apenas aceitam um determinante definido:

(11) *A Ana tem **o** diabo no corpo.*

b) 19 apresentam determinante zero:

(12) *A Carla tem  $\langle E \rangle$  pelo na venta.*

c) 1 *EF* constrói-se com um determinante indefinido fixo:

(13) *O Brás procura **uma** agulha no palheiro.*

d) 3 *EFs* têm um determinante numeral:

(14) *O João matou **dois** coelhos duma cajadada.*

Em relação aos determinantes de  $C_2$ :

a) 18 expressões fixas apresentam um determinante definido obrigatório:

---

<sup>38</sup> A expressão ‘ser dois cães a um osso’ (Ex: (O Zé e o Tó + Os dois irmãos) são dois cães a um osso), exemplo já apresentado em (5a) no ponto 1. Propriedades distribucionais e transformacionais.

(15) *O Pedro ensinou o Padre-Nosso ao vigário.*

b) 16 *EFs* têm determinante zero em  $C_2$ :

(16) *O Zé pôs o pé em ramo verde.*

c) 4 *EFs* apresentam numerais em  $C_2$ :

(17) *O Tó <queria> ganhar Samora em **uma** hora.*

d) somente 1 *EF* permite a comutação entre um determinante definido e o determinante zero:

(18a) *O Zé é rei em sua casa.*

= (18b) *O Zé é rei **na** sua casa.*

Verificou-se, também, que 4 *EFs* apresentam um determinante possessivo na sua estrutura. Em todos os casos, o *Det Poss* é correferente ao sujeito da frase. Veja-se, por exemplo:

(19) *O Duarte leva a água ao **seu** moinho.*

No que diz respeito às preposições de  $C_2$ ,

– **em** é a preposição mais recorrente, surgindo 17 vezes:

(20) *O Tó lançou água **em** cesto roto.*

– **para** é a que surge, efetivamente, o menor número de vezes, tendo apenas uma ocorrência:

(21) *O Zé achou a forma **para** o seu pé <e casou com a Ana>.*

A classe P VC9 apresenta um caso em que a frase surge obrigatoriamente na negativa:

(22a) *A Marta **não** dá ponto sem nó.*

cf.: (22b) \**A Marta dá ponto sem nó.*

Algumas das expressões fixas desta classe admitem comutação entre dois verbos, embora o paradigma seja restrito:

(23) *A Ana (chega + puxa) a brasa à sua sardinha.*

e:

(24) *O Zé (deitou + deu) pérolas a porcos.*

E uma *EF* aceita comutação entre dois adjetivos:

(25) *A Ana gasta cera com (fraco +ruim) defunto.*

#### 4.8. Classe P VC10

A classe P VC10 tem a estrutura  $N_0 V Prep C_1 Prep C_2$ , ou seja, contém dois complementos preposicionais fixos:

(1) *A Dália anda com a cabeça no ar.*

No que diz respeito às preposições que introduzem estes complementos, pôde observar-se o seguinte:

a) Em  $C_1$ , *Prep =: com* é a mais recorrente, surgindo 6 vezes (cf. o exemplo anterior). As outras preposições que ocorrem, embora em menor número, são *Prep =: a, de, em, por*.

b) Em  $C_2$ , a *Prep =: em* é a mais produtiva, surgindo 5 vezes:

(2) *A Ana dorme com o diabo na cama.*

Surgem ainda as *Preps =: a, de, por* e *para*.

Relativamente aos determinantes de  $C_1$ , verificou-se que:



– 8 *EFs* apresentam um determinante definido (cf. exemplo 1).

– 1 tem um numeral:

(3) *A Carla chorou por **um** olho azeite e por outro vinagre.*

– há 2 casos de determinante zero.

(4) *A Célia <quer> agradar a gregos e a troianos.*

Na posição do segundo complemento fixo ( $C_2$ ):

– 9 *EFs* apresentam determinante definido:

(5) *A Sara saltou da frigideira para **as** brasas.*

– 2 *EFs* apresentam determinante zero (cf. exemplo 4).

Duas *EFs* desta classe apresentam o primeiro complemento fixo obrigatoriamente no plural ( $C_1 = N_{\text{plural}}$ ):

(6) *A Tânia anda **nas bocas** do mundo.*

Os primeiros complementos fixos correspondem, nalgumas *EFs* destas tábuas, a nomes partes-do-corpo ( $C_1 = N_{\text{pc}}$ ).

Em P VC10, 5 expressões apresentam na posição de  $C_1$  um nome parte-do-corpo (cf. o exemplo (6)).

O mesmo ocorre em  $C_2$ : 3 expressões fixas apresentam um  $N_{\text{pc}}$ :

(7) *A Ana deu com a língua nos **dentes**.*

No que concerne ao preenchimento lexical da posição de sujeito, todas as *EFs* se constroem com um nome humano:

(8) ***O Zé** foi com toda a sede ao pote.*

Apenas uma expressão fixa aceita um nome não restrito, podendo ser preenchido por:

a) um *GN complexo*:

(9a) *A traição do Zé anda de boca em boca.*

b) um nome não humano:

(9b) *A canção anda de boca em boca.*

c) uma completiva:

(9c) *Que o Zé traiu a Ana com a Maria anda de boca em boca*<sup>39</sup>.

#### 4.9. Advérbios Compostos

Para a análise dos advérbios compostos, teve-se em consideração o estudo realizado por Elisabete Ranchhod & De Gioia (1996).

Os autores estabelecem uma análise comparativa dos advérbios compostos que apresentam a construção *Como C* em Português Europeu e Italiano.

No nosso estudo, analisamos 6 expressões com a construção *Como C*, pertencentes à classe PPVCO. Desta análise pôde concluir-se o seguinte:

A conjunção *como* pode comutar com *que nem* em 5 expressões fixas desta classe.

(1a) *O Zé come como um cavalo.*

= (1b) *O Zé come que nem um cavalo.*

No que diz respeito ao preenchimento da posição de sujeito, verificou-se que:

---

<sup>39</sup> Dado o comprimento da completiva sujeito, a frase é mais aceitável com a posposição do sujeito ao predicado: *Anda de boca em boca que o Zé traiu a Ana com a Maria.* A este propósito veja-se a operação *permuta de comprimento* Harris (1976: 148-149).

– Todas as *EFs* admitem um nome humano:

(2) *A Joana tem sete fôlegos como o gato.*

– A exceção é :

(3) *O tempo tanto anda como desanda.*

Relativamente aos determinantes, constatou-se que 2 *EFs* se constroem com *Det* =: *a*, 3 com *Det* =: <*E*>, 1 *EF* com *Det* =: *o* e 1 com *Det* =: *um*.

Em 4 casos, o preenchimento lexical do segundo membro da comparação corresponde a um nome de animal:

(4) *O Zé é como a sardinha: para fugir à sertã, caiu nas brasas.*

Note-se que os vícios e defeitos do ser humano são, muitas vezes, retratados ou “criticados” através de metáforas de animais.

#### 4.10. Adjetivos Compostos

Iremos abordar, exclusivamente, os adjetivos compostos predicativos e que correspondem à seguinte estrutura:

$N_0$  (*ser* + *estar*) *Adj* *W*

$N_0$  representa o grupo nominal com função de sujeito, *Adj* corresponde a um adjetivo composto e *W* é uma variável que representa qualquer sequência de complementos.

Os adjetivos compostos das nossas listagens foram inseridos em classes sintáticas e apresentam essencialmente a seguinte estrutura:

*N<sub>0</sub> ser Adj* correspondente à classe SA<sup>40</sup>.

(1) *O Zé é ruço de má pelo.*

Uma expressão fixa apresenta a estrutura *N<sub>0</sub> estar Adj* relativa à classe EA:

(2) *O João está mal acompanhado.*

1 *EF* apresenta a estrutura *N<sub>0</sub> (ser + estar) Adj* e diz respeito à classe SEA:

(3) *A Júlia (é + está) cega de todo.*

Os adjetivos compostos podem apresentar diferentes estruturas internas. No nosso estudo, as mais recorrentes são *Adj Prep C*:

(4) *O Tó é **duro de roer**.*

Um dos adjetivos compostos do nosso estudo apresenta negação obrigatória. Em:

(5a) *A Ana **não** é boa rês.*

cf.: (5b) *\*A Ana é boa rês.*

Veja-se, no entanto, o seguinte exemplo:

(6) *O Carlos é má rês.*

Ao comutar-se o *Adj =: boa* por *Adj =: má*, obtemos uma *EF* semanticamente equivalente, em que a diferença, a existir, será dificilmente mensurável (do tipo gradativo).

Relativamente ao preenchimento da posição sintática de sujeito, constatou-se que todas as *EFs* admitem um nome humano:

(7) ***O Manuel** é mal agradecido.*

---

<sup>40</sup> A este respeito, ver E. Ranchhod (2003: 7-8).

Contudo, 2 expressões fixas aceitam um nome não restrito:

(8) *(A Ana + O medicamento + Que haja greve na quarta-feira) é um mal necessário.*

#### 4.11. Conformativas

As estruturas conformativas são um subgênero das estruturas comparativas<sup>41</sup>. Tivemos exclusivamente em consideração as estruturas que apresentam o conector *conforme* na sua constituição<sup>42</sup>.

Apenas 5 expressões fixas das nossas listagens têm este tipo de estrutura:

(1) *A Elsa mede o passo conforme a perna.*

Relativamente ao preenchimento lexical da posição de sujeito, todas as *EFs* com estrutura conformativa aceitam exclusivamente um nome humano.

(2) *(A Tânia +\*O carro +\*O amor) colhe conforme semeia.*

As expressões fixas com estruturas conformativas não admitem variação do determinante:

(3) *A Tina dança conforme (a + \*uma +\*E) música.*

#### 4.12. Comparativas de superioridade

As construções comparativas de superioridade apresentam o seguinte esquema sintático:

*Mais... (do) que...*

---

<sup>41</sup> Cf. ponto 11 – Estruturas conformativas.

<sup>42</sup> Não constam das listagens provérbios com outras estruturas conformativas.

Há 2 *EFs* com esta estrutura nas nossas listagens:

(1) *A Ana tem **mais** olhos **que** barriga.*

e

(2) *O professor é **mais** papista **que** o Papa.*

A expressão em (2), para além de admitir variação em grau, é a única que admite a variação em número:

(3) *Os professores são **mais** papistas **que** o Papa.*

Nesta classe, a posição argumental de sujeito é livre e deve ser preenchida por um *Nhum*.

Sendo o objetivo do presente trabalho constatar a existência de correspondência entre provérbios e expressões fixas, não nos alargaremos mais na descrição das expressões fixas.

## **5. Conclusão**

Pudemos constatar que os provérbios apresentam diferentes tipos de compostos na sua estrutura.

As construções mais recorrentes do nosso estudo dizem respeito às classes P VC1, P VC5 e P VC9.

Apesar da fixidez ser uma característica comum aos provérbios e às expressões fixas, ambos podem apresentar variação.

A comutação é a variação mais frequente do nosso estudo e afeta, principalmente, o léxico nominal e verbal.

PARTE IV – O LUGAR DAS EXPRESSÕES FIXAS NOS  
PROVÉRBIOS

## **0. Breve introdução**

Neste capítulo iremos analisar o lugar ocupado pelas expressões fixas nos provérbios alistados.

### **1. O lugar das expressões nos provérbios**

Os provérbios, geralmente, apresentam uma estrutura bipartida, aliada, por vezes, a rima interna, ritmo, paralelismo, que têm funções mnemotécnicas. Por vezes, um dado provérbio é-nos familiar, bastando que comece a ser mencionado para que consigamos completá-lo. Nem sempre é fácil conhecer o provérbio na sua totalidade, pois, por vezes, só se conhece uma das suas partes constituintes, geralmente, a primeira parte<sup>43</sup>.

Tendo isto em consideração, propomo-nos verificar se o facto de só ser reproduzido um membro do provérbio pode gerar confusões de classificação entre provérbios e expressões fixas.

Como já foi referido anteriormente, há, inclusive nas recolhas, uma confusão frequente na classificação do que é um provérbio e uma expressão fixa. Alguns autores alertam para o facto de, por exemplo, a redução de um provérbio poder levar à formação de expressões fixas<sup>44</sup>.

#### **1.1. Estruturas dos provérbios**

Dado que a maioria dos provérbios listados apresenta uma estrutura bimembre, pareceu-nos que poderia ser relevante verificar em que parte do provérbio ocorrem as expressões fixas correspondentes.

De salientar que a noção de bimetrismo nem sempre é clara. Anscombe (2010) defende que «El bimetrismo es una noción perfectamente ambigua, y puede

---

<sup>43</sup> Cf. L. Chacoto 1994.

<sup>44</sup> A este propósito, veja-se Mogorrón Huerta (2009).



significar tres cosas: (i) Desde un punto de vista distribucional, un refrán siempre consta de dos partes, afirmación inegablemente falsa en vista de un ejemplo como *Cada loco con su tema*; (ii) Desde un punto de vista sintáctico, un refrán siempre consta de dos oraciones: un refrán como *En martes trece, no te cases, ni te embarques* es un claro contraejemplo; (iii) Desde un punto de vista semántico, un refrán siempre encierra un mecanismo bimembre.»

O mesmo autor (*ibidem*) conclui, ainda, que «el fenómeno parémico es básicamente un fenómeno lingüístico, y que se articula en torno a tres dimensiones: a) Una dimensión mediativa, que atañe a las posibles combinaciones con marcadores mediativos específicos; b) Una dimensión genérica que incluye un parámetro temporal y aspectual; c) Una dimensión léxica, en tanto que las paremias se caracterizan por esquemas sintácticos y/o rítmicos.»

Optando por uma classificação sintática, constatámos, ao analisar os provérbios listados que apareciam diferentes tipos de orações e, com base no número de estruturas, classificámos os provérbios como unimembres, bimbembres, trimembres e plurimembres.

## **1.2. Expressões fixas que surgem no primeiro membro do provérbio**

As expressões fixas podem ocupar diferentes posições nos provérbios, ou seja, alguns provérbios apresentam uma *EF* no primeiro membro:

(1) *Cada um quer levar a água ao seu moinho (e deixar em seco o do vizinho).*

O exemplo acima apresentado tem uma estrutura bimembre e apresenta no 1º membro a expressão fixa correspondente ‘levar a água ao seu moinho’.

Encontramos, também, um provérbio com estrutura trimembre que apresenta a expressão fixa correspondente no primeiro membro:

(2) *Aprende bem esta lição: vale mais pobre e asseado que rico e besuntão.*

Neste caso, ‘aprende bem esta lição’ funciona como introdutor de discurso.

Os provérbios unimembres estudados foram também aqui incluídos ou seja, contribuíram para a contabilização das estruturas que apresentam expressões fixas no primeiro membro. É o caso de:

(3) *Esperança não enche pança.*

e

(4) *Ninguém nasce ensinado.*

Com as *EFs* ‘encher a pança’ e ‘nascer ensinado’, respetivamente. Encontrámos 129 provérbios em que a *EF* ocorre no 1º membro.

### **1.3. Expressões fixas que surgem no segundo membro do provérbio**

As *EFs* surgem no 2º membro em provérbios como:

(5) *É melhor não mexer o arroz, ainda que cheire a esturro.*

Neste caso, a *EF* é ‘cheirar a esturro’, uma das poucas encontradas que não aceita exclusivamente um *Nhum* na posição de sujeito.

Também em:

(6) *Lisonjas ouvir, orelhas abrir.*

observamos a ocorrência da *EF* no 2º membro do provérbio.

Observou-se em 48 provérbios a ocorrência da *EF* no 2º membro.

#### 1.4. Expressões fixas que ocupam todo o provérbio

Pudemos, ainda, constatar que há *EFs* que, no caso de provérbios com dois ou mais membros, ocupam todo o provérbio, não se limitando a ocupar apenas um dos seus membros.

Atentemos no exemplo seguinte:

(7) *Se a pílula bem soubera, não se dourara por fora.*

Aqui a expressão correspondente é ‘dourar a pílula’.

Como já foi referido na Parte III desta dissertação, há, também, provérbios que apresentam mais do que uma *EF* na sua constituição, ocupando, desta forma, mais do que uma das suas partes constituintes. É o caso de:

(9) *Nem com toda a sede ao pote, nem com toda a fome à arca.* .

que apresenta correspondência com duas *EFs*, nomeadamente ‘ir com toda a sede ao pote’ e ‘ir com toda a fome à arca’.

O número de provérbios nestas condições, isto é, os casos em que as *EFs* ocupam todo o provérbio são 24.

A fim de ter uma melhor perceção do número de provérbios em cada uma destas circunstâncias, confrontemos o gráfico seguinte.

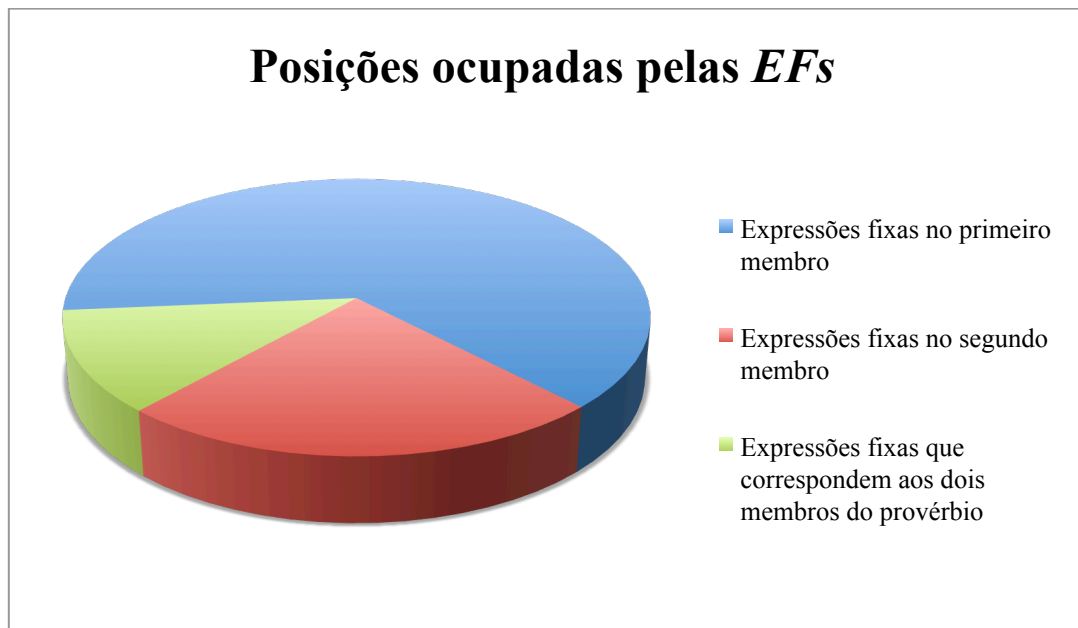


Gráfico 4.1 – *Posições ocupadas pelas expressões fixas nos provérbios*

## 2. Conclusão

Através da análise dos provérbios listados, pudemos constatar que, em geral, têm uma estrutura bimembre e a *EF* ocorre sobretudo no primeiro membro.

Dado que os provérbios não precisam de ser enunciados na sua totalidade e que as *EFs* se encontram sobretudo na primeira parte, ao omitir-se a segunda parte do provérbio aumenta-se a semelhança entre o provérbio e a *EF* correspondente. Este poderá ser um dos fatores que subjaz à confusão existente.

Estamos, porém, consciente de que a hipótese agora avançada precisa de ser confirmada (ou infirmada) num trabalho futuro.

## CONCLUSÕES GERAIS

O presente estudo consistiu em identificar, analisar e descrever a correspondência entre provérbios e expressões fixas.

Ao longo deste trabalho, tentámos relacionar expressões fixas com provérbios.

A confusão terminológica e as obras de carácter híbrido que reúnem sob uma única designação estruturas muito distintas (quer do ponto de vista formal, quer do ponto de vista funcional) acarretam consequências para o leitor comum, pois a fronteira entre provérbio, *EFs* e demais fraseologismos não é clara. As obras da especialidade englobam indiscriminadamente diferentes tipos de estruturas e os autores estão, em geral, cientes dessa situação, autorizando, desta forma, o uso aleatório da designação de provérbios e expressões para classificar fraseologismos de diversa natureza.

As obras de expressões fixas consultadas, apesar de serem valiosíssimos contributos para o conhecimento da língua, não possibilitam o uso de expressões que não sejam por nós conhecidas, enquanto falantes da língua, visto apresentarem, por vezes, um tratamento deficitário das suas formas. Ou seja, as obras da especialidade não dão conta das construções internas das expressões fixas, ao não explicitarem a sua estrutura completa. Quanto ao significado das *EFs*, estas obras dão a explicação através de paráfrases ou formas sinónimas. Em suma, não é fácil, para quem não conhece uma dada expressão fixa, usá-la corretamente.

Afigura-se-nos que seria importante acrescentar um exemplo a cada expressão fixa, ou abonar o seu uso, tal como se encontra, por exemplo, no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa.

Pudemos constatar, através de um estudo por amostragem, que é mais frequente encontrarmos expressões fixas em obras de provérbios do que o inverso: 5% das entradas de *O Grande Livro dos Provérbios* são, na verdade, expressões fixas e apenas 1% dos enunciados em *Dicionários de Expressões Idiomáticas* são provérbios. De salientar, contudo, que a contagem foi feita por amostragem, podendo os valores variar se fosse analisada a totalidade destas obras.

Listámos 201 provérbios que apresentam compostos na sua estrutura interna. Nos provérbios listados surgem diferentes tipos de compostos: esses compostos podem consistir em nomes compostos, advérbios compostos, adjetivos compostos e até em expressões fixas propriamente ditas. Há inclusive provérbios que apresentam mais do que uma expressão fixa.

Deparamo-nos com 12 estruturas diferentes em que a mais produtiva corresponde à classe [P VC1] que pode apresentar as seguintes construções  $N_0 V C_1$  (*O Pedro fechou o bico*) e  $N_0 V (C \text{ de } C)_1$  (*O Manuel tem telhados de vidro*), com 68 ocorrências. Também as estruturas  $N_0 V \text{ Prep } C_1$  [P VC5] (*A Ana cuspiu para o ar*) e  $N_0 V C_1 \text{ Prep } C_2$  [P VC9] (*O Pedro comprou gato por lebre*) são muito produtivas com 40 e 44 ocorrências, respetivamente.

De salientar que em todas as classes do nosso estudo, o preenchimento lexical da posição sintática de sujeito admite, em geral, um nome humano.

Os provérbios e as expressões fixas, apesar da sua fixidez, podem apresentar variação. A comutação é a variação mais frequente, afetando sobretudo o léxico nominal e verbal.

A variação entre nomes pode afetar o sentido dos enunciados, levando à perda do sentido figurado, isto é, o significado deixa de ser figurado e passa a ser literal. O mesmo acontecia por vezes com sujeitos não-humanos.

A análise dos provérbios em estudo permitiu-nos verificar a ocorrência de *EFs* não atestadas nos dicionários da especialidade, atestadas quer no *Corpus do Português* quer na Internet.

O número de estruturas fixas da nossa língua é muito elevado tal como se pode comprovar através da quantidade de expressões fixas em frases breves como os provérbios.

Os provérbios apresentam um tipo de estruturas que é comum às expressões fixas e vice-versa, o que leva alguns autores a afirmar que umas originam as outras.

Não foi nossa intenção determinar quais as estruturas que tinham primazia, por isso não ser relevante para o nosso estudo.

Por último, verificámos que os provérbios têm tendencialmente uma estrutura bimembre e que a *EF* ocorre sobretudo no 1º membro, o que poderá estar na origem da confusão entre provérbios e expressões fixas, uma vez que os provérbios nem sempre são enunciados na sua totalidade.

Quanto a nós, o objetivo principal deste estudo, foi satisfatoriamente atingido.

Estamos consciente de que o estudo poderia ser alargado e que muitas questões não puderam ser ainda tratadas na nossa investigação. Num futuro próximo, pretendemos proceder ao alargamento das nossas listagens e à análise léxico-sintática dos provérbios listados.

Apesar de muito ficar ainda por explorar, esperamos ter contribuído, mesmo que modestamente, com esta dissertação, para um melhor entendimento deste tipo de estruturas e para a compreensão da estreita relação que existe entre provérbios e expressões fixas.



## BIBLIOGRAFIA

## Obras paremiológicas e obras de expressões fixas

**Alves**, Manuel Costa. 2002. *Mudam os Ventos, Mudam os Tempos – O Adagiário Popular Meteorológico*, 2ª ed. aumentada (1ª ed.:1996), Lisboa: Gradiva.

**Brazão**, José Ruivinho. 2004. *Os Provérbios estão Vivos em Portugal*, Lisboa: Editorial Notícias.

**Camargo**, Sidney & Martha Steinberg. 1989. *Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas. Português – Inglês*, S. Paulo: E.P.U.

**Carrusca**, Maria de Sousa (coord.). 1974-77. *Vozes da Sabedoria*, 3 vols, Lisboa: União Gráfica.

**Costa**, José Ricardo Marques da. 2004. *O Livro dos Provérbios Portugueses*, 2ª ed. (1ª ed.: 1999), Lisboa: Editorial Presença.

*Diciopédia 2005*, Porto Editora Multimédia.

*Diciopédia 2008*, Porto Editora Multimédia.

**Estanqueiro**, António. 1998. *A Sabedoria dos Provérbios – As Pessoas e as Instituições nos Provérbios Portugueses*, 2ª ed. (1ª ed.: 1996), Lisboa: Editorial Presença.

**Franco**, Fernanda Costa. 1995. *Sabedoria Popular – Provérbios e Alguns Ditos*, 3ª ed. (1ª ed. 1995), Torres Novas: Gráfica Almondina.

**Funk**, Gabriela & Matthias Funk. 2001. *Pérolas da Sabedoria Popular Portuguesa – Provérbios de S. Miguel*, Lisboa: Edições Salamandra.

-----, 2008. *Dicionário Prático de Provérbios Portugueses*, Chamusca: Edições Cosmos.

**Ghitecu**, Micaela. 1992. *Novo Dicionário de Provérbios*, 1ª ed., Lisboa: Edições Fim de Século.

**Jorge**, Guilhermina & Suzete Jorge. 1997. *Dar à Língua – da comunicação às expressões idiomáticas*, Lisboa: Edições Cosmos.

**Letria**, José Jorge. 2004. *Provérbios do Mundo*, 3ª ed. (1ª ed. 2001), Lisboa: Editorial Notícias.

**Machado**, José Pedro. 1996. *O Grande Livro dos Provérbios*, 1ª ed., Lisboa: Editorial Notícias.

-----, 2005. *O Grande Livro dos Provérbios*, 3ª edição revista e aumentada, Lisboa: Editorial Notícias.

-----, 2011. *O Grande Livro dos Provérbios*, 4ª edição, Alfragide: Casa das Letras.

**Neves**, Orlando. 1999. *Dicionário de Expressões Correntes*, 1ª ed., Lisboa: Editorial Notícias.

----- . 2003. *Expressões Bíblicas*, 1ª ed., Lisboa: Editorial Notícias.

**Parente**, Salvador. 2005. *O Livro dos Provérbios*, 1ª ed., Lisboa: Editora Âncora.

**Santos**, António Nogueira. 2000. *Dicionários de Expressões Idiomáticas*, 1ª ed., vol. I – Português, Lisboa: Edições João Sá da Costa.

**Simões**, Guilherme Augusto. 1993. *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

**Strauss**, Emanuel. 1994. *Dictionary of European Proverbs*, 1ª ed., 3 vols., London: Routledge.

**Texto Editores**. 2001. *Provérbios Populares Portugueses*, 3ª ed., Lisboa: Texto Editora.

**Vasconcelos**, Carolina Michaëlis de. 1986. «Mil Provérbios Portugueses», *Revista Lusitana (Nova Série)*, 7, pp. 29-71 .

**Vaz**, Guerreiro. 2004. *Deus e o Diabo nos provérbios portugueses*, 1ª ed., Cruz Quebrada: Editorial Notícias.

## Bibliografía geral

**Álvarez de la Granja**, María. 1999. «Locuciones e enunciados fraseolóxicos. Un límite difuso», *Paremia*, 8, pp. 19-24.

**Anscombre**, Jean Claude. 1997. «Reflexiones críticas sobre la naturaleza y el funcionamiento de las paremias», *Paremia*, 6, pp. 43-54.

----- . 2010. «Las formas sentenciosas: un fenómeno lingüístico», *Revista de Investigación Lingüística*, 13: Universidad de Murcia, pp. 17-43.

**Baptista**, Jorge. 1994. *Estabelecimento e Formalização de Classes de Nomes Compostos*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (não publicada).

----- . 1997a. «Conversão, nomes parte-do-corpo e reestruturação dativa» In Castro, Ivo (Ed.), *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Braga - Guimarães, 30 de Setembro a 2 de Outubro de 1996)*, Vol. I – Linguística, Lisboa: APL, pp. 51-59.

----- . 1997b. «Sermão, tarefa e facada: Uma classificação das construções conversas *dar-levar*», *Seminário de Linguística*, 1, Faro: Universidade do Algarve, pp. 5-37.

**Baptista**, Jorge; Anabela Correia & Graça Fernandes. 2004. Frozen Sentences in Portuguese: Formal Description for NLP. Workshop on *Multiword Expressions: Integrating Processing*, *International Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics*, Barcelona: ACL, pp. 72-79.

----- . 2005. Léxico-gramática das frases fixas do português europeu. Breve presentación, *Cadernos de Fraseoloxía Galega* 7, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, pp. 41-53.

**Baptista**, Jorge & Graça Fernandes. 2008. «Frozen sentences with obligatory negation: linguistic challenges for natural language processing», *Colocaciones y fraseología en los diccionarios*, Frankfurt: Peter Lang, pp. 85-95.

**Bechara**, Evanildo. 1999. *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª edição revista e ampliada, Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

**Blanco Escoda**, Xavier & M<sup>a</sup> Dolores Moreno Alcalde. 1997. «La palabra proverbial en la enseñanza/aprendizaje de lenguas românicas», *Paremia*, 6, pp. 117-122.

**Blanco García**, Pilar. 1999. «Didáctica de los refranes en la enseñanza pública», *Paremia*, 8, pp. 65-68.

**Blanco**, Xavier & Dolores Català. 1998. «Quelques Remarques sur un Dictionnaire Électronique d'Adverbes Composés en Espagnol», *Linguisticae Investigationes*, XXIII, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp. 213-232.

**Cantera Ortiz de Urbina**, Jesus. 2007. «La sabiduría en el libro de los *Proverbios* del Antiguo Testamento», *Paremia*, 16, pp. 19-28.

**Casteleiro**, João Malaca (coord.). 2001. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, 1ª ed., Lisboa: Editorial Verbo.

**Català**, Dolors & Matías Mellado. 1994. «Une clé d'accès au sens: La métaphore», *Lenguas para fines específicos VI*, Madrid: Universidad de Alcalá, pp. 371-377.

-----, 2001. «La Détermination dans les Adverbes et Verbes Composés en Français et en Espagnol», *Linguisticae Investigationes*, XXIII, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 128-151.

**Chacoto**, Lucília. 1994. *Estudo e Formalização das Propriedades Léxico-Sintáticas das Expressões Fixas Proverbiais*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (não publicada).

-----, 1996. «Um Apontamento sobre o Provérbio na Literatura Portuguesa: a *Carta de Guia de Casados* de D. Francisco Manuel de Mello», *Estudos de Literatura Oral (ELO)*, 2, pp. 93-104.

-----, 1997. «Quem conta um conto acrescenta um ponto. Figement et variation dans les proverbes portugais», *Paremia*, 6, pp. 183-188.

-----, 2005. *O verbo fazer em construções Nominais Predicativas*, Dissertação de Doutoramento, Faro: Universidade do Algarve (não publicada).

-----, 2007a. «Las paremias en la *Comedia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos», *Seminario Internacional Colección paremiológica – Madrid 1922-2007*, Madrid: Biblioteca Histórica Municipal, pp. 73-96.

-----, 2007b. «A sintaxe dos provérbios. As estruturas *quem / quien* em português e espanhol», in *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, 9, Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñero – Xunta de Galicia, 31-53.

-----, 2008. «*Vale mais um gosto na vida que três vinténs na algibeira* – Las estructuras comparativas en los proverbios portugueses», *Aspectos formales y discursivos de las expresiones fijas* [Conde Tarrío, G. (ed.)], Frankfurt am Main u.a: Peter Lang, pp. 87-103.

-----, 2010. «Não há rifão velho, se é dito a propósito – La condición en los refranes portugueses», in KORHONEN, J.; MIEDER, W.; PIIRAINEN, E.; PIÑEL, R. (org.): *EUROPHRAS 2008 – Beiträge zur internationalen Phraseologiekonferenz vom 13. – 16.8.2008 in Helsinki*, Helsinki Universität Helsinki – Institut für moderne Sprachen Germanistik, pp. 58-65.

-----, 2012. «A produção fraseoparemiográfica» in Alvarez Maria Luísa Ortiz (org.): *Tendências Atuais na Pesquisa Descritiva e Aplicada em Fraseologia e Paremiologia – Anais*, vol. I, Campinas, SP: Pontes Editores, pp. 157-170.

**Combet**, Louis & Julia Sevilla Muñoz. 1995. «Proverbes, expressions proverbiales, sentences et lieux communs sentencieux de la langue française d'aujourd'hui, avec leur correspondance espagnole», *Paremia*, 4, pp. 7-95.

- Conca I Martínez**, Maria. 1999. «Relacions interactives entre unitats fraseològiques», *Paremia*, 8, pp. 137-142.
- Conde Tarrío**, Germán. 1999. «O Problema da Terminoloxía Paremiolóxica en Galicia», *Madrygal*, 2, pp. 53-66.
- Conenna**, Mirella. 2010. «*Qui voit Ouessant et caetera*: description et traduction de quelques proverbes marins», *Cahiers du Cental*, 6, Louvain: UCL Presses, pp. 61-72.
- Corpas Pastor**, Gloria. 1997. *Manual de fraseología española*, Madrid: Editorial Gredos.
- Corrales-Martin**, Norma & Maritza Bell-Corrales. 2008. «Estúdio morfosintáctico de refranes españoles desde la perspectiva de la gramática verbal», *Aspectos formales y discursivos de las expresiones fijas*, Frankfurt: Peter Lang, pp. 77-86.
- Crystal**, David. 1988. *Diccionario de linguística y fonética*, tradução e adaptação de Maria Carmelita Pádua Dias, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Cunha**, Celso & Lindley Cintra. 1999. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 15ª edição (1ª ed. 1984), Lisboa: Edições Sá da Costa.
- De Gioia**, Michele. 1994. «Sur Quelques Comparaisons d'Adverbes Figés de l'Italien et du Français», *Linguisticae Investigationes*, XVIII: 1, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp. 89-120.
- . 2010. «À propos de la réduction des adverbes figés», *Cahiers du Cental*, 6, Louvain: UCL Presses, pp. 103-111.
- Dubois**, Jean *et al.* 1993. *Dicionário de Linguística*, trad. de Izidoro Blikstein , 9ª ed. (1ª ed. 1973), São Paulo: Cultrix.
- Fernandes**, Graça. 2007. *Léxico-Gramática das Frases Fixas do Português Europeu – Construções Intransitivas*, Dissertação de Mestrado, Faro: Universidade do Algarve (não publicada).
- Fournié**, Sylvie. 1993. «Las expresiones fijas en una estética de la repetición: *Amado Monstruo* de Javier Tomeo», *Paremia*, 2, pp. 134-150.
- Funk**, Gabriela. 1998. «A Bíblia como indicador da importância do provérbio no âmbito de culturas diferentes», *Paremia*, 7, pp. 97-106.
- Funk**, Gabriela & Matthias Funk. 2006. «Mudam-se os tempos mudam-se os pensamentos... e os provérbios?» in *Estudos sobre Cultura Popular – Homenagem ao Professor Doutor José de Almeida Pavão*, Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada, pp. 117-145.
- Galmiche**, Michel & Georges Kleiber. 1985. «Sur les Déterminants dans les Expressions Figées», *Langages*, 79, Paris: Larousse, pp. 89-119.
- García-Page**, Mario. 1997. «Propiedades lingüísticas del refrán (II): el léxico», *Paremia*, 6, pp. 275-280.

----- 1999. «Variantes morfológicas y unidades fraseológicas», *Paremia*, 8, pp. 225-230.

**González Rey**, Maribel. 1997. «La valeur stylistique des expressions idiomatiques en français», *Paremia*, 6, pp. 291-296.

**Gréciano**, Gertrud. 2000. «Phraséologie, ses co(n)textes et ses contrastes», *Paremia*, 9, pp. 91-102.

**Gross**, Gaston. 1996. *Les expressions figées en français – Noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys.

**Gross**, Maurice. 1975. *Méthodes en syntaxe. Régime des constructions complétives*, Paris: Hermann.

----- 1977. *Grammaire transformationnelle du français. Syntaxe du nom*, Paris: Larousse.

----- 1981. «Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique», *Langages*, 63, Paris: Larousse, pp. 7-52.

----- 1982. «Une Classification des Phrases Figées du Français», *Revue Québécoise de Linguistique*, vol. 11, n° 2, Montréal: Université du Québec à Montreal, pp. 151-185.

----- 1988. «Methods and tactics in the construction of a lexicon-grammar», in *Linguistics in the morning calm 2. Select papers from SICOL – 1986*, Seoul: Hanshin Publishing Company, pp. 177-197.

----- 1990. «Sur la notion harissienne de transformation et son application au français», *Langages*, 99, Paris: Larousse, pp. 1-12.

**Harris**, Zellig Sabattai. 1964. «The Elementary Transformations», in Z. S. Harris. 1981: pp. 211- 235.

----- 1965. «Transformational Theory, in Z. S. Harris», 1981: pp. 236-280.

----- 1968. *Mathematical Structures of Language*, New York: Wiley-Interscience.

----- 1976. *Notes du cours de syntaxe*, trad. de Maurice Gross, Paris: Édition du Seuil.

----- 1981. *Papers on Syntax*, Dordrech: D. Reidel Publishing Company.

----- 1991. *A Theory of Language and Information – A Mathematical Approach*, Oxford: Clarendon Press.

**Houaiss**, António. 2004. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* [CD-ROM], Rio de Janeiro: Instituto António Houaiss, Editora Objetiva.

- Kleiber**, Georges. 2010. «Proverbes et classification», *Cahiers du Cental*, 6, Louvain: UCL Presses, pp. 155-168.
- Klein**, Jean René & Corinne Rossari. 2003. «Figement et variations en français de Belgique, de France, du Québec et de Suisse», *Linguisticae Investigationes*, XXVI: 2, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 203-214.
- Klein**, Jean René. 2010. «Proverbes et expressions verbales: des figements vraiment différents?», *Cahiers du Cental*, 6, Louvain: UCL Presses, pp. 169-180.
- Lamiroy**, Béatrice. 2010. «*More is different*: la notion d'émergence et les expressions figées», *Cahiers du Cental*, 6, Louvain: UCL Presses, pp. 197-206.
- Leclère**, Christian. 1995. «Sur une restructuration dative», *Language Research*, 31:1, Corée du Sud; Université Nationale de Séoul, pp. 179-198.
- Lévi**, Florence. 1999. «Les expressions toutes faites et proverbiales relatives au secret en français et portugais», *Paremia*, 8, pp. 313-318.
- Lopes**, Ana Cristina Macário. 1992. *Texto Proverbial Português – Elementos para uma análise semântica e pragmática*, dissertação de Doutoramento, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (não publicada).
- Machado**, José Pedro. 1991. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 6 vols, Lisboa: Publicações Alfa.
- Machonis**, Peter A. 2010. «Neutral Phrasal Verbs in English», *Cahiers du Cental*, 6, Louvain: UCL Presses, pp. 229-237.
- Marcos García**, Maria Josefa. 2008. «Descripción formal de las unidades fraseológicas en francés y en español», in CONDE TARRÍO, Germán (ed.): *Aspectos formales y discursivos de las expresiones fijas*, Frankfurt: Peter Lang, pp. 199-218.
- Mateus**, Maria Helena Mira; Ana Maria Brito; Inês Duarte e Isabel Hub Faria. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª edição revista e aumentada, Lisboa: Caminho.
- Mattoso**, José. 2001. «O Essencial sobre os Provérbios Medievais Portugueses», in *Obras Completas*, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 297-327.
- Michaux**, Christine. 1999. «Le proverbe: nom ou phrase?», *Paremia*, 8, pp. 339-344.
- Mieder**, Wolfgang. 1994. «Consideraciones generales acerca de la naturaleza del proverbio», *Paremia*, 3, pp. 27-36.
- , 2008. «'Wisdom is better than wealth' Proverbs as expressions of culture and folklore», *Proverbs speak louder than words: folk wisdom in art, culture, folklore, history, literature and mass media*, New York: Peter Lang Publishing, pp. 9-44.
- Mirto**, Ignazio Mauro. 2010. «Synonymy: The unbearable fickleness of meaning», *Cahiers du Cental*, 6, Louvain: UCL Presses, pp. 239-249.
- Mogorrón Huerta**, Pedro. 2009. «Del origen paremiológico de algunas locuciones», *Paremia*, 18, pp. 65-76.



------. 2010. «Peut-on traduire les expressions figées?», *Cahiers du Cental*, 6, Louvain: UCL Presses, pp. 251-263.

**Molinier**, Christian. 2010. «Sur les phrases figées du français en *être sous GN*», *Cahiers du Cental*, 6, Louvain: UCL Presses, pp. 265-276.

**Moustaki**, Argyro. 2010. «Les expressions figées pour enseigner le FLE et pour traduire: une expérience en classe de langue», *Cahiers du Cental*, 6, Louvain: UCL Presses, pp. 277-286.

**Muñoz**, Julia Sevilla & Jesús Cantera Ortiz de Urbina. 2002. *Pocas Palabras Bastan*, Salamanca: Centro de Cultura Tradicional.

**Navarro Domínguez**, Fernando. 1993. «Hacia una nueva caracterización del concepto de paremia en su empleo lingüístico-discursivo», *Paremia*, 2, pp. 21-26.

**Pamies Bertrán**, Antonio. 2008. «Productividad fraseológica y competencia metafórica (inter)cultural», *Paremia*, 17, pp. 41-57.

**Privat**, Maryse. 1997. «Proverbes, métaphores et traduction», *Paremia*, 6, pp. 511-514.

**Ranchhod**, Elisabete Marques. 1990. «Análise Sintáctica de Expressões Idiomáticas – Formas Comparativas», *II Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*, Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 90-114.

------. 2003. «O Lugar das Expressões ‘Fixas’ na Gramática do Português» in Ivo Castro & Inês Duarte (orgs.) *Razões e Emoção*, vol II. Lisboa: Colibri, pp. 239-254.

**Ranchhod**, Elisabete Marques & Michele de Gioia. 1996. «Comparative Romance Syntax. Frozen Adverbs in Italian and in Portuguese», *Linguisticae Investigationes*, XX: 1, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp. 33-85.

**Ripollès & Roser de la Fragua**. 1997. «Más de 100 refranes y locuciones castellanos y su clasificación», *Paremia*, 6, pp. 541-546.

**Rossari**, Corinne. 2010. «Note sur quelques expressions voulant dire “coûter cher”», *Cahiers du Cental*, 6, Louvain: UCL Presses, pp. 341-349.

**Segura García**, Blanca. 1993. «Las expresiones idiomáticas como reflejo de oralidad fingida en las obras de Vargas Llosa», *Paremia*, 2, pp. 163-168.

**Sevilla Muñoz**, Julia. 1996. «El refranero hoy», *Paremia*: 5, pp. 11-126.

**Simpson**, John. 1982. *The Concise Oxford Dictionary of Proverbs*, New York: Oxford University Press.

**Taylor**, Archer. 1975. *Selected writings on proverbs*, ed. by Wolfgang Mieder, Helsinki, FF Communications, vol. XCI, n° 216.

**Vale**, Oto Araújo. 2001. *Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia*, Dissertação de Doutorado, Araraquara: Universidade Estadual Paulista (não publicada).

------. 2003. «Une classification des expressions figées du portugais du Brésil», *Lingvisticae Investigationes*, XXVI: 2, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 175-186.

------. 2003. «Some Regularities of Frozen Expressions in Brazilian Portuguese», *Computational Processing of the Portuguese Language*, New York: Springer, pp. 98-101.

**Zuluaga**, Alberto. 1975. «La fijación fraseológica», in *Thesaurus XXX*, pp. 225-248.

------. 1980. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*, Frankfurt: Peter Lang.

## MATRIZES LÉXICO-SINTÁTICAS

$N_0 = Nhum$	$N_0 = N-hum$	$N_0 = Nnr$	NegObrig	V	Det	$C_1$	$C_1 = Nplural$	$C_1 = Npc$	Exemplo
+	-	-	-	<abrir>	a	boca	-	+	A Carla abriu a boca <e contou o nosso segredo à mãe>.
+	-	-	-	<abrir>	a	bolsa	-	-	O Tó abriu a bolsa.
+	-	-	-	<abrir>	as	orelhas	+	+	O Jorge abriu as orelhas <para ouvir a história>.
+	-	-	-	<abrir>	o	bico	-	+	O Zé abriu o bico <e confessou tudo à polícia>.
+	-	-	-	<acordar>	a	má sorte	-	-	O pescador acordou a má sorte.
+	-	-	-	<adivinhar>	<E>	chuva	-	-	O amola-tesouras adivinha chuva.
+	-	-	-	<aprender>	a	lição	-	-	O Carlos aprendeu a lição <e já não volta a fazer o mesmo>.
+	-	-	-	<arrotar>	<E>	postas de pescada	+	-	O Zé arrota postas de pescada <e anda a passar fome>.
+	-	-	-	<arrotar>	os	cabedais	+	-	O João arrota os cabedais <que possui>.
+	-	-	-	<baixar>	as	orelhas	+	+	O Pedro baixou as orelhas <quando a Maria falou>.
+	-	-	-	<cantar>	<E>	fino	-	-	O João canta fino <ao pé dos polícias>.
+	-	-	-	<comprar>	<E>	fiado	-	-	O Zé compra fiado <na mercearia lá do bairro>.
+	-	-	-	<consultar>	o	travesseiro	-	-	A Ana consultou o travesseiro <antes de decidir o que fazer>.
+	-	-	-	<discutir>	o	sexo dos anjos	-	-	A Rute discute o sexo dos anjos <com o Tó>.
+	-	-	-	<dizer>	a	verdade nua e crua	-	-	O Tó disse a verdade nua e crua.
+	-	-	-	<dourar>	a	pílula	-	-	O médico dourou a pílula <ao dar a notícia ao paciente>.
+	-	-	-	<encher>	a	barriga	-	+	O Tó encheu a barriga <de guloseimas + de

$N_0 = N_{hum}$	$N_0 = N_{-hum}$	$N_0 = N_{nr}$	NegObrig	V	Det	$C_1$	$C_1 = N_{ptural}$	$C_1 = N_{pc}$	Exemplo
									férias>.
+	-	-	-	<encher>	a	pança	-	+	A Maria encheu a pança.
+	-	-	-	<encher>	o	fole	-	+	O Pedro encheu o fole.
+	-	-	-	<encher>	o	papo	-	+	O Manuel encheu o papo.
+	-	-	-	<enfiar>	a	carapuça	-	-	A Ana enfiou a carapuça <ao ouvir a Maria falar sobre pessoas viciadas em compras>.
+	-	-	-	<estender>	a	perna	-	+	A Ana estendeu a(s) perna(s).
+	-	-	-	<esticar>	a	perna	-	+	O João esticou a(s) perna(s).
+	-	-	-	<fazer>	<E>	orelhas moucas	+	+	O Tiago fez orelhas moucas.
+	-	-	-	<fazer>	<E>	ouvidos de mercador	+	+	O João fez ouvidos de mercador <aos avisos do pai>.
+	-	-	-	<fechar>	o	bico	-	+	O Pedro fechou o bico <durante o filme>.
+	-	-	-	<lançar>	os	dados	+	-	O Zé lançou os dados <e aguarda a decisão do juiz>.
+	-	-	-	<lavar>	a	roupa suja	-	-	A Maria lavou a roupa suja <em público>.
+	-	-	-	<manter>	a	cabeça fria	-	+	O Luís manteve a cabeça fria.
+	+	+	-	<mover>	<E>	montanhas	+	-	O BES moveu montanhas <para angariar novos clientes>.
+	-	-	-	<nascer>	<E>	ensinado	-	-	O João <parece que> nasceu ensinado.
+	-	-	-	<nascer>	<E>	torto	-	-	O Pedro <já> nasceu torto.
+	-	-	-	<pagar>	as	custas	+	-	A Ana <é que> pagou as custas!
+	-	-	-	<perder>	a	cadeira	-	-	O Vasco perdeu a cadeira <que ocupava na CMA>.

$N_0 = Nhum$	$N_0 = N-hum$	$N_0 = Nnr$	NegObrig	V	Det	$C_1$	$C_1 = Nplural$	$C_1 = Npc$	Exemplo
+	-	-	-	<perder>	o	assento	-	-	A Ana perdeu o assento <na A.R.>.
+	-	-	-	<perder>	o	latim	-	-	O Pedro perdeu o latim <ao conversar com o Tó>.
+	-	-	-	<perder>	o	lugar	-	-	A Tina perdeu o lugar <que ocupava na empresa>.
+	-	-	-	<pôr>	a	carapuça	-	-	A Ana pôs a carapuça.
+	+	+	-	<ser>	<E>	águas passadas	+	-	Essas histórias são águas passadas.
+	-	-	-	<ser>	<E>	macaco velho	-	-	O Pedro é macaco velho.
+	-	-	-	<ser>	<E>	pássaro de arribação	-	-	O Tó é pássaro de arribação.
+	-	-	-	<ser>	<E>	senhor(a) de <i>Poss<sub>0</sub></i>	-	-	(O Zé é senhor de si. + Eu sou senhora de mim.)
+	+	+	-	<ser>	a	alma do negócio	-	-	A publicidade é a alma do negócio.
+	-	-	-	<ser>	a	ovelha ranhosa	-	-	A Ana é a ovelha ranhosa <da família.>
+	+	+	-	<ser>	o	fruto proibido	-	-	A mulher de outrem é o fruto proibido.
+	-	-	-	<ser>	um	homem dos sete ofícios	-	-	O Gaspar é um homem dos sete ofícios.
+	+	+	-	<ser>	um	porto seguro	-	-	A família é um porto seguro.
+	-	-	-	<ter>	<DET+Poss:fs>	cruz	-	-	O Tó <também> tem a sua cruz.
+	-	-	-	<ter>	<DET+Poss:fs>	hora	-	-	O João teve a sua hora.
+	-	-	-	<ter>	<DET+Poss:ms>	calcanhar de Aquiles	-	+	O Zé tem o seu calcanhar de Aquiles.
+	+	-	-	<ter>	<E>	boa fama	-	-	Este restaurante tem boa fama.
+	-	-	-	<ter>	<E>	boa mesa	-	-	O Paulo tem boa mesa <não dispensa os prazeres da vida>.
+	-	-	-	<ter>	<E>	boas intenções	+	-	O Paulo tem boas intenções.
+	-	-	-	<ter>	<E>	ideias curtas	+	-	A Maria tem ideias curtas.
+	-	-	-	<ter>	<E>	má cor	-	-	O Luís tem má cor.
+	+	-	-	<ter>	<E>	má fama	-	-	O Zé tem má fama.

$N_0 = Nhum$	$N_0 = N-hum$	$N_0 = Nnr$	NegObrig	V	Det	$C_1$	$C_1 = Nplural$	$C_1 = Npc$	Exemplo
+	-	-	-	<ter>	<E>	má língua	-	+	A Vera tem má língua.
+	+	+	+	<ter>	<E>	remédio	-	-	O carro <já> não tem remédio.
+	-	-	-	<ter>	<E>	telhados de vidro	+	-	O Manuel tem telhados de vidro <não devia falar assim do Tó>.
+	-	-	+	<ter>	<E>	vintém	-	-	O Paulo não tem vintém <perdeu tudo ao jogo>.
+	-	-	-	<ter>	a	consciência limpa	-	-	A Ana tem a consciência limpa <não cometeu nenhum crime>.
+	-	-	-	<ter>	a	língua comprida	-	+	A Rita tem a língua comprida <não sabe guardar segredos>.
+	-	-	-	<ter>	a	língua suja	-	+	O Zé tem a língua suja.
+	-	-	-	<ter>	a	memória curta	-	-	O Hugo tem a memória curta <já não se lembra de quem o ajudou>.
+	-	-	-	<ter>	a(s)	vista(s) curta(s)	-	-	O Edgar tem a(s) vista(s) curta(s).
+	-	-	-	<ter>	os	olhos abertos	+	+	A Olga tem os olhos (bem) abertos <para não sofrer no futuro>.
+	-	-	-	<torcer>	o	pepino	-	-	<Desde tenra idade> ele torcia o pepino.
+	-	-	-	<vestir>	a	pele do lobo	-	+	A Maria vestiu a pele do lobo <e cometeu um crime>.

$N_0 = Nhum$	$N_0 = N-hum$	V	Det	$C_1$	$C_1 = Nplural$	$C_1 = Npc$	$a N_1$	$N_0 = Nhum$	$N_0 = N-hum$	Exemplo
+	-	<adoçar>	a	boca	-	+	<N>	+	-	A nora adoça a boca à sogra <para agradar ao marido>.
+	-	<armar>	a	esparrela	-	-	<N>	+	-	O Zé armou a esparrela ao Pedro.
+	-	<armar>	o	laço	-	-	<N>	+	-	O Chico armou o laço ao Tó.
+	-	<declarar>	<E>	guerra	-	-	<N>	+	+	O Zé declarou guerra às formigas.
+	-	<matar>	a	fome	-	-	<N>	+	-	O Tó matou a fome ao Zé.
+	-	<matar>	a	sede	-	-	<N>	+	-	O Zé matou a sede ao Tó.
+	-	<mostrar>	os	dentes	+	+	<N>	+	-	O João mostrou os dentes à Maria.
+	-	<pregar>	um	susto	-	-	<N>	+	-	O Telmo pregou um susto ao João.
+	-	<rogar>	<E>	pragas	+	-	<N>	+	-	O Tó rogou pragas ao João.



$N_0 = Nhum$	$N_0 = N-hum$	V	Det	$C_1$	$C_1 = Npc$	Prep	Det	$N_2$	$N_0 = Nhum$	$N_0 = N-hum$	Exemplo
+	-	<fazer>	<E>	graça	-	com	a	<N>	+	-	O Telmo faz graça com a Ana.
+	-	<fazer>	<E>	jogo franco	-	com	o	<N>	+	-	O Dário faz jogo franco com o Tó.
+	-	<meter>	a	colher	-	em	a	<N>	-	+	O João meteu a colher na conversa <da Ana>.
+	-	<meter>	as	mãos	+	entre	<E>	<N>	+	-	O João meteu as mãos entre mãe e filha.
+	-	<meter>	o	bedelho	-	em	<E>	<N>	-	+	A Cátia meteu o bedelho na casa da Ana.
+	-	<meter>	o	dedo	+	em	a	<N>	-	+	O Pedro meteu o dedo na conversa.
+	-	<meter>	o	nariz	+	em	<E>	<N>	-	+	O Fernando meteu o nariz em casa do Tó.
+	-	<ter>	as	portas abertas	-	(a + para)	as	<N>	-	+	A Marta tem as portas abertas às amigas.

$N_0 = Nhum$	$N_0 = N-hum$	$N_0 = Nnr$	V	$V_{se}$	Prep	Det	$C_1$	$C_1 = Nplural$	$C_1 = Npc$	Exemplo
+	-	-	<acertar>	-	em	o	alvo	-	-	O José acertou no alvo.
+	-	-	<afogar>	+	em	os	copos	+	-	O Zé afogou-se nos copos.
+	-	-	<afogar>	+	em	pouca	água	-	-	O João afogou-se em pouca água.
+	-	-	<andar>	-	a	<E>	pão emprestado	-	-	O Zé anda a pão emprestado.
+	-	-	<aprender>	-	a	<DET+Poss:fs>	custa	-	-	O Zé aprendeu à sua custa.
+	-	-	<bater>	-	em	o	peito	-	+	O João bateu no peito <mas ninguém o levou a sério>.
+	-	-	<brincar>	-	com	o	fogo	-	-	A Maria brincou com o fogo.
+	-	-	<cantar>	-	de	<E>	galo	-	-	O Nuno canta de galo.
-	+	+	<cheirar>	-	a	<E>	esturro	-	-	A conversa cheira a esturro.
+	-	-	<chorar>	-	sobre	o	leite derramado	-	-	A Carla chora sobre o leite derramado.
+	-	-	<confiar>	-	em	o	futuro	-	-	A Dália confia no futuro.
+	-	-	<correr>	-	por	<E>	gosto	-	-	O Miguel corre por gosto <porque quer>.
+	-	-	<cuspir>	-	em	a	sopa	-	-	O Tiago cuspiu na sopa <que o patrão lhe deu>.
+	-	-	<cuspir>	-	em	o	prato	-	-	O Zé cuspiu no prato <onde comeu>.
+	-	-	<cuspir>	-	para	o	ar	-	-	A Ana cuspiu para o ar.
+	-	-	<dormir>	-	em	<E>	pé	-	+	O Bruno <já> dorme em pé.
+	-	-	<emprenhar>	-	de	<E>	ar	-	-	A Ana emprenhou de ar <e pariu vento>.
+	-	-	<esperar>	-	por	<E>	sapatos de defunto	+	-	O Paulo espera por sapatos de defunto.
+	-	-	<estar>	-	em	o	poleiro	-	-	O Manuel está no poleiro <desde que ganhou as eleições>.

<i>N<sub>0</sub> = Nhum</i>	<i>N<sub>0</sub> = N-hum</i>	<i>N<sub>0</sub> = Nnr</i>	V	<i>V<sub>se</sub></i>	Prep	Det	C <sub>1</sub>	<i>C<sub>1</sub> = Nplural</i>	<i>C<sub>1</sub> = Npc</i>	Exemplo
+	-	-	<falar>	-	em	o	diabo	-	-	O João falou no diabo <e ele apareceu>.
+	-	-	<fiar>	+	em	<E>	cantigas	+	-	O Filipe fiou-se em cantigas.
+	-	-	<fiar>	+	em	a	Virgem	-	-	O João fiou-se na Virgem <e não estudou para o exame >!
+	-	-	<fugir>	-	a	<DET+Poss:fs>	sorte	-	-	A Telma fugiu à sua sorte.
+	-	-	<fugir>	-	a	<DET+Poss:ms>	destino	-	-	A Ana fugiu ao seu destino.
+	-	-	<ir>	-	para	o	Céu	-	-	O Zé foi para o Céu.
+	-	-	<ir>	-	para	o	Inferno	-	-	A Maria foi para o Inferno.
+	-	-	<malhar>	-	em	<E>	ferro frio	-	-	O Zé malhou em ferro frio.
+	-	-	<morrer>	-	por	a	boca	-	+	A Ana morreu pela boca.
+	-	-	<mudar>	-	de	<E>	conselho	-	-	O Pedro mudou de conselho.
+	-	-	<nascer>	-	para	<E>	cinco réis	+	-	O Tó nasceu para cinco réis <nunca vai chegar a meio tostão>.
+	-	-	<perseverar>	-	em	o	erro	-	-	O Manuel perseverou no erro.
+	-	-	<pregou>	-	em	o	deserto	-	-	O João pregou no deserto.
+	-	-	<puxar>	-	de	a	bolsa	-	-	O Rui puxou da bolsa.
+	-	-	<remar>	-	contra	a	corrente	-	-	A Marta rema contra a corrente.
+	-	-	<sair>	-	a	os	<i>Poss<sub>0</sub></i>	+	-	(O João sai aos seus.+ Tu sais <bem> aos teus!)
+	-	-	<sair>	-	de	a	lama	-	-	O João saiu da lama <para se meter no atoleiro>.
+	-	-	<sair>	-	de	a	toca	-	-	A Soraia saiu da toca <e foi ao cinema com os amigos>.

<i>N<sub>0</sub> = Nhum</i>	<i>N<sub>0</sub> = N-hum</i>	<i>N<sub>0</sub> = Nnr</i>	V	<i>Vse</i>	Prep	Det	<i>C<sub>1</sub></i>	<i>C<sub>1</sub> = Nplural</i>	<i>C<sub>1</sub> = Npc</i>	Exemplo
+	-	-	<semeiar>	-	em	a	areia	-	-	O Pedro semeou na areia.
+	-	-	<trepar>	-	em	<E>	galho seco	-	-	A Ana trepou em galho seco.
-	+	-	<vir>	-	a	a	tona	-	-	A verdade dos factos veio à tona.

<i>N<sub>0</sub> = Nhum</i>	<i>N<sub>0</sub> = N-hum</i>	<i>N<sub>0</sub> = Nnr</i>	V	Prep	Det	C	Exemplo
+	-	-	<cair>	em	a	esparrela	O Paulo caiu na esparrela do João.
+	-	-	<cair>	em	o	laço	O Pedro caiu no laço da Ana.
+	+	+	<estar>	em	as	mãos	O país está nas mãos (de Deus + do ditador).
+	-	-	<rezar>	por	a	alma	O Tó rezou pela alma do Zé.

$N_0 = Nhum$	V	Det	$N_1$	$N_1 = Nhum$	$N_1 = N-hum$	Prep	Det	$C_2$	Exemplo
+	<chamar>	a	<N>	+	-	para	a	cama	A avó chamou a Maria para a cama.
+	<chamar>	o	<N>	+	-	para	a	mesa	A mãe chamou o Tó para a mesa.
+	<enganar>	o	<N>	+	-	com	a	verdade	O Rui enganou o João com a verdade.
+	<mandar>	o	<N>	+	-	para	o	inferno	O Tito mandou o João para o inferno.
+	<pôr>	a	<N>	-	+	em	o	seguro	O João pôs a casa no seguro.

<i>N<sub>0</sub> = Nhum</i>	<i>N<sub>0</sub> = N-hum</i>	<i>N<sub>0</sub> = Nnr</i>	<i>N<sub>0</sub> = PluralObrig</i>	NegObrig	V	Det	C <sub>1</sub>	<i>C<sub>1</sub> = Nplural</i>	<i>C<sub>1</sub> = Npc</i>	Prep	Det	C <sub>2</sub>	<i>C<sub>2</sub> = Nplural</i>	<i>C<sub>2</sub> = Npc</i>	Exemplo
+	-	-	-	-	<apanhar>	<E>	moscas	+	-	com	<E>	vinagre	-	-	O Parlamento <queria> apanhar moscas com vinagre.
+	-	-	-	-	<achar>	a	forma	-	-	para	<DET+Poss:ms>	pé	-	+	O Zé achou a forma para o seu pé <e casou com a Ana>.
+	-	-	-	-	<alimentar>	<E>	burros	+	-	a	<E>	pão-de-ló	-	-	Espanha <teima em> alimentar burros a pão-de-ló.
+	-	-	-	-	<apanhar>	<E>	pássaros velhos	+	-	com	<E>	redes novas	+	-	O Tó <queria> apanhar pássaros velhos com redes novas.
+	-	-	-	-	<chegar>	a	brasa	-	-	a	<DET+Poss:fs>	sardinha	-	-	A Ana chega a brasa à sua sardinha <ao defender essa ideia>.
+	-	-	-	-	<comprar>	<E>	gato	-	-	por	<E>	lebre	-	-	O Pedro comprou gato por lebre.
+	-	-	-	-	<dar>	<E>	pérolas	+	-	a	<E>	porcos	+	-	O Luís deu pérolas a porcos.
+	-	-	-	+	<dar>	<E>	ponto	-	-	sem	<E>	nó	-	-	A Marta não dá ponto sem nó.
+	-	-	-	-	<dar>	<E>	tempo	-	-	a	o	tempo	-	-	A Ana dá tempo ao tempo.
+	-	-	-	-	<deitar>	<E>	pérolas	+	-	a	<E>	porcos	+	-	O Zé deitou pérolas a porcos.
+	-	-	-	-	<deixar>	o	certo	-	-	por	o	duvidoso	-	-	O Mateus deixou o certo pelo duvidoso.
+	-	-	-	-	<endireitar>	a	sombra	-	-	de	uma	vara torta	-	-	O Zé <pretendia> endireitar a sombra dum vara torta.
+	-	-	-	-	<ensinar>	o	Padre-Nosso	-	-	a	o	vigário	-	-	O Pedro <quer> ensinar o Padre-Nosso ao vigário.
+	-	-	-	-	<fazer>	<E>	omeletes	+	-	sem	<E>	ovos	+	-	O Zé <queria> fazer omeletes sem ovos.

<i>N<sub>0</sub> = Nhum</i>	<i>N<sub>0</sub> = N-hum</i>	<i>N<sub>0</sub> = Nnr</i>	<i>N<sub>0</sub> = PluralObrig</i>	NegObrig	V	Det	C <sub>1</sub>	<i>C<sub>1</sub> = Nplural</i>	<i>C<sub>1</sub> = Npc</i>	Prep	Det	C <sub>2</sub>	<i>C<sub>2</sub> = Nplural</i>	<i>C<sub>2</sub> = Npc</i>	Exemplo
+	-	-	-	-	<ganhar>	<E>	Samora	-	-	em	uma	hora	-	-	O Tó <queria> ganhar Samora em uma hora.
+	-	-	-	-	<gastar>	<E>	cera	-	-	com	<E>	fraco defunto	-	-	A Ana gasta cera com fraco defunto.
+	-	-	-	-	<gastar>	<E>	cera	-	-	com	<E>	ruim defunto	-	-	A Alda gasta cera com ruim defunto.
+	-	-	-	-	<julgar>	a	casa	-	-	por	a	fronteira	-	-	O Pedro julga a casa pela fronteira.
+	-	-	-	-	<julgar>	o	livro	-	-	por	a	capa	-	-	O Tó julgou o livro pela capa.
+	-	-	-	-	<julgar>	os	cabos	+	-	por	os	começos	+	-	A Ana julgou os cabos pelos começos.
+	-	-	-	-	<lançar>	<E>	água	-	-	em	<E>	cesto roto	-	-	O Tó lançou água em cesto roto.
+	-	-	-	-	<levar>	a	água	-	-	a	<DET+Poss:ms>	moinho	-	-	O Duarte leva a água ao seu moinho.
+	-	-	-	-	<matar>	dois	coelhos	+	-	de	uma	cajadada	-	-	O João matou dois coelhos duma cajadada.
+	-	-	-	-	<meter>	o	demo	-	-	em	o	capelo	-	-	A Marta meteu o demo no capelo.
+	-	-	-	-	<pôr>	as	barbas	+	+	de	<E>	molho	-	-	O José pôs as barbas de molho <quando viu as do vizinho a arder>.
+	-	-	-	-	<pôr>	as	cartas	+	-	em	a	mesa	-	-	O Zé pôs as cartas na mesa.
+	-	-	-	-	<pôr>	as	mãos	+	+	em	o	fogo	-	-	A Joana pôs as mãos no fogo <pelo Pedro>.
+	-	-	-	-	<pôr>	o	pé	-	+	em	<E>	galho seco	-	-	A Ana pôs o pé em galho seco.



<i>N<sub>0</sub> = Nhum</i>	<i>N<sub>0</sub> = N-hum</i>	<i>N<sub>0</sub> = Nnr</i>	<i>N<sub>0</sub> = PluralObrig</i>	NegObrig	V	Det	C <sub>1</sub>	<i>C<sub>1</sub> = Nplural</i>	<i>C<sub>1</sub> = Npc</i>	Prep	Det	C <sub>2</sub>	<i>C<sub>2</sub> = Nplural</i>	<i>C<sub>2</sub> = Npc</i>	Exemplo
+	-	-	-	-	<pôr>	o	pé	-	+	em	<E>	ramo verde	-	-	O Zé pôs o pé em ramo verde.
+	-	-	-	-	<pôr>	o	preto	-	-	em	o	branco	-	-	O Pedro pôs o preto no branco.
+	-	-	-	-	<procurar>	uma	agulha	-	-	em	(o + <E>)	palheiro	-	-	O Brás procura uma agulha no palheiro.
+	-	-	-	-	<puxar>	a	brasa	-	-	a	<DET+Poss:fs>	sardinha	-	-	O Pedro puxa a brasa à sua sardinha.
+	-	-	-	-	<separar>	o	trigo	-	-	de	o	joio	-	-	O Manuel <sabe> separar o trigo do joio.
-	+	-	-	-	<ser>	<E>	pólvora	-	-	em	<E>	mãos de menino	+	+	Essa informação é pólvora em mãos de menino.
+	-	-	-	-	<ser>	<E>	rei	-	-	em	(<E>+DET)+Pos s:fs>	casa	-	-	O Zé é rei em sua casa.
+	-	-	+	-	<ser>	dois	cães	+	-	a	um	osso	-	-	O Zé e o Tó são dois cães a um osso.
+	-	-	-	-	<tapar>	o	sol	-	-	com	a	peneira	-	-	O Zé <pretendia> tapar o sol com a peneira.
+	-	-	-	-	<ter>	<E>	culpas	+	-	em	o	cartório	-	-	O João tem culpas no cartório.
+	-	-	-	-	<ter>	<E>	fama	-	-	sem	<E>	proveito	-	-	A Telma tem fama sem proveito.
+	-	-	-	-	<ter>	<E>	pelo	-	-	em	a	venta	-	+	A Carla tem pelo na venta <ninguém se mete com ela>.
+	-	-	-	-	<ter>	a	faca e o queijo	-	-	em	a	mão	-	+	O Luís tem a faca e o queijo na mão.
+	-	-	-	-	<ter>	o	diabo	-	-	em	o	corpo	-	+	A Ana tem o diabo no corpo.
+	-	-	-	-	<ter>	um	pássaro	-	-	em	a	mão	-	+	O SLB <parecia ter> um pássaro na mão <mas deixou-o fugir>.

<i>N<sub>0</sub> = Nhum</i>	<i>N<sub>0</sub> = N-hum</i>	<i>N<sub>0</sub> = Nnr</i>	<i>N<sub>0</sub> = PluralObrig</i>	NegObrig	V	Det	C <sub>1</sub>	<i>C<sub>1</sub> = Nplural</i>	<i>C<sub>1</sub> = Npc</i>	Prep	Det	C <sub>2</sub>	<i>C<sub>2</sub> = Nplural</i>	<i>C<sub>2</sub> = Npc</i>	Exemplo
+	+	+	-	-	<trazer>	<E>	água	-	-	em	o	bico	-	-	Essa história traz água no bico.

$N_0 = Nhum$ $N_0 = N-hum$ $N_0 = Nnr$	V	Prep 1	Det 1	C <sub>1</sub>	$C_1 = Nplural$ $C_1 = Npc$	Prep 2	Det 2	C <sub>2</sub>	$C_2 = Nplural$ $C_2 = Npc$	Exemplo
+ - -	<agradar>	a	<E>	Deus	- -	[e] a	o	diabo	- -	O Tó <pretendia> agradar a Deus e ao diabo.
+ - -	<agradar>	a	<E>	gregos	+ -	[e] a	<E>	troianos	+ -	A Célia <quer> agradar a gregos e a troianos.
+ - -	<andar>	com	a	cabeça	- +	em	o	ar	- -	A Dália anda com a cabeça no ar <desde que tem novo namorado>.
+ + +	<andar>	de	<E>	boca	- +	em	<E>	boca	- +	A notícia anda de boca em boca.
+ - -	<andar>	em	as	bocas	+ +	de	o	mundo	- -	A Tânia anda nas bocas do mundo.
+ - -	<chorar>	por	um	olho azeite [e]	- +	por	outro	vinagre	- -	A Carla chorava por um olho azeite e por outro vinagre.
+ - -	<contar>	com	o	ovo	- -	em	o	cu da galinha	- +	A Ana conta com o ovo no cu da galinha.
+ - -	<dar>	com	a	língua	- +	em	os	dentes	+ +	A Ana deu com a língua nos dentes.
+ - -	<dormir>	com	o	diabo	- -	em	a	cama	- -	A Ana dorme com o diabo na cama.
+ - -	<ir>	com	toda a	fome	- -	a	a	arca	- -	O Manuel foi com toda a fome à arca.
+ - -	<ir>	com	toda a	sede	- -	a	o	pote	- -	O Zé foi com toda a sede ao pote.
+ - -	<saltar>	de	a	frigideira	- -	para	as	brasas	+ -	A Sara saltou da frigideira para as brasas.

<i>N<sub>0</sub> = Nhum</i>	<i>N<sub>0</sub> = N-hum</i>		Que nem		Det		Exemplos
+	+	tanto <andar>	-	como	<E>	desandar	O tempo tanto anda como desanda.
+	-	<andar> aos grilos	+	como	a	raposa	A Ana anda aos grilos como a raposa.
+	-	<comer>	+	como	um	cavalo	O Zé come como um cavalo.
+	-	<falar>	+	como	<E>	gente	A Ana <já> fala como gente.
+	-	<ser>	+	como	a	sardinha	O Zé é como a sardinha: para fugir à sertã, caiu nas brasas.
+	-	<ter> sete fôlegos	+	como	o	gato	A Joana tem sete fôlegos como o gato.
+	-	<viver>	-	como	<E>	poder	O Zé vive como pode.

## Adjetivos Compostos

Classes	Estruturas	NegObrig		Exemplos
SA	N <sub>0</sub> <i>ser</i> Adj	+	boa rês	A Ana não é boa rês.
SA	N <sub>0</sub> <i>ser</i> Adj	-	de truz	O teu carro é de truz!
SA	N <sub>0</sub> <i>ser</i> Adj	-	duro de roer	O Tó é duro de roer.
SA	N <sub>0</sub> <i>ser</i> Adj	-	levado dos diabos	O João é levado dos diabos.
SA	N <sub>0</sub> <i>ser</i> Adj	-	má rês	O Carlos é má rês.
SA	N <sub>0</sub> <i>ser</i> Adj	-	mal agradecido	O Manuel é mal agradecido.
SA	N <sub>0</sub> <i>ser</i> Adj	-	ruço de má (mau) pelo	O Zé é ruço de mau pelo.
SA	N <sub>0</sub> <i>ser</i> Adj	-	ruivo de má (mau) pelo	O Tó é ruivo de má pelo.
SA	N <sub>0</sub> <i>ser</i> Adj	-	um mal necessário	É um mal necessário que haja greve na quarta-feira.
SEA	N <sub>0</sub> ( <i>ser</i> + <i>estar</i> ) Adj	-	cego de todo	A Júlia (é + está) cega de todo.
EA	N <sub>0</sub> ( <i>estar</i> ) Adj	-	mal acompanhado	O João está mal acompanhado.

## Conformativas

<i>N<sub>0</sub> = Nhum</i>	V		Det		Exemplo
+	<colher>	conforme	<E>	semear	A Tânia colheu conforme semeou.
+	<dançar>	conforme	a	música	A Tina dança conforme a música.
+	<dançar>	conforme	o	que se tem na pança	A Ana dança conforme o que tem na pança.
+	<estender> o pé	conforme	o	lençol	O Zé estende o pé conforme o lençol.
+	<medir> o passo	conforme	a	perna	A Elsa mede o passo conforme a perna.

mais ... do que

<i>N<sub>0</sub> = N<sub>hum</sub></i>	V	mais		que		Exemplo
+	<ser>	mais	papista	que	o papa	O professor é mais papista que o Papa.
+	<ter>	mais	olhos	que	barriga	A Ana tem mais olhos que barriga.

## LISTAGEM DOS PROVÉRBIOS E EXPRESSÕES FIXAS



Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

	<b>Provérbios</b>	<b>Expressões Fixas</b>	<b>Construção Sintática</b>	<b>Exemplo</b>
1	A água tudo lava (mas não a má fama). (CMV: 43)	Ter boa/má fama (ANS: 170)	<i>(Nhum + N-hum)</i> ter má fama	O Zé tem má fama.
2	À amizade firme sempre portas abertas. (SP: 11)	Ter as portas abertas a <i>N-hum</i>	<i>Nhum</i> ter as portas abertas a <i>N-hum</i>	A Marta tem as portas abertas às amizades.
3	A carapuça é para quem a enfia. (JPM: 21)	Enfiar a carapuça (GAS: 258)	<i>Nhum</i> enfiar a carapuça	A Ana enfiou a carapuça <ao ouvir a Maria falar sobre pessoas viciadas em compras>.
4	A carapuça é para quem a põe. (JPM: 21)	Pôr a carapuça	<i>Nhum</i> pôr a carapuça	A Ana pôs a carapuça.
5	A fé move montanhas. (SP: 25)	Mover montanhas	<i>Nnr</i> mover montanhas	O BES moveu montanhas <para angariar novos clientes>.
6	A memória dos homens é curta. (SP: 37)	Ter a memória curta	<i>Nhum</i> ter a memória curta	O Hugo tem a memória curta <já não se lembra de quem o ajudou>.
7	À morte, não há remédio senão estender a perna. (CMV: 50)	Estender a perna	<i>Nhum</i> estender a perna	A Ana estendeu a(s) perna(s).
8	À morte, não há remédio senão esticar a perna. (CMV: 50)	Esticar a perna	<i>Nhum</i> esticar a perna	O João esticou a(s) perna(s).
9	A mulher de boa vida não teme o homem de má língua. (SP: 40)	Má-língua (GAS: 413)	<i>Nhum</i> ter má língua	A Vera tem má língua.
10	A mulher é um mal necessário.	Mal necessário (ANS: 236)	<i>Nnr</i> ser um mal necessário	É um mal necessário que haja greve na quarta-feira.
11	A roda da fortuna tanto anda como desanda. (SP: 57)	Tanto anda como desanda (GAS: 630)	<i>Nnr</i> tanto andar como desandar	O tempo tanto anda como desanda.
12	A roupa suja lava-se em casa. (SP: 57)	Lavar a roupa (suja) (ON: 257)	<i>Nhum</i> lavar a roupa suja	A Maria lavou a roupa suja <em público>.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

13	A verdade é nua e crua. (JRMC: 45)	Verdade nua e crua (ANS: 384)	<i>Nhum</i> dizer a verdade nua e crua	O Tó disse a verdade nua e crua.
14	A verdade sempre vem à tona. (SP: 63)	Vir à tona (ON: 449)	<i>N-hum</i> vir à tona	A verdade dos factos veio à tona.
15	A vida nossa está nas mãos de Deus. (GV: 20)	Estar nas mãos de alguém (ON: 190)	<i>Nnr</i> estar nas mãos de <i>Nhum</i>	O país está nas mãos (de Deus + do ditador).
16	Abre (a) tua bolsa, abrirei a minha boca. (SP: 67)	Abrir a boca (ON: 15)	<i>Nhum</i> abrir a boca	A Carla abriu a boca <e contou o nosso segredo à mãe>.
17	Abre (a) tua bolsa, abrirei a minha boca. (SP: 67)	Abrir a bolsa (ON: 15)	<i>Nhum</i> abrir a bolsa	O Tó abriu a bolsa.
18	Abrindo o bico, é que se ganha o mundo. (SP: 67)	Abrir o bico (GAS: 29)	<i>Nhum</i> abrir o bico	O Zé abriu o bico <e confessou tudo à polícia>.
19	Afogar-se em pouca água é embarçar-se com qualquer dificuldade. (SP: 69)	Afogar-se em pouca água (GAS: 39)	<i>Nhum</i> afogar-se em pouca água	O João afogou-se em pouca água.
20	Águas passadas não moem (movem ou não fazem andar) moinho(s). (SP: 72)	Águas passadas (ON: 24)	<i>Nnr</i> ser águas passadas	Essas histórias são águas passadas.
21	Alho e vinho puro levam a porto seguro. (SP: 76)	Ser um porto seguro	<i>Nnr</i> ser um porto seguro	A família é um porto seguro.
22	Amor sem vintém não governa ninguém. (SP: 81)	Não ter vintém (GAS: 465)	<i>Nhum</i> não ter vintém	O Paulo não tem vintém <perdeu tudo ao jogo>.
23	Anda o bocejo de boca em boca, como o passarinho de moita em moita. (JRMC: 56)	Andar/correr de boca em boca (ANS: 55)	<i>Nnr</i> andar de boca em boca	A notícia anda de boca em boca.
24	Andar a pão emprestado fome põe. (CMV: 63)	Andar a pão emprestado	<i>Nhum</i> andar a pão emprestado	O Zé anda a pão emprestado.
25	Antes só que mal acompanhado. (SP: 89)	Estar mal acompanhado	<i>Nhum</i> estar mal acompanhado	O João está mal acompanhado.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

26	Antes torto que cego de todo. (SP: 90)	(Ser+estar) cego de todo	<i>Nhum</i> (ser + estar) cego de todo	A Júlia (é + está) cega de todo.
27	Aponta para o alto, e acertarás no alvo. (SP: 98)	Acertar no alvo (ANS: 16)	<i>Nhum</i> acertar no alvo	O José acertou no alvo.
28	Aprende bem esta lição: vale mais pobre e asseado que rico e besuntão. (SP: 98)	Aprender a lição (ON: 56)	<i>Nhum</i> aprender a lição	O Carlos aprendeu a lição <e já não volta a fazer o mesmo>.
29	Aprender é como remar contra a corrente: é só parar, e anda-se para trás. (SP: 98)	Remar contra a maré (corrente) (ON: 372)	<i>Nhum</i> remar (nadar) contra a corrente (maré)	A Marta rema contra a corrente.
30	Arrotar a postas de pescada fazem muitos que só comem broa. (MSC, vol II: 67)	Arrotar postas de pescada (ANS: 309)	<i>Nhum</i> arrotar postas de pescada	O Zé arrota postas de pescada <e anda a passar fome>.
31	As mulheres cantam de galo, mas os homens estão no poleiro. (SP: 108)	Cantar de galo (GAS: 154)	<i>Nhum</i> cantar de galo	O Nuno canta de galo.
32	As mulheres cantam de galo, mas os homens estão no poleiro. (SP: 108)	Estar no poleiro (ANS: 315)	<i>Nhum</i> estar no poleiro	O Manuel está no poleiro <desde que ganhou as eleições>.
33	Basta uma ovelha ranhosa para perder (dar cabo de) um (o) rebanho. (SP: 119)	Ovelha negra/ranhosa (ANS: 284)	<i>Nhum</i> ser uma (a) ovelha ranhosa (ou ranhosa)	A Ana é a ovelha ranhosa da família.
34	Boa fama vale dinheiro. (SP: 125)	Ter boa/má fama (ANS: 170)	<i>(Nhum+N-hum)</i> ter boa fama	Este restaurante tem boa fama.
35	Boa mesa, mau testamento. (SP: 125)	Ter boa mesa (GAS: 638)	<i>Nhum</i> ter boa mesa	O Paulo tem boa mesa <não dispensa os prazeres da vida>.
36	Cabelos compridos, ideias curtas. (SP: 133)	Ter ideias curtas	<i>Nhum</i> ter ideias curtas	A Maria tem ideias curtas.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

37	Cada qual é senhor de si mesmo. (MSC, vol II: 35)	Ser senhor de si (ON: 394)	<i>Nhum</i> <sub>0</sub> ser senhor(a) de <i>Poss</i> <sub>0</sub>	(O Zé é senhor de si. + Eu sou senhora de mim.)
38	Cada um arrotta os cabedais que possui. (SP: 123)	Arrotar os cabedais	<i>Nhum</i> arrotar os cabedais	O João arrotta os cabedais <que possui>.
39	Cada um busca a forma para o seu pé. (SP: 137)	Achar a forma do seu pé (ON: 18)	<i>Nhum</i> achar (buscar) a forma do (para o) seu pé	O Zé achou a forma para o seu pé <e casou com a Ana>.
40	Cada um chega a brasa à sua sardinha. (SP: 137)	Chegar a brasa à sua sardinha (ON: 99)	<i>Nhum</i> <sub>0</sub> chegar a brasa (à + para a) <i>Poss</i> <sub>0</sub> sardinha	A Ana chega a brasa à sua sardinha <ao defender essa ideia>.
41	Cada um colhe conforme (como) semeia. (SP: 137)	Colher conforme semear	<i>Nhum</i> colher conforme semear	A Tânia colheu conforme semeou.
42	Cada um é rei em sua casa. (SP: 138)	Ser rei em sua casa	<i>Nhum</i> <sub>0</sub> ser rei em <i>Poss</i> <sub>0</sub> casa	O Zé é rei em sua casa.
43	Cada um puxa a brasa à sua sardinha. (SP: 137)	Puxar a brasa à sua sardinha (GAS: 550)	<i>Nhum</i> <sub>0</sub> puxar a brasa (à + para a) <i>Poss</i> <sub>0</sub> sardinha	O Pedro puxa a brasa à sua sardinha.
44	Cada um quer levar a água ao seu moinho (e deixar em seco o do vizinho). (MG: 42)	Levar (a) água ao seu moinho (ANS: 8)	<i>Nhum</i> levar a água ao seu moinho	O Duarte leva a água ao seu moinho.
45	Cada um tem a sua cruz. (SP: 140)	Ter a sua cruz	<i>Nhum</i> <sub>0</sub> ter a <i>Poss</i> <sub>0</sub> cruz	O Tó <também> tem a sua cruz.
46	Cada um tem a sua hora e a sua vez. (SP: 140)	Ter a sua hora (ON: 413)	<i>Nhum</i> <sub>0</sub> ter a <i>Poss</i> <sub>0</sub> hora	O João teve a sua hora.
47	Cada um tem o seu calcanhar de Aquiles. (SP: 140)	Calcanhar de Aquiles (ON: 91)	<i>Nhum</i> <sub>0</sub> ter o <i>Poss</i> <sub>0</sub> calcanhar de Aquiles	O Zé tem o seu calcanhar de Aquiles.
48	Cada um vive como pode. (SP: 140)	Viver como poder	<i>Nhum</i> viver como poder	O Zé vive como pode.
49	Chora por um olho azeite, e por outro, vinagre. (SP: 156)	Chorar por um olho azeite e por outro vinagre (GAS: 180)	<i>Nhum</i> chorar por um olho azeite e por outro vinagre	A Carla chorava por um olho azeite e por outro vinagre.
50	Com a verdade, me enganas tu. (SP: 161)	Enganar alguém com a verdade (ANS: 384)	<i>Nhum</i> enganar <i>Nhum</i> com a verdade	O Rui enganou o João com a verdade.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

51	Companhia de três é má rês. (SP: 170)	Má rês (GAS: 422)	<i>Nhum</i> ser má rês	O Carlos é má rês.
52	Confiar no futuro, mas pôr a casa no seguro. (SP: 171)	Confiar no futuro	<i>Nhum</i> confiar no futuro	A Dália confia no futuro.
53	Confiar no futuro, mas pôr a casa no seguro. (SP: 171)	Pôr alguma coisa no seguro (ANS: 348)	<i>Nhum</i> pôr <i>Nconcreto</i> no seguro	O João pôs a casa no seguro.
54	Dá mais trabalho ir para o Inferno do que para o Céu. (GV: 28)	Ir para o Céu (ON: 245)	<i>Nhum</i> ir para o Céu	O Zé foi para o Céu.
55	Dá mais trabalho ir para o Inferno do que para o Céu. (GV: 28)	Ir para o Inferno (ON: 245)	<i>Nhum</i> ir para o Inferno	A Maria foi para o Inferno.
56	Dança-se e rebola-se, conforme a música. (SP: 184)	Dançar conforme a música (ON: 120)	<i>Nhum</i> dançar conforme a música	A Tina dança conforme a música.
57	De boas intenções está o Inferno cheio/calçado. (GV: 29)	Ter boas intenções	<i>Nhum</i> ter boas intenções	O Paulo tem boas intenções.
58	De mal agradecidos está o Inferno cheio. (GV: 31)	Mal-agradecido (GAS: 411)	<i>Nhum</i> ser mal agradecido	O Manuel é mal agradecido.
59	De pequenino, (é que) se torce (o pé do) o pepino. (SP: 193)	Torcer o pepino (ON: 430)	<i>Nhum</i> torcer o pepino	<Desde tenra idade> ele torcia o pepino.
60	De uma cajadada matar dois coelhos. (SP: 174)	Matar dois coelhos numa cajadada (GAS: 426)	<i>Nhum</i> matar dois coelhos numa cajadada	O João matou dois coelhos numa cajadada.
61	Dois cães a um osso, raro estão de acordo.	Ser cem/dez/sete/trinta cães a um osso (ANS: 86)	<i>Nplural</i> ser dois cães a um osso	O Zé e o Tó são dois cães a um osso.
62	Doze galinhas e um galo comem tanto como um cavalo. (SP: 223)	Comer como um cavalo	<i>Nhum</i> comer como um cavalo	O Zé come como um cavalo.
63	Duro de cozer, duro de <i>comer</i> (roer). (JPM: 196)	Duro de roer (ANS: 150)	<i>Nhum</i> ser duro de roer	O Tó é duro de roer.
64	É melhor não mexer o arroz, ainda que cheire a esturro. (SP: 230)	Cheirar a esturro (ON: 101)	<i>Nnr</i> cheirar a esturro	A conversa cheira a esturro.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

65	É preciso dar tempo ao tempo. (JRMC: 136)	Dar tempo ao tempo (ON: 131)	<i>Nhum</i> dar tempo ao tempo	A Ana dá tempo ao tempo.
66	É preciso separar o trigo do joio.	Separar o trigo do joio (ANS: 216)	<i>Nhum</i> separar o trigo do joio	O Manuel <sabe> separar o trigo do joio.
67	É semear na areia o cantar a um surdo. (MG: 66)	Semear na areia (ANS: 26)	<i>Nhum</i> semear na areia	O Pedro semeou na areia.
68	Ela dança conforme o que tem na pança. (JRMC: 137)	Dançar conforme o que tem na pança	<i>Nhum</i> dançar conforme o que tem na pança	A Ana dança conforme o que tem na pança.
69	Em rio quedo, não metas o dedo. (SP: 247)	Meter o dedo (ON: 279)	<i>Nhum</i> meter o dedo	O Pedro meteu o dedo na conversa.
70	Emprenha de ar, parirás vento. (SP: 250)	Emprenhar de ar e parir vento	<i>Nhum</i> emprenhar de ar e parir vento	A Ana emprenhou de ar e pariu vento.
71	Enquanto o ouro luz, os amigos são de truz. (SP: 252)	Ser de truz (ON: 391)	<i>Nnr</i> ser de truz	O teu carro é de truz!
72	Entre casados e irmãos, ninguém meta as mãos. ( <i>in</i> Dic. 2008)	Meter a mão (ANS: 244)	<i>Nhum</i> meter as mãos entre <i>Nplural</i>	O João meteu as mãos entre mãe e filha.
73	Entre marido e mulher ninguém meta a colher. (SP: 255)	Meter a colher/colherada (ANS: 111)	<i>Nhum</i> meter a colher em <i>N-hum</i>	O João meteu a colher na conversa <da Ana>.
74	Escusas de mau pagador, ouvidos de mercador. (SP: 257)	Fazer ouvidos de mercador (GAS: 313)	<i>Nhum</i> fazer ouvidos de mercador	O João fez ouvidos de mercador <aos avisos do pai>.
75	Esperança não enche pança. (SP: 258)	Encher a pança (GAS: 256)	<i>Nhum</i> encher a pança	A Maria encheu a pança.
76	Está a chover e a fazer sol, e a raposa a encher o fole. (SP: 259)	Encher o fole (GAS: 256)	<i>Nhum</i> encher o fole	O Pedro encheu o fole.
77	Estende-se o pé conforme o lençol. (MG: 67)	Estender o pé conforme o lençol	<i>Nhum</i> estender o pé conforme o lençol	O Zé estende o pé conforme o lençol.
78	Fala-se no diabo e ele aparece. (SP: 266)	Falar no diabo e ele aparecer (ON: 200)	<i>Nhum</i> falar no diabo e ele aparecer	O João falou no diabo e ele apareceu.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

79	Falar com surdos é pregar no deserto. (SP: 266)	Pregar no deserto (ON: 357)	<i>Nhum</i> pregar no deserto	O João pregou no deserto.
80	Fama sem proveito faz mal (dá dor) ao (de) peito. (SP: 267)	Ter fama sem proveito	<i>Nhum</i> ter fama sem proveito	A Telma tem fama sem proveito.
81	Fazer bem a vilão ruim é lançar água em cesto roto. (SP: 270)	Lançar água em cesto roto	<i>Nhum</i> lançar água em cesto roto	O Tó lançou água em cesto roto.
82	Fia-te na Virgem e não corras, e verás o tombo (trambolhão) queavas (apanhas). (SP: 274)	Fiar-se na Virgem e não corras (e verás o trambolhão queavas) (ON: 217)	<i>Nhum</i> fiar-se na Virgem	O João fiou-se na Virgem <e não estudou para o exame >!
83	Foi como sardinha: para fugir à sertã, caiu nas brasas. (SP: 278)	Ser como a sardinha: para fugir à sertã, cair nas brasas	<i>Nhum</i> ser como a sardinha: para fugir à sertã, cair nas brasas	O Zé é como a sardinha: para fugir à sertã, caiu nas brasas.
84	Gota é mal de rico; cura-se, fechando o bico. (SP: 287)	Fechar o bico	<i>Nhum</i> fechar o bico	O Pedro fechou o bico <durante o filme>.
85	Grão a grão, enche a galinha o papo (serrão ou paparrão). (SP: 289)	Encher o papo (ANS: 291)	<i>Nhum</i> encher o papo	O Manuel encheu o papo.
86	Homem de sete ofícios, em todos é remendão. (SP: 298)	Dos sete ofícios/instrumentos (ANS: 275)	<i>Nhum</i> ser homem (mulher) dos sete ofícios	O Gaspar é um homem dos sete ofícios.
87	Homem do mar, cabeça no ar. (SP: 298)	Andar com a cabeça no ar (GAS: 62)	<i>Nhum</i> andar com a cabeça no ar	A Dália anda com a cabeça no ar <desde que tem novo namorado>.
88	Homem que bate no peito, velhaco perfeito. (SP: 300)	Bater no peito (ON: 77)	<i>Nhum</i> bater no peito	O João bateu no peito <mas ninguém o levou a sério>.
89	Jogo franco, cartas na mesa. (SP: 309)	Jogo franco (GAS: 382)	<i>Nhum</i> fazer jogo franco com <i>Nhum</i>	O Dário faz jogo franco com o Tó.
90	Jogo franco, cartas na mesa. (SP: 309)	Pôr as cartas na mesa (GAS: 534)	<i>Nhum</i> pôr as cartas na mesa	O Zé pôs as cartas na mesa.
91	Liberdade sem juízo é pólvora em mãos de menino. (SP: 317)	Ser pólvora em mãos de menino	<i>N-hum</i> ser pólvora em mãos de menino	Essa informação é pólvora em mãos de menino.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

92	Língua comprida, mentira maior. (SP: 317)	Ter a língua comprida (GAS:637)	<i>Nhum</i> ter a língua comprida	A Rita tem a língua comprida <não sabe guardar segredos>.
93	Língua suja, não há sabão que a lave.	Língua porca (suja) (ON: 265)	<i>Nhum</i> ter a língua suja	O Zé tem a língua suja.
94	Lisonjas ouvir, orelhas abrir. (SP: 317)	Abrir as orelhas	<i>Nhum</i> abrir as orelhas	O Jorge abriu as orelhas <para ouvir a história>.
95	Lua com circo traz água no bico. (JPM: 270)	Levar/trazer água no bico (ANS: 8)	<i>Nnr</i> trazer água no bico	Essa história traz água no bico.
96	Macaco velho não põe o pé em galho seco. (SP: 321)	Pôr o pé em galho seco	<i>Nhum</i> pôr o pé em galho seco	A Ana pôs o pé em galho seco.
97	Macaco velho não trepa (põe o pé) em galho seco. (SP: 321)	Ser macaco velho	<i>Nhum</i> ser macaco velho	O Pedro é macaco velho.
98	Macaco velho não trepa em galho seco. (SP: 321)	Trepar em galho seco	<i>Nhum</i> trepar em galho seco	A Ana trepou em galho seco.
99	Mais homens se afogam nos copos que no mar. (SP: 325)	Afogar-se nos copos	<i>Nhum</i> afogar-se nos copos	O Zé afogou-se nos copos.
100	Mais vale andar no mar alto do que nas bocas do mundo. (SP: 328)	Andar nas bocas do mundo (ou do povo) (GAS: 65)	<i>Nhum</i> andar na(s) boca(s) do mundo	A Tânia anda nas bocas do mundo.
101	Mais vale ter um pássaro na mão do que dois a voar (que voando vão). (SP: 334)	Ter um pássaro na mão	<i>Nhum</i> ter um pássaro na mão	O SLB <parecia> ter um pássaro na mão <mas deixou-o fugir>.
102	Mata a sede à terra que ela te matará a fome. (SP: 342)	Matar a fome (GAS: 426)	<i>Nhum</i> matar a fome a <i>Nhum</i>	O Tó matou a fome ao Zé.
103	Mata a sede à terra, que ela te matará a fome. (SP: 342)	Matar a sede (ANS: 347)	<i>Nhum</i> matar a sede a <i>Nhum</i>	O Zé matou a sede ao Tó.
104	Mau é ter os olhos maiores que a barriga. (SP: 343)	Ter mais olhos que barriga (ON: 416)	<i>Nhum</i> ter mais olhos que barriga	A Ana tem mais olhos que barriga.



Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

105	Mede o passo conforme a perna. (SP: 343)	Medir o passo conforme a perna	<i>Nhum</i> medir o passo conforme a perna	A Elsa mede o passo conforme a perna.
106	Melhor é mudar de conselho que perseverar no erro. (SP: 345)	Mudar de conselho	<i>Nhum</i> mudar de conselho	O Pedro mudou de conselho.
107	Melhor é mudar de conselho que perseverar no erro. (SP: 345)	Perseverar no erro	<i>Nhum</i> perseverar no erro	O Manuel perseverou no erro.
108	Meu tempo, perdi-o, que malhei em ferro frio.	Malhar em ferro frio (ON: 269)	<i>Nhum</i> malhar em ferro frio	O Zé malhou em ferro frio.
109	Mulher de nariz arrebitado é levada do diabo. (AE: 89)	Levado dos diabos (ON: 258)	<i>Nhum</i> ser levado dos diabos	O João é levado dos diabos.
110	Mulher de pêlo na venta, nem o diabo a aguenta. (SP: 361)	Ter pêlo na venta (ON: 420)	<i>Nhum</i> ter pelo na venta	A Carla tem pelo na venta <ninguém se mete com ela>.
111	Na casa onde a mulher manda, até o galo canta fino. (SP: 368)	Cantar fino	<i>Nhum</i> cantar fino	O João canta fino <ao pé dos polícias>.
112	Não acordes a má sorte quando (ela) está dormindo. (SP: 315)	Acordar a má sorte	<i>Nhum</i> acordar a má sorte	O pescador acordou a má sorte.
113	Não alimentes burros a pão-de-ló. (SP: 373)	Alimentar burros a pão-de-ló	<i>Nhum</i> alimentar burros a pão-de-ló	Espanha <teima em> alimentar burros a pão-de-ló.
114	Não compres gato por lebre. (SP: 375)	Comer/comprar gato por lebre (ANS: 194)	<i>Nhum</i> comprar gato por lebre	O Pedro comprou gato por lebre.
115	Não deixes o certo pelo duvidoso. (SP: 377)	Deixar o certo pelo duvidoso	<i>Nhum</i> deixar o certo pelo duvidoso	O Mateus deixou o certo pelo duvidoso.
116	Não dê ponto sem nó nem fales sem confiança. (SP: 377)	Não dar ponto sem nó (ON: 292)	<i>Nhum</i> não dar ponto sem nó	A Marta não dá ponto sem nó.
117	Não é batendo com uma esponja que se prega um susto. (SP: 379)	Meter/passar/pregar um susto a alguém (ANS: 358)	<i>Nhum</i> pregar um susto a <i>Nhum</i>	O Telmo pregou um susto ao João.
118	Não é com vinagre que se apanham moscas. (JPM: 320)	Apanhar moscas com vinagre	<i>Nhum</i> apanhar moscas com vinagre	O Parlamento <queria> apanhar moscas com vinagre.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

119	Não ensines o Padre-Nosso ao vigário. (SP: 381)	Ensinar o Padre-Nosso ao vigário (GAS: 263)	<i>Nhum</i> querer ensinar o Padre-Nosso ao vigário	O Pedro <quer> ensinar o Padre-Nosso ao vigário.
120	Não gastes cera com fraco defunto. (SP: 383)	Gastar cera com fraco defunto	<i>Nhum</i> gastar cera com fraco defunto	A Ana gasta cera com fraco defunto.
121	Não gastes cera com ruins defuntos. (SP: 383)	Gastar cera com ruim defunto (ON: 228)	<i>Nhum</i> gastar cera com ruim defunto	A Alda gasta cera com ruim defunto.
122	Não há nada como aprendermos à nossa custa. (SP: 390)	Aprender à <i>Poss</i> custa	<i>Nhum</i> <sub>0</sub> aprender à <i>Poss</i> <sub>0</sub> custa	O Zé aprendeu à sua custa.
123	Não julgues a casa pela fronteira. (SP: 394)	Julgar a casa pela fronteira	<i>Nhum</i> julgar a casa pela fronteira	O Pedro julga a casa pela fronteira.
124	Não julgues os cabos pelos começos. (SP: 394)	Julgar os cabos pelos começos	<i>Nhum</i> julgar os cabos pelos começos	A Ana julgou os cabos pelos começos.
125	Não mando a minha sogra para o inferno, porque tenho pena do diabo. (SP: 394)	Mandar para o inferno (ON: 270)	<i>Nhum</i> mandar alguém ou alguma coisa para o inferno	O Tito mandou o João para o inferno.
126	Não metas o bedelho onde não és chamado.	Meter o bedelho (ANS: 45)	<i>Nhum</i> meter o bedelho em <i>Loc</i>	A Cátia meteu o bedelho na casa da Ana.
127	Não metas o nariz onde não és (fores) chamado. (JPM: 334)	Meter o nariz (onde não é chamado) (ANS: 268)	<i>Nhum</i> meter o nariz em <i>Loc</i>	O Fernando meteu o nariz em casa do Tó.
128	Não pôr o pé em ramo verde. (SP: 397)	Pôr o pé em ramo verde (ON: 353)	<i>Nhum</i> pôr o pé em ramo verde	O Zé pôs o pé em ramo verde.
129	Não procures agulha em palheiro. (SP: 398)	Procurar agulha em palheiro (ON: 359)	<i>Nhum</i> procurar agulha em palheiro	O Brás procura uma agulha no palheiro.
130	Não saias da lama, para te meteres no atoleiro. (SP: 399)	Sair da lama e meter-se no lameiro (ON: 381)	<i>Nhum</i> sair da lama, para se meter no atoleiro	O João saiu da lama, para se meter no atoleiro.
131	Não saltes da frigideira para as brasas. (SP: 399)	Saltar da frigideira para as brasas	<i>Nhum</i> saltar da frigideira para as brasas	A Sara saltou da frigideira para as brasas.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

132	Não se apanham pássaros velhos com redes novas. (SP: 400)	Apanhar pássaros velhos com redes novas	<i>Nhum</i> apanhar pássaros velhos com redes novas	O Tó <queria> apanhar pássaros velhos com redes novas.
133	Não se dão pérolas a porcos, nem se sustentam burros à argola. (SP: 400)	Dar pérolas a porcos (ON: 130)	<i>Nhum</i> dar pérolas a porcos	O Luís deu pérolas a porcos.
134	Não se deve contar com o ovo no cu da galinha. (SP: 400)	Contar com o ovo no cu (rabo) da galinha (ON: 112)	<i>Nhum</i> contar com o ovo no cu da galinha	A Ana conta com o ovo no cu da galinha.
135	Não se deve cuspir na sopa que nos mata a fome. (SP: 400)	Cuspir na sopa	<i>Nhum</i> cuspir na sopa	O Tiago cuspiu na sopa <que o patrão lhe deu>.
136	Não se deve cuspir no prato onde se comeu. (SP: 400)	Cuspir no prato (ON: 118)	<i>Nhum</i> cuspir no prato	O Zé cuspiu no prato <onde comeu>.
137	Não se deve ser mais papista que o Papa. (SP: 401)	Ser mais papista do que o Papa (ON: 393)	<i>Nhum</i> ser mais papista que o Papa	O professor é mais papista que o Papa.
138	Não se endireita a sombra duma vara torta. (SP: 400)	Endireitar a sombra duma vara torta (ON: 168)	<i>Nhum</i> endireitar a sombra duma vara torta	O Zé <pretendia> endireitar a sombra duma vara torta.
139	Não se faz(em) omelete(s) sem ovos. (SP: 401)	Fazer omeletes sem ovos	<i>Nhum</i> fazer omeletes sem ovos	O Zé <queria> fazer omeletes sem ovos.
140	Não se pode agradar a Deus e ao diabo ao mesmo tempo. (SP: 402)	Agradar a Deus e ao diabo	<i>Nhum</i> agradar a Deus e ao diabo	O Tó <pretendia> agradar a Deus e ao diabo.
141	Não se pode agradar a gregos e a troianos. (SP: 402)	Agradar a gregos e troianos (ON: 24)	<i>Nhum</i> agradar a gregos e a troianos	A Célia <quer> agradar a gregos e a troianos.
142	Não se pode ganhar Samora em uma hora.	Ganhar Samora em uma hora	<i>Nhum</i> ganhar Samora em uma hora	O Tó <queria> ganhar Samora em uma hora.
143	Não se pode julgar um livro pela capa. (SP: 402)	Julgar um livro pela capa	<i>Nhum</i> julgar um livro pela capa	O Tó julgou o livro pela capa.
144	Não se tapa o sol com uma peneira. (SP: 403)	Tapar o sol com uma peneira (ON: 410)	<i>Nhum</i> tapar o sol com a peneira	O Zé <pretendia> tapar o sol com a peneira.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

145	Não serve de nada deitar pérolas a porcos. (SP: 404)	Deitar pérolas a porcos (ON: 144)	<i>Nhum</i> deitar pérolas a porcos	O Zé deitou pérolas a porcos.
146	Não te fies em cantigas, nem fales de raparigas. (JRMC: 227)	Fiar-se em cantigas	<i>Nhum</i> fiar-se em cantigas	O Filipe fiou-se em cantigas.
147	Não vale a pena chorar sobre o leite derramado. (SP: 406)	Chorar sobre o leite derramado (GAS: 180)	<i>Nhum</i> chorar sobre o leite derramado	A Carla chora sobre o leite derramado.
148	Nem com toda a sede ao pote, nem com toda a fome à arca. (SP: 411)	Ir com toda a fome à arca	<i>Nhum</i> ir com toda a (muita) fome à arca	O Manuel foi com toda a fome à arca.
149	Nem com toda a sede ao pote, nem com toda a fome à arca. (SP: 411)	Ir com muita sede ao pote (ANS: 320)	<i>Nhum</i> ir com toda a (muita) sede ao pote	O Zé foi com toda a sede ao pote.
150	Ninguém foge à sua (própria) sorte. (SP: 420)	Fugir à sua (própria) sorte	<i>Nhum</i> fugir à sua (própria) sorte	A Telma fugiu à sua sorte.
151	Ninguém foge ao seu destino. (SP: 420)	Fugir ao seu destino	<i>Nhum</i> fugir ao seu destino	A Ana fugiu ao seu destino.
152	Ninguém nasce ensinado. (SP: 420)	Nascer ensinado	<i>Nhum</i> nascer ensinado	O João <parece que> nasceu ensinado.
153	O fruto proibido é o mais apetecido. (JPM: 379)	Fruto proibido (ON: 227)	<i>Nnr</i> ser o fruto proibido	A mulher de outrem é o fruto proibido.
154	O gato tem sete fôlegos, e a mulher o fôlego de sete gatos. (SP: 453)	Ter sete fôlegos como o gato (GAS: 643)	<i>Nhum</i> ter sete fôlegos como o gato	A Joana tem sete fôlegos como o gato.
155	O preto no branco fala como gente. (AE: 85)	Falar como gente	<i>Nhum</i> falar como gente	A Ana <já> fala como gente.
156	O preto no branco fala como gente. (AE: 85)	Preto no branco (GAS: 545)	<i>Nhum</i> pôr o preto no branco	O Pedro pôs o preto no branco.
157	O que não tem remédio remediado está. (SP: 476)	Não ter remédio	<i>Nnr</i> não ter remédio	O carro <já> não tem remédio.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

158	O segredo é a alma do negócio. (SP: 481)	Alma do negócio (ON: 29)	<i>Nnr</i> ser a alma do negócio	A publicidade é a alma do negócio.
159	Palavras bonitas não enchem barriga. (SP: 509)	Encher a barriga (GAS: 256)	<i>Nhum</i> encher a barriga	O Tó encheu a barriga <de guloseimas + de férias.>.
160	Palavras loucas, orelhas moucas. (SP: 509)	Fazer orelhas moucas (GAS: 313)	<i>Nhum</i> fazer orelhas moucas	O Tiago fez orelhas moucas.
161	Para a mesa e para a cama, uma só vez se chama. (SP: 512)	Chamar para a cama	<i>Nhum</i> chamar alguém para a cama	A avó chamou a Maria para a cama.
162	Para a mesa e para a cama, uma só vez se chama. (SP: 512)	Chamar/ir/mandar para a mesa	<i>Nhum</i> chamar/ir/mandar alguém para a mesa	A mãe chamou o Tó para a mesa.
163	Pela boca morre o peixe. (SP: 523)	Morrer pela boca (GAS: 450)	<i>Nhum</i> morrer pela boca	A Ana morreu pela boca.
164	Pés quentes, ventre livre e cabeça fria, e desprezar a medicina. (SP: 532)	Cabeça fria (ANS: 70)	<i>Nhum</i> manter a cabeça fria	O Luís manteve a cabeça fria.
165	Quando a raposa anda aos grilos, mal dela e pior dos filhos. (SP: 551)	Andar aos grilos como a raposa (ON: 37)	<i>Nhum</i> andar aos grilos como a raposa	A Ana anda aos grilos como a raposa.
166	Quando menos se espera, o coelho sai da toca. (SP: 556)	Sair da toca (GAS: 592)	<i>Nhum</i> sair da toca	A Soraia saiu da toca <e foi ao cinema com os amigos>.
167	Quando os porcos bailam, adivinham chuva. (SP: 561)	Adivinhar chuva (ON: 20) Andar a adivinhar chuva (ON: 33)	<i>Nhum</i> adivinhar chuva	O amola-tesouras adivinha chuva.
168	Quando se declara a guerra, o Diabo alarga o Inferno. (GV: 88)	Declarar guerra	<i>Nhum</i> declarar guerra a <i>N</i>	O Zé declarou guerra às formigas.
169	Quando um burro fala, os outros abaixam as orelhas. (JPM: 465)	Baixar as orelhas vs Arrebitar a(s) orelha(s) (ANS: 281)	<i>Nhum</i> baixar as orelhas	O Pedro baixou as orelhas quando a Maria falou.
170	Quando vires as barbas do vizinho a arder, põe as tuas de molho. (SP: 564)	Pôr as barbas de molho (ON: 349)	<i>Nhum</i> pôr as barbas de molho	O José pôs as barbas de molho <quando viu as do vizinho a arder>.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

171	Quem arma a esparrela muitas vezes (às vezes) cai nela. (SP: 573)	Armar a esparrela	<i>Nhum</i> armar a esparrela a <i>Nhum</i>	O Zé armou a esparrela ao Pedro.
172	Quem arma a esparrela muitas vezes (às vezes) cai nela. (SP: 573)	Cair na esparrela (ON: 90)	<i>Nhum</i> cair na esparrela de <i>Nhum</i>	O Paulo caiu na esparrela do João.
173	Quem brinca com o fogo, queima-se. (SP: 576)	Brincar com o fogo (GAS: 131)	<i>Nhum</i> brincar com o fogo	A Maria brincou com o fogo.
174	Quem compra fiado paga dobrado. (SP: 581)	Comprar fiado (ANS: 175)	<i>Nhum</i> comprar fiado	O Zé compra fiado <na mercearia lá do bairro>.
175	Quem corre por gosto não cansa. (GF & MF 2008: 509)	Correr por gosto	<i>Nhum</i> correr por gosto (não cansa)	O Miguel corre por gosto <porque quer>.
176	Quem cospe para o ar, cai-lhe na cara. (SP: 582)	Cuspir para o ar (GAS: 206)	<i>Nhum</i> cuspir para o ar	A Ana cuspiu para o ar.
177	Quem dá com a língua nos dentes pode a si mesmo morder. (SP: 582)	Dar com a língua nos dentes (ON: 124)	<i>Nhum</i> dar com a língua nos dentes	A Ana deu com a língua nos dentes.
178	Quem dorme com o diabo na cama, de manhã, faz o que ele manda. (SP: 587)	Dormir com o diabo na cama	<i>Nhum</i> dormir com o diabo na cama	A Ana dorme com o diabo na cama.
179	Quem dorme com os olhos abertos, não tem amores certos.	Ter os olhos abertos (bem) abertos (ON: 418)	<i>Nhum</i> ter os olhos (bem) abertos	A Olga tem os olhos (bem) abertos <para não sofrer no futuro>.
180	Quem dorme em pé não cai da cama. (SP: 587)	Dormir em pé (ON: 157)	<i>Nhum</i> dormir em pé	O Bruno <já > dorme em pé.
181	Quem espera por sapatos de defunto toda a vida anda descalço. (MSC, vol. I: 323)	Esperar por sapatos de defunto (ON: 177)	<i>Nhum</i> esperar por sapato de defunto	O Paulo espera por sapatos de defunto.
182	Quem fala com surdos perde o seu latim. (SP: 593)	Perder o latim (ON: 340)	<i>Nhum</i> perder o latim	O Pedro perdeu o latim <ao conversar com o Tó>.
183	Quem foi à feira (ribeira), perdeu a cadeira. (SP: 594)	Perder a cadeira	<i>Nhum</i> perder a cadeira	O Vasco perdeu a cadeira <que ocupava na CMA>.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

184	Quem foi ao mar (ar), perdeu o lugar. (SP: 594)	Perder o lugar	<i>Nhum</i> perder o lugar	A Tina perdeu o lugar <que ocupava na empresa>.
185	Quem foi ao vento perdeu o assento. (SP: 594)	Perder o assento	<i>Nhum</i> perder o assento	A Ana perdeu o assento <na A.R.>.
186	Quem graça(s) faz (tem) graça(s) merece. (SP: 596)	Fazer graça (GAS: 312)	<i>Nhum</i> fazer graça com <i>Nhum</i>	O Telmo faz graça com a Ana.
187	Quem laço armou nele caiu. (SP: 597)	Armar um laço (ON: 61)	<i>Nhum</i> armar o laço a <i>Nhum</i>	O Chico armou o laço ao Tó.
188	Quem laço armou nele caiu. (SP: 597)	Cair no laço/anzol/na asneira/esparrela/no logro/mundéu (ANS:219)	<i>Nhum</i> cair no laço de <i>Nhum</i>	O Pedro caiu no laço da Ana.
189	Quem meus filhos beija minha boca adoça. (MSC, vol. I: 288)	Adoçar a boca a alguém (ON: 20)	<i>Nhum</i> adoçar a boca a <i>Nhum</i>	A nora adoça a boca à sogra <para agradar ao marido>.
190	Quem morre porque quer, não se lhe reza pela alma. (SP: 601)	Rezar pela alma (ON: 373)	<i>Nhum</i> rezar pela alma de <i>Nhum</i>	O Tó rezou pela alma do Zé.
191	Quem não fala não é boa rês. (SP: 606)	Não ser boa rês (ON: 300)	<i>Nhum</i> não ser boa rês	A Ana não é boa rês.
192	Quem não pode morder não mostre os dentes. (MSC, vol I: 199)	Arreganhar/mostrar o(s) dente(s) a alguém (ANS: 135)	<i>Nhum</i> mostrar os dentes a <i>Nhum</i>	O João mostrou os dentes à Maria.
193	Quem não quer ser lobo não lhe veste (vista) a pele. (SP: 609)	Vestir a pele do lobo	<i>Nhum</i> vestir a pele do lobo	A Maria vestiu a pele do lobo <e cometeu um crime>.
194	Quem não sabe tem de discutir o sexo dos anjos. (SP: 610)	Discutir o sexo dos anjos (ON: 154)	<i>Nhum</i> discutir o sexo dos anjos com <i>Nhum</i>	A Rute discute o sexo dos anjos <com o Tó>.
195	Quem nasce torto tarde ou nunca se endireita. (JPM: 510)	Nascer torto	<i>Nhum</i> nascer torto	O Pedro <já> nasceu torto.
196	Quem nasceu para cinco réis nunca chega a meio tostão. (SP: 614)	Nascer para cinco réis <nunca chegar a meio tostão>	<i>Nhum</i> nascer para cinco réis <nunca chegar a meio tostão>	O Tó nasceu para cinco réis <nunca vai chegar a meio tostão>.

Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

197	Quem põe a mão no fogo, é para se queimar. ( <i>in Dic.</i> 2008)	Pôr as mãos no fogo (ON: 349)	<i>Nhum</i> pôr as mãos no fogo por <i>Nhum</i>	A Joana pôs as mãos no fogo <pele Zé>.
198	Quem quer a moça anda do pé e puxa da bolsa. (SP: 622)	Puxar da bolsa (GAS: 551)	<i>Nhum</i> puxar da bolsa	O Rui puxou da bolsa.
199	Quem quiser bom conselheiro consulte o travesseiro. (SP: 624)	Consultar o travesseiro (ON: 112)	<i>Nhum</i> consultar o travesseiro	A Ana consultou o travesseiro <antes de decidir o que fazer>.
200	Quem roga pragas, em cima do corpo lhe cai. ( <i>in Dic.</i> 2008)	Rogar pragas a alguém (ANS: 321)	<i>Nhum</i> rogar pragas a <i>Nhum</i>	O Tó rogou pragas ao João.
201	Quem sai aos seus não degenera. (JPM: 521)	Sair aos seus (ON: 380)	<i>Nhum</i> <sub>0</sub> sair aos <i>Poss</i> <sub>0</sub>	(O João sai aos seus. + Tu saís <bem> aos teus!)
202	Quem sempre traz má cor, nem é médico nem doutor. (SP: 632)	Ter boa/má cor (ANS: 121)	<i>Nhum</i> ter má cor	O Luís tem má cor.
203	Quem teima em lançar os dados, saem-lhe os pontos variados. (MSC, vol II: 166)	Lançar os dados (ON: 255)	<i>Nhum</i> lançar os dados	O Zé lançou os dados <e aguarda a decisão do juiz>.
204	Quem tem a consciência limpa dorme (morre) tranquilo. (SP: 634)	Ter a consciência limpa/sossegada/tranquila (ANS: 115)	<i>Nhum</i> ter a consciência limpa	A Ana tem a consciência limpa <não cometeu nenhum crime>.
205	Quem tem a faca e o queijo corta onde quer. (SP: 634)	Ter a faca e o queijo na mão (e cortar por onde quer) (ON: 411)	<i>Nhum</i> ter a faca e o queijo na mão	O Luís tem a faca e o queijo na mão.
206	Quem tem a vista curta deve olhar de perto. (SP: 634)	Vista curta (ANS: 390)	<i>Nhum</i> ter a vista curta	O Edgar tem aa em vista curta.
207	Quem tem culpas no cartório, não pode dormir em paz. (JRMC: 352)	Ter culpas no cartório (ANS: 95)	<i>Nhum</i> ter culpas no cartório	O João tem culpas no cartório.
208	Quem tem culpas pague as custas. (MG: 142)	Pagar as custas (ON: 324)	<i>Nhum</i> pagar as custas	A Ana <é que> pagou as custas!



Listagem dos Provérbios e Expressões Fixas

209	Quem tem telhado(s) de vidro, não atira pedra(s) ao do vizinho. (SP: 639)	Ter telhados de vidro (GAS: 643)	<i>Nhum</i> ter telhados de vidro	O Manuel tem telhados de vidro <não devia falar assim do Tó>.
210	Rosário ao pescoço, diabo no corpo. (SP: 652)	Ter o diabo no corpo (ON: 418)	<i>Nhum</i> ter o diabo no corpo	A Ana tem o diabo no corpo.
211	Ruço de má (mau) pêlo, má casta, má cara e má cabelo. (SP: 652)	Ruço de má pêlo (ON: 377)	<i>Nhum</i> ser ruço de mau pelo	O Zé é ruço de mau pelo.
212	Ruivo de má pêlo mete o demo no capelo. (SP: 653)	Ruivo de mau pêlo	<i>Nhum</i> ser ruivo de mau pelo	O Tó é ruivo de mau pelo.
213	Ruivo de má pêlo mete o demo no capelo. (SP: 653)	Meter o demo no capelo	<i>Nhum</i> meter o demo no capelo	A Marta meteu o demo no capelo.
214	São pássaros de arribação, tão depressa estão como vão. (JRMC: 365)	Ave/pássaro de arribação (ANS: 28)	<i>Nhum</i> ser pássaro de arribação	O Tó é pássaro de arribação.
215	Se a pílula bem soubera, não se dourara por fora.	Adoçar/dourar a pílula (ANS: 310)	<i>Nhum</i> dourar a pílula	O médico dourou a pílula <ao dar a notícia ao paciente>.

EXPRESSÕES FIXAS INCLUÍDAS *N'O GRANDE LIVRO DOS*  
*PROVÉRBIOS* DE JOSÉ PEDRO MACHADO (LETRA A)

A burra de Balaão (p. 22)  
A ferro e fogo (p. 30)  
A ferro e sangue (p. 30)  
A minha estrela assim o quis (p. 40)  
A Níobe das nações (p. 46)  
A olhos vistos (p. 46)  
A peito aberto (p. 48)  
A plenos pulmões (p. 49)  
A sede de Tântalo (p. 57)  
A seu salvo (p. 57)  
À socapa (p. 57)  
A torto e a direito (p. 59)  
À tripa forra (p. 59)  
À vara (p. 60)  
À vara larga (p. 60)  
A voz do dono (p. 63)  
A voz do sangue (p. 63)  
Abotoar o paletó (p. 64)  
Abre-te, Sésamo (p. 64)  
Abrir a cancela (p. 64)  
Acender uma vela a Deus e outra ao Diabo (p. 65)  
Achou o cego um dinheiro (p. 65)  
Achou Pedro o seu cajado (p. 65)  
Aconteça o que acontecer (p. 65)  
Acordaste o cão que estava dormindo (p. 65)  
Adão foi feito de barro (p. 66)  
Adivinha quem te deu (p. 66)  
Afastar a polícia (p. 66)  
Aferrar-se com unhas e dentes (p. 66)  
Afiar a língua (p. 66)  
Afiar os dentes (p. 66)  
Afogar o Judas (p. 66)  
Afogar-se em pouca água (p. 66)  
Afogar-se em pingo de água (p. 66)  
Agarrar a ocasião pelos cabelos (p. 66)  
Agora é que a porca torce o rabo (p. 66)  
Agora eu por ser barbeiro (p. 66)  
Água morna (p. 68)  
Aguar o pagode (p. 69)  
Aguentar a cara alegre (p. 69)  
Aglhas por alfinetes (p. 69)  
Aí é que a porca torce o rabo (p. 69)  
Aí é que está o pontinho (p. 69)  
Aí há dente de coelho (p. 69)  
Aí há gato (p. 69)  
Ainda agora a procissão vai no adro (p. 69)  
Ainda há juizes em Berlim (p. 69)  
Ainda não lhe vi as cruces ao dinheiro (p. 70)

Ainda não acabou o dia de hoje (p. 70)  
Ainda não comi ovo de sua galinha (p.70)  
Ainda não deu meio-dia em São Paulo (Bras.) (p. 70)  
Ainda não ter botado a boca em capim verde (Bras.) (p. 70)  
Ainda não se acabou o dia de hoje (p. 71)  
Ainda tem muitas noites que dormir fora (p. 71)  
Ajuntar o louro com a caçamba (Bras.) (p. 71)  
Ajuntar os cacarecos e mudar (p. 71)  
Alcaide busca-me aqui alguém (p. 71)  
Alfa e ómega (p. 71)  
Alfeu e Aretusa (p. 72)  
Algum dia fomos gente (p. 72)  
Alhos e bugalhos (p. 72)  
Alto e bom som (p. 72)  
Amarrar a cabra p'ra outra mamar (p. 73)  
Amarrar o bode (p. 73)  
Amigo como a cabra do cutelo (p. 73)  
Amigo da onça (p. 73)  
Amigo só de chapéu (p. 74)  
Amigo urso (p. 74)  
Amigos como o cão e o gato (p. 75)  
Amontoado como bosta de colhudo (p. 75)  
Amolar o canivete (p. 75)  
Amor de bugios que mata os filhos pelos apertar muito (p. 75)  
Anda a raposa aos grilos (p. 77)  
Anda mouro na costa (p. 78)  
Anda o carro adiante dos bois (p. 78)  
Anda o carro à frente dos bois (p. 78)  
Andam as linguças atrás dos cães (p. 78)  
Andar à coxia (p. 78)  
Andar à gandaia (p. 78)  
Andar à vara (p. 78)  
Andar ao Deus dará (p. 78)  
Andar com a pulga atrás da orelha (p. 78)  
Andar com furão morto à caça (p. 78)  
Andar com ele às costas (p. 78)  
Andar com uma mão no fecho e outra no carro (p. 78)  
Andar como cobra quando perde peçonha (p. 78)  
Andar como gato por brasas (p. 78)  
Andar como pão que não se vende e dívida que não se paga (p. 78)  
Andar como sapo por alqueive (p. 78)  
Andar de candeias às avessas (p. 78)  
Andar de Herodes para Pilatos (p. 78)  
Andar de Jou para Jales (p. 78)  
Andar de Judas para Pilatos (p. 78)  
Andar de mal a pior (p. 78)  
Andar de quebras com cortesias (p. 78)  
Andar de torto em través (p. 78)

Andar de venta inchada (p. 78)  
Andar devagar como quem procura com os pés penico no escuro (p. 78)  
Andar devagarinho para parecer um casamento (p. 78)  
Andar encangando grilo (p. 78)  
Andar entre duas águas (p. 78)  
Andar escovando urubu (Bras.) (p. 78)  
Andar na égua e perguntar por ela (p. 78)  
Andar nas bocas do mundo (p. 78)  
Andar nas suas tamanquinhas (p. 78)  
Andar no cavalo dos frades (p. 78)  
Andar no Mundo por ver andar os mais. *Var.:* Andar no Mundo por ver andar os outros (p. 78)  
Andar num aço (p. 78)  
Andar num pé e noutro (p. 78)  
Andar o carro adiante dos bois (p. 78)  
Andar o mundo às avessas (p. 79)  
Andar para não inchar (p. 79)  
Andar para trás como (o) caranguejo (p. 79)  
Andar para ver e para saber (p. 79)  
Andar pelo pé do gato (p. 79)  
Andar por onde anda a raposa (p. 79)  
Anel (arganel) de ouro em focinho de porco (p. 79)  
Anel de Polícrates (p. 79)  
Ao Deus dará (p. 87)  
Apagar o fogo com azeite (p. 92)  
Apanhar até no céu da boca (p. 92)  
Apanhar a cinza e derramar a farinha (p. 92)  
Apanhar com o rabo na ratoeira (p. 92)  
Apanhar o vento a lenha (p. 92)  
Apanhar pulgas e deixar passar elefantes (p. 92)  
Apertado que só um pinto num ovo (p. 92)  
Apertar o torniquete (p. 92)  
Aposto minha alma contra uma banda de rapadura e meio litro de farinha (Bras.) (p. 93)  
Aprende até morrer (p. 93)  
Aprender em cabeça alheia (p. 93)  
Aprender o bê-á-bá (p. 93)  
Aquecer água para outro tomar mate (p. 95)  
Aqui é que a porca torce o rabo (p. 95)  
Aqui é que a roda pega (p. 95)  
Aqui é que está o busílis (p. 95)  
Aqui é que o pobre aumenta (p. 95)  
Aqui está a chave do fogo (p. 95)  
Aqui está a conta dos ovos (p. 95)  
Aqui há gato! (p. 95)  
Aqui já cá não está... (p. 95)  
Aqui não morreu galego, não! (p. 95)  
Aqui outro galo cantará (p. 95)  
Aqui para nós e para o padre que nos confessa (p. 95)

Aqui para nós que ninguém nos ouve (p. 95)  
Aqui se pagam elas (p. 95)  
Aqui torce a porca o rabo (p. 95)  
Ara! Azeitona de lata não pega (p. 95)  
Arganel de ouro em focinho de porco. (p. 96)  
Arrancou uma botija (p. 96)  
Arranjar cama para outro dormir ou deitar (p. 96)  
Arranjar lenha para se queimar (p. 96)  
Arranjar um (bom) par de botas a... (p. 96)  
Arrastar a mala (p. 96)  
Arrastar e não carregar (p. 96)  
Arrastar pela lama (p. 96)  
Arrear a canastra (p. 96)  
Arrepende-se da hora em que nasceu (p. 97)  
Arrotar grandezas (p. 97)  
Arrotar postas de pescada (p. 97)  
As obras de Mafra (p. 101)  
As obras de Santa Engrácia (p. 101)  
Assar no bico do dedo. *Var.* Assar na ponta do dedo (p. 103)  
Assim ou assado (p. 104)  
Até à consumação dos séculos (p. 104)  
Até aí morreu o Neves (p. 104)  
Até aí morreu o Neves afogado em cuspo (p. 104)  
Até aí Santo Agostinho (p. 104)  
Até esperar não é tarde (p. 104)  
Até lá morre o burro (p. 104)  
Até o Dia do Juízo (p. 105)  
Atiçar o fogo prò churrasco dos outros (p. 105)  
Atirar à(s) bochecha(s) (p. 105)  
Atirar a luva (p. 105)  
Atirar a pedra e esconder a mão (p. 105)  
Atirar a primeira pedra (p. 105)  
Atirar ao (no) que viu e matar o que não viu (p. 105)  
Atirar maduras (p. 105)  
Atirar na porca e acertar no leitão (p. 105)  
Atirar no que vê e acertar no que não vê (p. 105)  
Atirar no que vir e mostrar o que não viu (p. 105)  
Atirar o hábito às ervas (p. 105)  
Atirar pérolas a porcos (p. 105)  
Atirar poeira aos olhos de... (p. 105)  
Atravessar o rio de pepino na mão (p. 106)  
Ave de mau agoiro (p. 106)  
Ave rara (p. 106)